

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SÃO PAULO – CAMPUS SERTÃOZINHO**

GUILHERME FRANCISCO LOPES

**REFLEXÃO SOBRE A ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE UMA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA CONSTRUÍDA A PARTIR DO ESTUDO E
PRODUÇÃO DO GÊNERO MICROCONTO COM A TEMÁTICA DO
TRABALHO**

SERTÃOZINHO - SP

2020

GUILHERME FRANCISCO LOPES

**REFLEXÃO SOBRE A ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DE UMA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA CONSTRUÍDA A PARTIR DO ESTUDO E
PRODUÇÃO DO GÊNERO MICROCONTO COM A TEMÁTICA DO
TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de pesquisa: Práticas Educativas em EPT

Orientador: Prof. Dr. Eduardo André Mossin

SERTÃOZINHO - SP

2020

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo autor

Lopes, Guilherme Francisco

Reflexão sobre a elaboração e aplicação de uma sequência didática construída a partir do estudo e produção do gênero microconto com a temática do trabalho / Guilherme Francisco Lopes -- Sertãozinho - SP, 2020.
149 p.; il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo André Mossin

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Sertãozinho, 2020.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Microconto. 3. Trabalho. 4. Ensino médio integrado. 5. Tema transversal. I. Mossin, Eduardo André. II. Título.

Catálogo na publicação: Gisele Machado da Silva – CRB 8/8554

FOLHA DE APROVAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Guilherme Francisco Lopes

Reflexão sobre a elaboração e aplicação de uma sequência didática construída a partir do estudo e produção do gênero microconto com a temática do trabalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

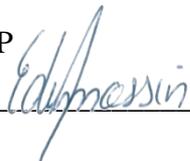
Aprovada em 31 de agosto de 2020

Banca Examinadora

Orientador: Eduardo André Mossin – (Orientador)

Instituição: IFSP

Assinatura: _____



Prof. Dr. Admilson Eustáquio Prates

Instituição: IFNMG

Assinatura: _____



Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues

Instituição: IFSP

Assinatura: _____



FOLHA DE APROVAÇÃO E DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Guilherme Francisco Lopes

Seqüência didática de estudo do gênero microconto e sua produção com a temática trabalho

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 31 de agosto de 2020

Banca Examinadora

Orientador: Eduardo André Mossin – (Orientador)

Instituição: IFSP

Assinatura: 

Prof. Dr. Admilson Eustáquio Prates

Instituição: IFNMG

Assinatura: 

Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues

Instituição: IFSP

Assinatura: 

A Deus, à minha esposa Carina (ou o tudo personificado), a(o) que vai chegar, à minha mãe Maria, ao meu pai Marcelo, aos meus irmãos Júnior e Vinícius e ao meu filhotinho canino Chico, que literalmente esteve ao meu lado em todos os momentos da escrita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha esposa por ser tão presente em todos os momentos da minha vida e, mais ainda nesse, acalentando meu coração em todas as ocasiões de aflição.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos pela vida compartilhada e por tudo que me ensinaram e ensinam até hoje.

À minha sogra e meu sogro, pelo amor, preocupação e cuidados que têm por mim.

Ao coordenador do curso, o Professor Paulo Sérgio Calefi, um ser humano no sentido lato do termo, muito obrigado por me entender e ter tanta empatia com todos os alunos.

Aos colegas do curso, pelo afeto criado, pela troca de experiências de vida e profissionais, em especial aos amigos Andreza, Lucas e Marcelo.

À professora Andreia Dias Ianuskiewtz que teve participação para além da orientação, sempre de grande escuta frente às minhas aflições e entendendo o momento pelo qual eu passava.

Ao professor Eduardo André Mossin, meu orientador na reta final do curso, que me ouviu e me acalmou em todas as conversas trocadas, sempre com muito carinho e atenção.

Ao IFSP Câmpus Araraquara, na pessoa do Diretor Geral Marcel, amigo que me possibilitou o afastamento para a qualificação, sem o qual o caminho seria muito mais difícil.

À minha chefia imediata Cintia, mais que chefe uma amiga, pessoa iluminada e generosa.

RESUMO

Estudiosos do gênero microconto concluem que o seu surgimento está estritamente ligado à rapidez e diversidade das formas de comunicação no atual contexto social, que exigem do leitor outras habilidades além da leitura e escrita convencionais. Nesse sentido, o estudo do microconto em sala de aula pode se constituir uma robusta ferramenta de motivação para os alunos no que se refere à produção, à interpretação e à leitura crítica de textos, uma vez que se trata de um gênero pertencente a seu cotidiano digital, com potencial para diminuir as fronteiras existentes entre os adolescentes e os gêneros literários tradicionalmente estudados e produzidos na escola. Nesse sentido, em articulação ao contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), foi desenvolvida uma sequência didática de estudo e produção do gênero literário microconto explorando o eixo temático “trabalho”, aplicada no primeiro ano de um Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. A proposta de inserção da temática se justificou frente a premência da escola em considerar a valorização da dimensão humana do trabalho como um objetivo central na formação dos sujeitos. Destarte, a sequência didática buscou com os estudos do gênero e a temática aplicada, a apropriação pelos alunos dos conteúdos tratados. A pesquisa teve como objetivo geral o desenvolvimento e validação de uma sequência didática construída a partir do estudo e produção do gênero microconto com a temática do trabalho, utilizando-se da abordagem qualitativa, pois parte dos dados foi obtido mediante a aplicação de questionário semiestruturado e da observação participante, sendo que a avaliação dos dados se deu a partir da realização das referidas ações. Da construção do produto educacional enquanto recurso didático a ser utilizado nas aulas de História e Língua Portuguesa e a análise das contribuições oferecidas ao processo de ensino-aprendizagem, tem-se em seu levantamento de dados resultados satisfatórios quanto a importância de explorar propostas de ensino que priorizem não só a formação acadêmica do aluno, mas também sua formação humana, de maneira a fomentar o pensamento crítico do alunado e motivá-lo à produção de gêneros textuais com o estudo do microconto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Profissional e Tecnológica. Microconto. Trabalho. Ensino médio integrado. Tema transversal

ABSTRACT

Scholars of the short story genre conclude that its emergence is strictly linked to the speed and diversity of forms of communication in the current social context, which require the reader other skills besides conventional reading and writing. In this sense, the study of micro-discount in the classroom can be a robust motivating tool for students regarding the production, interpretation and critical reading of texts, since it is a genre belonging to their digital daily life, with the potential to reduce the boundaries between adolescents and literary genres traditionally studied and produced in school. In this sense, in conjunction with the context of the Graduate Program in Professional and Technological Education in National Network (ProfEPT), a didactic sequence of study and production of the literary genre short story was developed exploring the thematic axis "work", applied in the first year of a Technical Course in Informatics Integrated to High School. The proposal to insert the theme was justified in view of the school's premiss in considering the valorization of the human dimension of work as a central objective in the formation of subjects. Thus, the didactic sequence sought with the studies of gender and the applied theme, the appropriation by the students of the contents treated. The general objective of the research was the development and validation of a didactic sequence constructed from the study and production of the short story genre with the theme of work, using the qualitative approach, because part of the data was obtained through the application of a semi-structured questionnaire and participant observation, and the evaluation of the data took place from the performance of these actions. From the construction of the educational product as a didactic resource to be used in the Classes of History and Portuguese Language and the analysis of the contributions offered to the teaching-learning process, it is in its survey of satisfactory results regarding the importance of exploring teaching proposals that prioritize not only the academic training of the student, but also his human training, in order to foster the critical thinking of the student and motivate him to the production of textual genres with the study of short story.

KEYWORDS: Professional and Technological Education. Short story. Job. Integrated high school. Cross theme

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional

EMI - Ensino Médio Integrado

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

IFSP - Instituto Federal de São Paulo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

ProfEPT – Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica

SD - Sequência didática

TALE – Termo de assentimento livre e esclarecido

TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Questionário: Você conhece o gênero textual microconto?	59
Figura 2 – Questionário: Você já escreveu algum microconto?	60
Figura 3 – Questionário: Como foi a experiência em produzir um microconto?	61
Figura 4 – Questionário: Você gosta de produzir textos?	62
Figura 5 – Questionário: De qual gênero?	63
Figura 6 – Questionário: Costuma compartilhá-los?	64
Figura 7 – Questionário: Onde os compartilha e com quem?	65
Figura 8 - Questionário: Você se sentiria motivado em sua aprendizagem, se textos escritos por você e seus colegas pudessem ser discutidos em outras disciplinas? Justifique	65
Figura 9 - Questionário: O que é trabalho	66
Figura10 – Questionário: Na sua visão quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho?	68
Figura 11 – Você acredita haver relação entre educação e trabalho? Como explicaria essa relação?	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividade de caracterização do microconto	49
Quadro 2 - Sinopse do curta-metragem “O Emprego”	51
Quadro 3 - Reflexões propostas sobre o curta-metragem “O emprego”	51
Quadro 4 - Descrição das atividades da sequência didática	57
Quadro 5 – Inferências e intertextualidade	74

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	12
2 - REFERÊNCIAL TEÓRICO	18
2.1- Aspectos constitutivos e históricos do conto	18
2.2 Breves considerações sobre o conto brasileiro	23
2.3 Uma tentativa de genealogia do microconto	24
2.4 Características do microconto contemporâneo	27
2.5 Microconto como elemento motivador ao aluno.....	32
2.6 Trabalho e (é) educação.....	34
2.7.1 No Brasil.....	37
2.8 O trabalho no capitalismo.....	40
3 - METODOLOGIA	44
3.1 Tipo de pesquisa	44
3.2 Procedimentos metodológicos	46
3.3 Momentos do produto educacional	48
4 - PRODUTO EDUCACIONAL	54
5 - ANÁLISE DOS DADOS	59
4.1 Questionário diagnóstico.....	59
4.2 Discussões sobre o microconto e a categoria trabalho	73
4.3 Produção de microcontos	80
4.4 Síntese após análise	90
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
7 - REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	100
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO	140
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	142
APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	143
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/IFSP	144

1 – INTRODUÇÃO

De forma a contemporizar a microliteratura à realidade do estudante, a naturalidade com que esses jovens criam pequenas histórias em *posts*, seja no *Twitter*, seja no *Whatsapp* ou *Facebook*, sintetizando notícias de variados assuntos (política, economia, sexualidade, entre outros) que rapidamente viralizam, respalda a importância de práticas de escrita voltadas à sua autonomia, em seus diversos momentos de comunicação do dia-a-dia. A tendência em direção à produção de formatos narrativos curtos parece acompanhar a própria evolução da comunicação dos jovens. Do *gif* animado ao *Twitter*, *Whatsapp* e o *Facebook*, as narrativas curtas sempre estiveram em destaque e, atualmente, na era da produção de conteúdo com e para dispositivos móveis, essa tendência está se intensificando rapidamente.

Nesse cenário, as micronarrativas utilizadas no contexto escolar, aqui o microconto, podem constituir uma robusta ferramenta de motivação para os alunos no que se refere à produção, à interpretação e à leitura crítica de textos, uma vez que se trata de um gênero pertencente a seu cotidiano digital, com potencial para diminuir as fronteiras existentes entre os adolescentes e os gêneros literários tradicionalmente estudados e produzidos na escola.

Colocado incidentalmente o gênero alvo do estudo, necessário se faz contextualizar o motivo de se propor o trabalho com os microcontos, o fato é que pelo pesquisador exercer suas atividades laborais no IFSP – Câmpus Araraquara, mais precisamente dentro de sua biblioteca, há contato direto com alguns projetos de extensão, mais diretamente um deles que trata do estudo, produção e submissão de microcontos para um concurso cultural, que ocorre anualmente na Semana do Livro e da Biblioteca. Objetiva-se com o projeto mobilizar e aproximar alunos, egressos e comunidade externa para o despertar do gosto pela leitura, escrita e literatura em geral, assim como proporcionar a interação humana e o aprendizado e apreciação de um novo gênero literário.

Nesse sentido, pretendeu-se, com o estudo do microconto, gênero estritamente ligado à rapidez e diversidade das formas de comunicação no atual contexto social e que exige verdadeira apropriação do aluno da leitura e da escrita, melhorar seu lugar e inserção sociais.

Nas palavras de Cosson (2014, p.33):

[...]saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive.

Ainda de forma a contextualizar e subsidiar a pesquisa, e de mostrar a urgência e importância de se trabalhar gêneros literários em sala de aula, foi feito um rápido levantamento do acervo da biblioteca do IFSP – Câmpus Araraquara, de forma específica com alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, Informática e Mecânica, concernente ao empréstimo e à leitura de livros da biblioteca. Com base nesse levantamento, verificou-se que dos 160 alunos constantes do Ensino Médio Integrado (EMI) ((Informática e Mecânica)), 60% nunca retirou para empréstimo um livro sequer, literário ou científico. Tal dado é preocupante e indica o distanciamento, desinteresse e/ou desencantamento dos alunos pela leitura. Diretamente, essa lacuna deixada pela ausência de leitura, posteriormente, poderá refletir, negativamente, na qualidade da produção de textos, da retórica e da eloquência dos alunos.

Nesse sentido e buscando encontrar uma sintonia entre o gênero microconto e a proposta do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) foi que se procurou utilizar-se de suas bases conceituais, em específico o tema central que é o trabalho, para que fosse produzida uma sequência didática de estudo e ao final de produção de microcontos com a temática.

A escolha da temática “trabalho” como caminho para o desenvolvimento de uma visão de mundo do aluno crítica, contextualizada, deve-se ao fato de que o trabalho, consoante a Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) deve ser o eixo estruturante de todo o ensino médio. Em seu artigo 1º, §2º, a lei define dois princípios norteadores de sua política que são a vinculação da educação ao mundo do trabalho e à prática social:

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996.)

Adiante, no artigo 35, inciso II, há a indicação, de forma expressa, que uma das finalidades da educação é a preparação básica para o trabalho:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; (BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.)

Assim, o trabalho se constitui como princípio organizador do currículo no Ensino Médio. Conforme o Parecer CNE/CP 11/2009¹, a organização curricular deve ser estruturada "a partir das inter-relações existentes entre os eixos constituintes do Ensino Médio, ou seja, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura, tendo o **trabalho como princípio educativo**" (Brasil, 2009, p.3 grifos nossos).

Desse modo, o trabalho deve ser considerado um tema transversal² ao currículo desde as séries iniciais do ensino básico, de forma a oferecer ao aluno conteúdos contextualizados e coerentes sobre o sistema econômico vigente e as características do mundo do trabalho. Ao compreender o trabalho como dimensão da cidadania, pretende-se contribuir para a preparação dos jovens para um engajamento democrático, ativo e crítico não apenas profissional, mas também pessoal e social.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os temas transversais: [...] correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. [...], os objetivos e conteúdos dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade. (BRASIL, 1998b, p. 17).

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar. (PCN, 2000, p.31).

Sobre explorar os temas transversais em sala de aula, "importante é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem. Quando

¹ _____ Parecer CNE/CP nº11/2009 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1685&Itemid= Acesso em: 15 de março de 2018.

² Os "temas transversais" dizem respeito a conteúdos de caráter social, que devem ser incluídos no currículo do ensino fundamental, de forma "transversal", ou seja: não como uma área de conhecimento específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior das várias áreas estabelecidas.

enfocamos o tema transversal Trabalho e Consumo, poderemos enfatizar a informação das relações de trabalho em várias épocas e a sua dimensão histórica, assim como comparar diversas modalidades de trabalho, como o comunitário, a escravidão, a exploração, o trabalho livre, o assalariado. O papel da escola ao trabalhar temas transversais é facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado, através da interdisciplinaridade e transversalidade, buscando não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, para que a Educação realmente constitua o meio de transformação social.” (HAMZE, 2018, s.p)

Dessa contextualização, e colocada a importância de se estudar o trabalho com os alunos do EMI e a importância da escola em considerar a valorização da dimensão humana do trabalho como um objetivo central na formação dos sujeitos, a pesquisa utiliza-se das bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, mais precisamente àquelas referentes ao trabalho aplicadas nas produções dos microcontos confeccionados pelos alunos, investigando também a apropriação dos estudantes acerca do conceito e das aplicações dessa microliteratura, a qual será a ferramenta utilizada para estudo e discussão em sala de aula nas disciplinas de História e Língua Portuguesa.

Destarte, alinhada com a proposta do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), cujos processos educativos desenvolvidos relacionados ao mundo do trabalho possuem centralidade, a linha de pesquisa que se aproxima ao estudo aqui tratado é a intitulada “**Práticas Educativas em EPT**”. Tal linha se fundamenta nas “estratégias transversais e interdisciplinares, que possibilitem formação integral e significativa do estudante, sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais” (BRASIL, 2018, p. [3]).

Nesse mesmo sentido de alinhamento conceitual, o estudo se identifica com o **Macroprojeto 1 - Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT**, já que a pesquisa aqui delineada explora questões de ensino e aprendizagem na EPT, materializadas em uma sequência didática.

Conforme o exposto, o problema de pesquisa consiste em verificar de que forma o estudo do gênero microconto e sua produção com a temática “trabalho”, no contexto escolar, podem contribuir na formação do pensamento crítico do aluno?

Outrossim, foram levantadas questões que nortearam a pesquisa:

1) É possível desenvolver uma sequência didática com ênfase na leitura e escrita de microcontos sobre o tema do trabalho, que, por sua vez, possam ser utilizados como recurso didático nas disciplinas de Língua Portuguesa e História?

2) Quais contribuições as atividades promovidas pela sequência didática podem fornecer para a melhoria das práticas sociais do cotidiano dos alunos?

3) A utilização do gênero textual microconto para abordagem e discussão do tema “trabalho” pode contribuir de maneira crítica e efetiva ao ensino-aprendizagem?

No contexto apresentado acima, esta pesquisa de mestrado tem como objetivo geral o desenvolvimento e validação de uma sequência didática construída a partir do estudo e produção do gênero microconto com a temática do trabalho, que possa, em sua conclusão, ser utilizada como recurso didático nas aulas de História e Língua Portuguesa.

Na construção da sequência didática e sua aplicação, podem-se destacar como objetivos específicos:

- Familiarizar o discente acerca das características do gênero, devendo ser levado a discutir, conhecer e comentar as condições de produção e circulação desse gênero textual;
- Refletir sobre alguns aspectos sociais e históricos do trabalho no sistema capitalista vigente;
- Desenvolver o ensino e a prática da produção de microcontos, promovendo no aluno autonomia, criatividade e criticidade;
- Motivar o aluno à leitura e a produção textual;
- Contribuir para que a pesquisa funcione como um instrumento que proporcione benefícios em termos educacionais, sociais e culturais;
- Trabalhar a produção textual por meio da escrita de microcontos;
- Verificar se a utilização do produto educacional levou a níveis consideráveis de motivação e permitiu aprendizagens relacionadas ao gênero microconto e ao tema trabalho;
- Realizar análises críticas das situações pesquisadas

Este documento está organizado em seis capítulos: no primeiro, foram apresentadas as motivações e o contexto em que o tema está inserido, a problemática e sua justificativa, e também os objetivos e as questões norteadoras da pesquisa. O capítulo dois apresentou a fundamentação teórica, na qual estão articulados os assuntos relacionados a este trabalho. No terceiro capítulo foram definidos o tipo de pesquisa e os procedimentos metodológicos a serem realizados nesta investigação. No capítulo quatro, foi apresentada a descrição do produto educacional, com informações sobre sua criação, forma de aplicação e afins. O quinto trouxe o processo de aplicação da sequência didática, os resultados obtidos na coleta de dados e discussão. Por fim, o sexto capítulo aborda as considerações finais, elaborado a partir da revisão do trabalho.

2 – REFERÊNCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo serão aprofundadas as bases teóricas da pesquisa apresentando o levantamento bibliográfico realizado em torno do gênero textual microconto, das bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Ensino Médio Integrado (EMI), conectando, especificamente, o tema trabalho enquanto princípio norteador de toda a vida humana.

2.1- Aspectos constitutivos e históricos do conto

De início cumpre destacar a carência referencial e de estudos mais aprofundados acerca das características dos microcontos. Poucas pesquisas têm contemplado essa temática no Brasil, mas as já existentes, como a de Spalding (2008), são forte indicador de que o microconto (ou miniconto, micronarrativa, microrrelato, microficcão) é um gênero que tem ganhado força e forma nas últimas décadas – em obras de grandes autores da literatura nacional como Dalton Trevisan, Carlos Seabra, Marcelino Freire e Samir Mesquita.

É válido também notar que mesmo a definição do que seria o “conto” suscitou discussões entre teóricos e críticos dos estudos literários, assim, sobre o conto, será feito um breve passeio pela origem do ato de contar e pelas mudanças pelas quais esse gênero passou até chegar no atual formato de narrativas brevíssimas.

Iniciando o percurso, importante mencionar que a origem do ato de contar está ligada à tradição oral, onde era presente a figura do contador nas estórias, nos causos e nos ensinamentos transmitidos. Pelo fato de a tradição escrita ainda não haver se consolidado a figura do contador, rodeado de ouvintes, transmitia sabiamente todo o conhecimento que, posteriormente, seria disseminado às futuras gerações.

Para Gotlib (2006, p.8), a necessidade do ato de contar fez parte das sociedades primitivas, quando sacerdotes e discípulos se reuniam em suas tribos para transmissão dos mitos e rituais, como também nos dias atuais: as pessoas se juntam em lugares para conversar, ouvir, contar fatos do cotidiano, enfim.

No texto “O Conto se apresenta”, Scliar (2002, p.5-9) mostra ao leitor como se constituíam e propagavam essas estórias milenares ao longo do tempo. Informa:

Devo dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há milhares de anos. É de noite e uma tribos dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo de escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que as vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é espécie de guru para eles. Esperam que dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo na escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

-Conte uma história para eles.

Verifica-se nesse trecho do conto que muitas dessas histórias eram criadas involuntariamente, pela criatividade e imaginação de quem as contava, com o fim de satisfazer não apenas a curiosidade do ouvinte, mas, para manter viva a sua capacidade de sonhar e de se encantar com a história narrada.

Ainda na visão de Gotlib (2006), continuando esse percurso traçado pelo conto, ocorre no século XIV outra mudança. Dessa forma, passa o conto a ser registrado na forma escrita. É aí que se materializa a figura do narrador, juntando o trabalho criativo com as características da narrativa oral, mantendo os mesmos recursos das estórias de molduras.

Tentando entender o percurso do gênero, Hohlfeldt ainda relaciona a evolução das cidades e das descobertas científicas com as mudanças na técnica do conto:

Foi a prensa manual de Gutemberg que, possibilitando a impressão do livro e o abandono do manuscrito, permitiu às coletâneas de narrativas curtas, quase sempre de tom libertino – embora as houvesse também piedosas e moralizantes – sua grande voga. Mais adiante, no século XVIII, foi a imprensa – agora referida mais especificamente como o jornal – que levou à ampla massificação do gênero, conforme anota Barbosa Lima Sobrinho, primeiramente com o “Mércure Galant”, e logo depois outras publicações. (1988, p. 16-7)

Por essa nova estética do conto, consolidado como literário, os estudiosos apontam o século XIX como sendo o marco do conto moderno. Destarte, em meio às mudanças socioculturais e literárias, que acabam por influenciar diretamente as

produções artísticas e culturais, surgem figuras de relevância incontestável no mundo, entre eles, Edgar Allan Poe, o teórico do conto.

Segundo esse autor, há no conto uma estreita relação entre sua extensão e o efeito/reação que ele causa no leitor. Poe quer chamar a atenção para a relevância do equilíbrio entre esses dois pontos, em razão de que se o texto for longo e ou curto demais, o “efeito” acaba sendo comprometido.

De maneira a clarear, esse efeito, segundo Poe apud (GOTLIB, 2006), constitui um estado de “excitação” ou “exaltação da alma”, em face de uma composição literária e, isso é feito de maneira consciente, ou seja, antes da escrita, o autor escolhe como tocará o leitor: se será através do encantamento, do espanto, do choque ou mesmo da reflexão. Para isso, também escolhe em qual tom fará isso, se por meio de uma situação comum ou tom específico, inusitado ou mesmo se utilizando dos dois aspectos.

Contudo, ainda que Poe seja, de forma unânime citado como fundador do conto moderno por pensar em noções perceptivas do gênero, por vários movimentos antagônicos entre si, muito tem se escrito sobre o conto, reforçando ou refutando seu caráter de gênero.

No século XIX, nomes importantes como Guy de Maupassant e Anton Tchekhov dão um novo norte aos contos modernos naquilo que tange os enredos dos seus contos. Nos textos de Tchekhov verifica-se que no enredo não aconteciam grandes acontecimentos, e o clímax da narrativa não tinha um tom explícito, ou seja, havia uma valorização do desenvolvimento em detrimento do desfecho. Nesse sentido, Luzia de Maria (2004, p.40), explica:

Reduz a ação a um mínimo indispensável; registra os fatos da vida numa sucessão de quadros; coloca, em lugar dos tradicionais diálogos, monólogos paralelos que vão descortinando o mundo interior de cada personagem e joga por terra, de uma vez por todas, o esquema da construção dramática tradicional: desenvolvimento, clímax e desenlace.

Com Tchekhov, de maneira bastante ostensiva, o conto deixa de contar uma história que passa “do lado de fora” dos personagens, atraente concatenar de fatos ocorridos “com” eles e introduz indiscreta câmera fotográfica nos seus mundos interiores, retratando o marasmo das consciências entorpecidas pela podridão do tédio.

Pelo exposto acima, vê-se que Tchekhov leva o leitor a refletir sobre sua condição humana, não aquilo que se encontra na superfície dos acontecimentos, mas o poder das suas ações no contexto social. Discutindo temas como opressão,

preconceito, ignorância etc, é uma literatura de cunho social. Assim, por meio de suas atitudes os personagens assumem grande peso nas narrativas, denunciando seu mundo interior.

Guy de Maupassant em seu tempo ficou conhecido como aquele que conseguia segurar a atenção do leitor ao tramar com grande habilidade os acontecimentos nos seus contos. Acerca do estilo de Maupassant, Luzia de Maria (2004, p.35) nos ajuda:

Embora apresente um estilo tenso, de extrema economia e concisão, depurando o texto de tudo aquilo que o comprometa estilisticamente, cabe a ele, talvez mais que qualquer outro de sua época, o título de grande inventor de histórias. Diante de uma página de Guy de Maupassant, o leitor é irresistivelmente enlaçado a partir das linhas iniciais e acompanha, magnetizado, o desenrolar dos acontecimentos, todos interligados pelo princípio da causalidade. Constrói enredos projetando sempre para frente o recurso de uma surpresa bem armada, que causará o espanto ou maravilhamento do leitor no desfecho da história.

A autora nos confirma, segundo a citação supra, o estilo de Maupassant, que literalmente consegue prender a atenção do seu público, pois ainda segundo ela, “tem o que contar”. Na mesma medida, Gotlib (2006, p.47) confirma o acima colocado sobre a contística de Maupassant:

Os contos de Maupassant trazem o acontecimento que flui, naturalmente, sem nada de excepcional. E a qualidade dos seus contos reside exatamente nisto: sua imensa produção de cerca de trezentos contos, traz uma fácil fluência natural do acontecimento, com precisão e descontraída firmeza, produto de uma intensa elaboração seguindo os conselhos do mestre Flaubert.

Deteve-se até aqui em mostrar um breve panorama do percurso traçado pelo conto, mencionando algumas figuras importantes da contística mundial no que diz respeito a qualidade de suas obras e também na influência delas pelo mundo.

No que tange a evolução do termo “conto”, não adentraremos às grandes discussões ocorridas ao longo dos anos, reforçando ou refutando seu caráter de gênero por não ser esse o escopo da pesquisa e por também ser ainda hoje objeto de discussão e polêmica.

Nesse sentido, segundo Gotlib (apud Spalding, 2008. P.14)

antes de concluir que cada conto é um caso teórico, apontando para uma impossibilidade de definições estanques, pondera que o problema da teoria do conto poderia se resumir entre os que admitem e os que não admitem uma

teoria específica. Adiante, a autora tentará uma definição ao considerar impensável desvincular o conto de um conjunto maior de modos de narrar ou representar a realidade, além de reforçar que o conto é uma forma breve, remetendo-nos a um ditado que diz que “no conto não deve sobrar nada, assim como no romance não deve faltar nada” (2006, p. 63).

Isto posto, podemos constatar que, apesar de suas várias terminologias até hoje, o conto constitui-se em um gênero que consegue retratar de maneira condensada a vida em seus diversos ângulos, fazendo com que o leitor ao entrar no texto, consiga identificar e estabelecer relações com ele e outras pessoas do seu contexto social.

Cortázar se utiliza de uma metáfora muito interessante à medida que faz a comparação do conto com a fotografia, a qual segue:

O fotógrafo e o contista se veem obrigados a escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não apenas tenham valor em si mesmos, mas que sejam capazes de funcionar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR 1991, p.151-152).

Sobre essa metáfora, segundo Eduardo Melo França (2008, p.264), a estratégia de Cortázar de aproximar o conto da fotografia é um caminho crítico interessante, pois possibilita foco de exposição de fatos e condensação de linguagem. Nas palavras de França,

Cortázar é feliz quando compara o trabalho do contista com o de um fotógrafo. Em ambos, é preciso ter noção de que o recorte a ser trabalhado precisa aproveitar todos os detalhes, uma vez que são sucintos e intensos. O escritor deve enxergar, tanto na matéria curta em si quanto na que foi concentrada intensamente num relato breve, a mesma possibilidade e dimensões artísticas e problematizadoras que um fotógrafo ao definir seu alvo e foco.

Para Cortázar (1991, p.355-356), “o entusiasmo e a boa vontade não bastam por si só, assim como não basta o ofício de escritor por si só para escrever os contos que fixem literalmente na memória coletiva de um povo.

Encerra-se essa breve contextualização histórica do conto com mais um ensinamento do escritor supramencionado, segundo o qual um escritor de contos precisa-se fundir em duas forças “a do homem plenamente comprometido com a sua realidade nacional e mundial e a do escritor lucidamente seguro de seu ofício”.

2.2 Breves considerações sobre o conto brasileiro

Neste tópico continuaremos a abordar o conto em sua perspectiva histórica até sua transmutação (ou não, dirão alguns) às narrativas brevíssimas, aqui denominado de microconto.

O conto brasileiro passou por várias transformações ao longo do tempo, no que tange aos temas, as técnicas e as formas. Para Teles (2002, p.6) essas mudanças se dividem em três fases: a fase de formação (1530 a 1850); a fase de transformação (1855 a 1882) e a fase de confirmação (1882 a 1967).

O autor coloca que a fase de formação tem três momentos: o primeiro, com “os embriões da narrativa” que são as transcrições de histórias nas obras dos viajantes e catequistas de explicações orais, principalmente nas quais os índios apareciam. O segundo momento com o advento dos jornais, as narrativas curtas vindas em formas de alegorias políticas e satíricas. O terceiro momento se deu com a publicação de *Noite na Taberna*, de Álvares de Azevedo, momento em que os escritores estão adquirindo uma consciência de literatura nacional, mas que vemos ainda a indefinição do gênero, na medida em que os autores consideravam sinônimos os contos, os ensaios, as novelas e os romances.

Importante destacar acerca da indefinição do gênero conto, a afirmação de Cortázar (1999, p.349) em que o conto é de difícil definição, gênero enfim “tão secreto e dobrado sobre si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”. Destarte, compreendemos mesmo frente as imprecisões do gênero, a consolidação e propagação dele não foram impedidas.

A fase de transformação é o período do surgimento dos grandes contistas brasileiros e que se utilizam do termo conto quando fazem referência à narrativa breve. Destacam-se os Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, entre outros. Sobre Machado de Assis, necessário se faz colocá-lo em um patamar acima dos outros, tendo adentrado com primazia não só o conto como outros gêneros e ter abordado temáticas que perpassaram o tempo, e representaram toda a extensão geográfica e cultural do nosso país e até hoje são motivo de estudo por diversos pesquisadores.

Referindo-se a última fase definida por Teles, a fase de confirmação é o período em que o conto se populariza e ganha notoriedade, entretanto, estudiosos ainda o

enxergam dentro da estrutura do romance. Grandes nomes contribuíram para o período, reverenciaremos aqui nomes como Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

De acordo com Teles (2002, p.7), o autor faz uma complementação para a fase atual colocando um rol de Contistas que continuam a tradição, com invenções de temas e linguagem: nomes como Aníbal Machado, Dalton Trevisan, Gerardo França de Lima, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins, Autran Dourado, Luís Vilella, Rubem Fonseca, Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Edilberto Coutinho, Marcelino Freire, Carlos Seabra, Samir Mesquita, Edson Rossatto e muitos outros.

Colocadas essas breves considerações sobre o conto brasileiro e sua trajetória, percebemos que embora o conto ao longo do tempo tenha passado por indefinições quanto a sua classificação, verificamos que no atual contexto, o gênero tem cumprido o que Edgar Allan Poe propunha em sua teoria e, mais a frente, Cortázar (oxigenando-a) que é a condensação de uma história em um espaço-tempo bastante reduzido, a síntese do ato de contar, e como elementos constitutivos a presença de poucos personagens em uma única célula dramática.

2.3 Uma tentativa de genealogia do microconto

No âmbito das formas narrativas que têm despertado interesse de estudiosos em todos os períodos destaca-se o conto. Atravessando milênios de história, o conto chega à contemporaneidade na sua forma mais condensada: o microconto.

Constituído, por vezes, por umas poucas palavras, sua denominação implica numa relação de similaridade com a forma do conto. Gomes (2015, p.13) alerta, desde já, que a tarefa de aprisionar o conto nos limites de uma definição, nos contornos de um conjunto de traços deve ser vista com grande suspeita ou, no mínimo, com a humildade de não se estar diante de uma constatação conclusiva.

David Lagmanovich (2006) acredita que o microconto, deriva do conto, porém não é um subtipo deste nem o substitui. Devemos reconhecer tanto a inegável relação do microconto com o conto, como a presença nele de características próprias e diferenciadoras. Importante mostrar que já de início, a própria nomenclatura do gênero é motivo de divergência, pois autores classificam-no em microconto, micronarrativa, miniconto, narrativa breve, microrrelato, microtexto, enfim, diversas são as possibilidades. Contudo, Lagmanovich acredita que não seja este o principal problema

crítico que se apresenta, optando pelos termos “microrelato” e “microconto”. Para o autor, a grande questão é avaliar se este tipo de texto é pelo menos uma espécie de narrativa válida, tornando-se importante saber “o que é que faz que leiamos um microconto como narração plenamente satisfatória em si mesma, e não como fragmento, anedota, aforismo ou alusão” (2003, p.27).

Sem encerrar sua definição, mas apontar rápida e brevemente seu alcance, Spalding (2012, p.58) informa: “O microconto é um gênero de texto extremamente contemporâneo, em que a brevidade do conto é levada a extremos como textos de um parágrafo e, até de uma frase.” Complementado o conceito dado pelo pesquisador, colocamos como características que entendemos fundantes da micronarrativa a concisão, a brevidade de forma a causarem no leitor um efeito que o impacta. Neles, devem estar presentes os elementos básicos da narrativa (fatos, personagem, tempo, enredo e espaço).

Além da rapidez, percebe-se que os microcontos constroem-se também a partir de outras características. A concisão extrema da forma é uma das principais, na medida em que a escolha das palavras corretas para contar aquilo que se quer, valoriza os silêncios presentes nos textos. Concisão esta que se refletirá também na concisão de personagens, fruto da brevidade, pois não há espaço na narrativa para o desenvolvimento de muitos deles. A concentração espaço-temporal, também é uma marca, porque o pouco espaço para se contar a história faz com que seja necessária, por vezes, a supressão dos cenários da narrativa. A brevidade do conto permitirá ao leitor ter presente consigo o início do relato já em sua leitura do final, o que dificilmente ocorrerá em um romance, por exemplo.

Em outras palavras, esses textos não são curtos por faltar tempo em concluí-los, mas sim porque as escolhas lexicais são cuidadosamente pensadas para impactar o leitor, deixando a ele a tarefa de preencher as lacunas.

Historicamente, o microconto ganha destaque na América Latina no século XX, período em que foram publicadas coletâneas reunindo escritores brasileiros e latino-americanos, uma das evidências de que o novo gênero havia ganhado notoriedade entre leitores e entre teóricos, pois os estudos relativos a essa nova estruturação do gênero ganharam popularidade. Contudo, a condensação da narrativa foi-se aumentando ao longo tempo, e podemos sugerir como o precursor brasileiro do microconto contemporâneo o escritor Dalton Trevisan, sem afirmar, pois

Não podemos afirmar que os textos de Trevisan sejam os primeiros minicontos do Brasil, muito menos os únicos, mas ainda que a falta de estudos acadêmicos consistentes sobre o tema e a ausência de antologias de minicontos no país não nos permitam ser definitivos quanto ao pioneirismo, parece claro que a valorização da concisão e da velocidade como valores poéticos são anteriores à metade do século XX e remetem pelo menos aos modernos e modernistas. (SPALDING, 2008, p.29).

Gonzaga, por exemplo, é partidário feroz da extrema novidade da obra de Trevisan, ao dizer frente ao livro *Ah, é?*:

nenhuma outra criação até aquele momento havia se inserido de forma tão clara dentro do que na América Latina se tinha como gênero consolidado há mais de duas décadas, e um gênero que apresenta como aspecto central o miniconto, das formas de minificção a mais impressionante pelo seu poder de conter narração e outros recursos literários em tão pouco espaço (GONZAGA, 2007, p. 74).

O reconhecimento do autor pela crítica é rápido: já no começo dos anos setenta Trevisan é incluído na famosa antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, organizada por Alfredo Bosi, ao lado de Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins, Clarice Lispector, Rubem Fonseca e outros treze autores. Segundo Spalding (2008, p.37), Bosi, na apresentação, chama a atenção para o fato de que nos contos de Trevisan a concisão é uma obsessão do essencial que parece beirar a crônica, “mas dela se afasta pelo tom pungente ou grotesco que preside à sucessão das frases, e faz de cada detalhe um índice do extremo desamparo e da extrema crueldade que rege os destinos do homem sem nome na cidade moderna” (apud BOSI1995, p. 17).

Mas se nos primeiros livros Trevisan já chama a atenção pela estética de feitiço minimalista, é com *Ah, é?*, de 1994, que o autor leva o microconto a uma espécie de limite, limite esse que já vinha sendo esboçado em meados da década de oitenta, quando a miniaturização de sua prosa chama a atenção da crítica: “se os primeiros textos já eram diminutos, ocupando no máximo seis páginas, atualmente diminuiram ainda mais”(HOHLFELDT, 1988, p. 161).

Vejamos uma das micro histórias de Trevisan e seu alcance interpretativo:

O velho em agonia, no último gemido para a filha:

– Lá no caixão...

– Sim, paizinho.

– ... não deixe essa aí me beijar. (TREVISAN, 1994, p. 122)

Trevisan consegue com apenas 22 palavras apresentar dois personagens e suggestionar outro, além de nos trazer a presença de um conflito entre eles mesmo que não tenhamos a certeza do que é. Lendo-a assim, isolada e única, percebe-se a completude da narrativa, uma completude garantida pela própria tradição criada pela obra de Trevisan, e é esta completude de um fragmento tão pequeno, a recriação do conto num espaço tão exíguo o que faz de Trevisan “o grande mestre” do microconto brasileiro.

A partir do livro *Ah, é?* dado seu grande sucesso de crítica e público, passam a ser publicados diversos outros livros com a micronarrativa como seu centro.

Nesse sentido afirma Spalding (2008, p.40) que o mais importante é que *Ah, é?* foi o impulso que faltava no Brasil para a miniaturização do conto, fazendo com que uma onda de livros com micronarrativas fossem publicados em diante.

Desta forma, já percebemos com alguma clareza a diferença entre o microconto da metade do século XX, contos curtos, de uma página, às vezes menos, mas ainda assim narrativas que procuram preservar as características mais tradicionais de um conto, e o microconto do final do século, ainda mais enxuto, mais elíptico que, como em *Ah, é?*, de Trevisan, pode transformar-se em unifrásico..

2.4 Características do microconto contemporâneo

Fruto da aceleração dos tempos modernos, de um novo contexto de leitura fundado pela fragmentação do próprio tempo dedicado à leitura com a explosão dos multimeios, da impossibilidade de totalização ficcional da vida, da pressa e da escassez dos tempos dedicados à leitura, lida aos bocados nas horas vagas e em contato com aparelhos eletrônicos, do esgotamento das formas tradicionais, especialmente do romance, ou fruto das possibilidades inéditas que os escritores vêm descobrindo quando postos frente à concisão extrema da forma (muitas antologias são programadas com limites de palavras), a produção de minificção vem aumentando cada vez mais seu espaço dentro do universo da literatura contemporânea, conquistando, nas últimas décadas, uma difusão inédita para o gênero. Inúmeras já são as edições em papel, dando suporte a um fenômeno que se desenvolveu, em boa parte das vezes, longe dos interesses das casas editoriais, principalmente em concursos, antologias impressas em pequenas tiragens, e-zines, sites pessoais, blogues e outras possibilidades eletrônicas. (GONZAGA, 2007, p.33)

Tendo em vista que os tempos na contemporaneidade assinalam um andamento cada vez mais rápido, ágil e fragmentado, é natural que a literatura os

reflita, pois como salienta Bauman (2001, p. 8), "são fluídos que se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos". Assim, se insurge o microconto atingindo grande público e agradando pela sua forma compacta de ser. E com as tecnologias digitais ganhou espaço sendo amplamente divulgado em diversas plataformas.

No que tange aos seus aspectos formais, exploraremos a seguir as características indispensáveis ao microconto.

Conforme Campos (2011, p. 1) em seu artigo *Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro*,

Percebem-se como partes comuns a essas narrativas ultracurtas: a brevidade; a intertextualidade; a metaficção; a epifania; precisão cirúrgica que aproxima prosa e poesia; o ficcional entrelaçado a recortes de elementos factuais; o humor; a polissemia; o inusitado; a ironia; a ludicidade da linguagem — para citarmos algumas das características peculiares.

A brevidade é tida como um traço muito importante e mais evidente do microconto, pois é nela que estão condicionados o tema e a forma como ele será abordado.

Alguns autores entendem a brevidade como resultado da criação de situações narrativas únicas com a sugestão de elementos narrativos fundamentais, como é o caso da ação, do espaço, do tempo e das próprias personagens (VALBUENA, 2012: 33).

Contudo, a brevidade é uma questão ainda mais complexa quando exige a elisão desses elementos considerados estruturais para a narrativa clássica. Quando tal acontece, a história só é passível de funcionar com a cumplicidade do leitor, o seu protagonismo. "É no leitor, portanto, que explode a narrativa nuclear. Mais do que isso, é a partir do leitor que ela explode ou não." (SPALDING, 2012, p.61).

Não tendo espaço para todos esses elementos, já que a economia de meios é essencial ao gênero, o microconto deve, de algum modo, torná-los presentes no ato da leitura contando, para isso, com a cooperação adicional do leitor, o que implica por parte deste um esforço interativo maior, que poderíamos chamar de macrocooperação (ANDRADE et.al., 2012: 59).

Pode dizer-se que o microconto se caracteriza, então, pela exigência de um leitor participante, ativo, possuidor de conhecimento cultural e que saiba utilizar-se de estratégias para a interpretação e compreensão da narrativa breve, tornando-se, nessa medida, o coautor da obra. Nesse sentido, Koch afirma que o leitor participa ativamente ao completar o significado do microconto (apud ROJO, 2009: 162).

A intertextualidade é outra marca presente na micronarrativa, porquanto, permitem ao leitor compreender o sistema em que se insere a narrativa e estabelecer as necessárias relações intertextuais. Embora imprescindíveis para a condensação da história, a intertextualidade exige do leitor saberes culturais suficientes para interpretar e completar o significado de qualquer microconto. Com isso queremos dizer que a intertextualidade não depende somente das escolhas criativas do autor, mas sobretudo, da perspectiva do leitor enquanto agente gerador de interpretações.

Seguindo seus elementos estruturantes, claramente não haverá microconto sem uma sucessão de acontecimentos, sem a narrativa, ainda que de forma insinuada, sugestionada, fazendo com que haja a necessidade de que quem os escreve recorrer a determinadas estratégias de economia verbal, precisão, e cuidado extremo com a linguagem.

O número reduzido de palavras obriga a que se rejeitem descrições das situações e dos personagens colocados. É necessário ao autor que “leia nas entrelinhas” já que os dados fornecidos, sugeridos ou suprimidos devem estar presentes ao interpretá-lo.

Outra característica do microconto é o seu final surpreendente e a constante frustração de expectativas que causa ao leitor. A história comprimida, a linguagem utilizada e os finais inesperados implicam a necessidade de algumas leituras para encontrar o seu entendimento, ou não. O uso pelo autor de diversos recursos linguísticos, estéticos, revelam um terreno fértil para a ambiguidade e para linguagem polissêmica.

No que tange ao seu tamanho, por tratar-se de uma literatura relativamente nova, ainda não há consenso quanto a sua classificação. Nas palavras de Seabra (2010), em seu artigo *A onda dos microcontos* disponibilizado no *site* Escrevendo o Futuro,

Autores conceituam e estipulam limites precisos, nascendo assim algumas classificações: nanocontos (até 50 letras, sem contar espaços e acentos), *microcontos* (até 140 toques, contando letras, espaços e pontuação) e minicontos (alguns estipulando 300 palavras; outros, 600 caracteres). Nada disso é muito rigoroso e depende de critérios editoriais de quem os adotou. O limite de 150 toques cabe no formato de envio de texto pelo celular, o chamado "torpedo". Hoje se usa muito o limite de 140 toques do Twitter – cada vez mais um difusor da microliteratura, que, provavelmente, acabará impondo este limite como padrão.

Para o trabalho proposto, utilizou-se do termo microconto e do limite de 140 toques/caracteres. Como pode se observar, as definições variam quanto ao número de caracteres para adaptar-se ao suporte onde são veiculados esses textos, ou mesmo para atender aos imperativos dos próprios autores.

“O que fica evidente é que a concisão vocabular aliada à captação do inusitado buscando impactar o leitor – seja pela via do humor, da ironia ou do drama – são características intrínsecas dessa microliteratura.” (CARDOSO, 2016, p.7) Ou seja, os espaços deixados pelo autor devem ser calculados de tal forma que permitam ao leitor mobilizar “elementos contextuais – em particular os de ordem sociocognitiva e interacional” (KOCH & ELIAS, 2014, p. 189) para estabelecer a coerência e construir sentidos para o texto.

Dessa forma, no *microconto*, muito mais importante que a precisão na quantidade de caracteres urge construir a trama narrativa de forma a convidar o leitor a “preencher” as elipses do texto e entender a história por trás da história escrita.

Abaixo, relacionamos alguns microcontos de autores relevantes para que verifiquemos seu alcance interpretativo:

Vende-se: sapatinhos de bebê, nunca usados. (HEMINGWAY, [194-?])

Em apenas sete palavras, nos é contada e/ou sugerida uma narrativa completa. Nota-se que a essência da história é tão forte que, basta muito pouco para mostrar os contornos e a profunda emoção que ela carrega. Contudo, ao lê-lo, não se sabe, verdadeiramente, o que aconteceu. O leitor, ao ser provocado, tentará imaginar ou descobrir o motivo de o par de sapatos, nunca usados, estarem à venda. “É no leitor, portanto, que explode a narrativa nuclear. Mais do que isso, é a partir do leitor que ela explode ou não”. (SPALDING, 2012, p.61)

Uma vida inteira pela frente. O tiro veio por trás. (FREIRE, 2004, p. 16)

Aqui, vemos estar implícita nas entrelinhas a primeira ação no texto, em que a personagem, por ter vida, existe. A segunda ação, detectada por meio do motivo, o tiro. A personagem morre. Percebe-se que a sucessividade e integração estão contidas na oposição das palavras “vida” e “morte”, “frente” e “trás”. Porém, a

identificação entre o tempo e o espaço fica em aberto, cabendo ao leitor preencher esses espaços a partir de suas experiências.

Já era tarde e eles ainda dormiam, aproveitando o início de calor da manhã, sob o cobertor roxo, característico dos mendigos. (MORALLES, 2012).

Observa-se que somente quando a palavra “mendigos” é mencionada é que o entendimento se completa. O leitor é levado a acreditar em uma linha narrativa durante o desenvolvimento da história e, somente quando ela se conclui há uma quebra de expectativa e se revela outra linha narrativa.

NO EMBALO DA REDE

Vou,
mas levo as crianças. (FREIRE, 2004, p. 14)

Em apenas cinco palavras, o autor cria uma cena onde conseguimos identificar, implicitamente, uma sucessão de acontecimentos em uma ação apenas. O narrador projeta essa sucessão através do verbo “ir” condicionando a ação ao ato de levar seus filhos embora, e essa fala sugere o clímax de uma longa discussão sobre a separação do casal. Nota-se que o conflito entre as personagens faz com que a história tenha uma sequência necessária para ser contada, e não apenas um fragmento descontextualizado de uma história.

Assim, as micronarrativas apresentam uma sequência de ações que contam uma história. Sem esse processo narrativo, sem ação, não há microconto. Se faz importante, portanto, diferenciá-lo dos aforismas, anedotas e/ou de um mero fragmento narrativo.

A teoria do iceberg de Hemingway

“Se um escritor de prosa sabe o suficiente sobre o que está escrevendo, pode omitir as coisas que ele conhece ao leitor, se o escritor estiver escrevendo verdadeiramente suficiente, terá um sentimento dessas coisas tão fortemente como se o escritor os houvesse declarado. A dignidade do movimento de um iceberg deve-se apenas a um oitavo dele estar acima da água. Um escritor que omite as coisas por não as conhecer apenas faz lugares vazios em seus escritos. Um escritor que aprecia tão pouco a seriedade de escrever, que ele

está ansioso para fazer as pessoas vêem que ele é formalmente educado, culto ou bem-educado, é apenas um papagaio”.

Com base no supracitado, e à medida que no microconto intensifica-se a importância do não dito na narrativa, mais até que o desenvolvimento da trama, “a teoria do Iceberg de Hemingway é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se conta. A história secreta se constrói com o não dito, com o subtendido e a alusão”. (PIGLIA. 1994, p.39).

Hemingway atribui a imagem que o iceberg traz no nosso inconsciente, aquilo que não está sendo prontamente identificado e processado, aquilo que não é explícito, o não-dito prevalece sobre o dito. Para Hemingway

se o escritor está escrevendo com verdade suficiente, terá uma sensação mais forte do que se o escritor declarasse tais coisas. A dignidade do movimento do iceberg é devida ao fato de apenas um oitavo de seu volume estar acima da água. (1996, p. 192).

Para o autor, em explanação sobre sua própria obra, afirma que se um escritor tem conhecimento preciso do que se propõe a escrever, conseqüentemente terá recursos para escolher o que quer e o que não quer revelar. E relaciona esse não dito, esse não revelado, com a imensa parte do iceberg que está submersa. Em seu famoso microconto: “Vende-se: sapatinhos de bebê, nunca usados” (já mencionado anteriormente), talvez tenha com êxito conseguido exemplificar o quanto a parte oculta em uma história pode abarcar em profundidade.

Até o momento, com base nos referenciais levantados, fizemos um rápido panorama do percurso histórico traçado pelo conto, mencionando algumas figuras importantes da contística brasileira e mundial, e posteriormente, tentando mostrar uma possível genealogia do microconto brasileiro. Por último, pincelamos a teoria do iceberg, de Ernest Hemingway.

2.5 Microconto como elemento motivador ao aluno

Para produzir textos com qualidade, é preciso que o aluno saiba quer dizer, para quem quer dizer e como dizer. Portanto, antes da escrita de um texto, cabe ao professor proporcionar meios para que o aluno possa desenvolver suas habilidades.

Necessário se faz ao aluno conhecer previamente o gênero que vai produzir para que o faça de acordo com suas características, além de conhecer sobre o que vai escrever, para que possa discorrer de maneira eficaz sobre o assunto. Para tanto, faz-se necessário que o aluno tenha contato com atividades que o estimulem a escrever. A leitura é a das mais importantes, pois para se produzir textos com qualidade, ou seja, “textos que fazem uso consciente dos recursos expressivos da língua com a finalidade de produzir deliberados efeitos de sentido sobre bem determinados leitores começa com a introdução do leitor no processo de produção de texto” (GUEDES, 2009, p.52)

Acredita-se, assim, que a leitura e escrita de microcontos pode ser um motivador que mobilize os alunos e os estimule à produção textual, por tratar-se de um gênero pertencente a sua realidade.

Com base no que foi exposto, e entendendo ser o gênero microconto um importante instrumento pedagógico em sala de aula, dada a sua contemporaneidade à realidade do estudante, buscamos utilizá-lo como ferramenta em sala de aula para servir de motivador para a discussão de temas, de maneira que ocorra a integração com outros componentes curriculares.

Assim, importante se faz apontar para a especificidade dos textos literários, como um rico espaço aberto para um trabalho integrado com outros textos em linguagem verbal (oriundos de outros gêneros discursivos), criando uma rede para múltiplas leituras de mundo e para a compreensão e apreensão do potencial expressivo da linguagem. (KUENZER, 2009).

Na próxima sessão será apresentado o “trabalho” como tema a ser discutido com os alunos e que será alvo das produções feitas por eles. Por se tratar de um programa de mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica – EPT, necessário se fez articular o estudo do gênero microconto com as bases conceituais da EPT. Assim, para uma adequada apropriação da temática, serão feitas reflexões com base nas aulas e estudos ao longo do curso acerca do “trabalho” e seus sentidos.

2.6 Trabalho e (é) educação

É por meio do trabalho que o homem se diferencia do reino animal, no momento em que ele se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida, enquanto que aos animais caberá sua adaptação inconsciente à natureza. Agindo sobre a natureza o homem transforma-a, ajustando-a às suas necessidades.

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (MARX E ENGELS, 1974, p.19)

Isso quer dizer que a ação humana, voluntária e consciente, de transformação da natureza para a existência do homem no mundo é o que conhecemos por trabalho. Mais que isso, o trabalho como sendo a própria produção do homem, e ao mesmo tempo sua própria formação enquanto ser humano, culmina em um processo educativo. Assim, “a produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem”. (SAVIANI, 2007).

Com o desenvolvimento das práticas sociais e culturais, com o acúmulo de conhecimentos sobre o mundo e a natureza, tornou-se cada vez mais necessário teorizar as práticas do trabalho para transmiti-las às novas gerações. Sendo assim, foi aprendendo socialmente, pelo trabalho, que se descobriu ser possível ensinar.

O trabalho se dá, dessa forma, como um valor intrínseco à vida humana e ao conhecimento que ele proporciona na relação com a natureza e os demais. Associada à visão de Marx, Ciavatta considera o trabalho como atividade ontológica:

[...] atividade ontológica, estruturante do ser social, como um valor extrínseco à vida humana e ao conhecimento, que ele proporciona na relação com a natureza e com os demais. É o trabalho como princípio de cidadania, no sentido de participação legítima nos benefícios da riqueza social, que se distingue das formas históricas e alienantes, de exploração do trabalhador, presentes na produção capitalista (CIAVATTA, 2005, p. 92).

Nesse sentido o que nos torna humanos em essência é o fato de que não apenas agimos sobre a natureza: nós somos capazes de pensar, planejar e antecipar o resultado de nossa intervenção. Nas palavras de Marx (2004, p.211-212):

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar a sua vontade.

Em uma perspectiva histórica, se pode perceber como as concepções de trabalho mudaram nas diferentes sociedades ao longo dos diferentes sistemas de produção que vigiam. Nesse sentido, esclarece-nos Saviani (2003, p.133):

Na formação dos homens, deve-se considerar o grau atingido pelo desenvolvimento da humanidade. Conforme se modifica o modo de produção da existência humana, portanto o modo como o ser humano trabalha, mudam as formas pelas quais os homens existem. É possível detectar, ao longo da história, diferentes modos de produção da existência humana que passam pelo modo comunitário, o comunismo primitivo; o modo de produção asiático; o modo de produção antigo, ou escravista; o modo de produção feudal, com base no trabalho do servo que cultiva a terra, propriedade privada do senhor; e o modo de produção capitalista, em que os trabalhadores produzem com meios de produção que não são deles. Esses diferentes modos de produção revolucionam sucessivamente a forma como os homens existem. É a formação dos homens ao longo da História traz a determinação do modo como produzem a sua existência.

No comunismo primitivo, onde se iniciou a ideia de sociedade, a produção dos meios de vida se dava de maneira coletiva, sem divisão de classes. Os indivíduos produziam para o seu consumo, cujo objetivo econômico era a produção dos valores de uso. A produção social era calcada, decisivamente, nas necessidades do clã. Dessa forma, por apropriarem-se coletivamente da existência, os homens educavam a si e as novas gerações pelo ato de trabalhar, portanto, trabalho e educação são, dessa forma, ontologicamente uma coisa só.

O nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade condicionava o regime comunista primitivo. A posteriori, frente ao avanço no desenvolvimento das forças produtivas da sociedade primitiva, o aprimoramento e invenção de novos instrumentos, introdução do pastoreio e da agricultura, e o uso de metais, provocaram a alteração nas relações de produção de então. Conforme as forças produtivas

estavam mais desenvolvidas, paralelamente a uma crescente complexidade social e um maior domínio sobre as condições de produção, surgiu também uma maior divisão do trabalho. O desenvolvimento de todos os ramos da produção tornou a força de trabalho do homem capaz de produzir mais do que o necessário para a sua manutenção. Assim, dadas as condições históricas gerais de então, a primeira grande divisão social do trabalho, ao aumentar a produtividade deste, e por conseguinte a riqueza, e ao estender o campo da atividade produtora, tinha que trazer consigo, necessariamente, a escravidão. Da primeira grande divisão social do trabalho, nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados.

Gradualmente, as comunas primitivas foram desaparecendo frente ao surgimento de novas e mais complexas necessidades materiais, as quais determinaram a sua substituição por uma sociedade dividida em classes, minando a produção e apropriação comum da produção, criando assim a troca entre os indivíduos e o nascimento da propriedade privada.

Com a produção marcada pela troca e não mais pelo consumo pessoal de subsistência, os produtos passaram, necessariamente, de uma mão para outra, fazendo com que o produtor não soubesse qual o fim de sua produção. Adiante, ao implemento da concepção de valor monetário sobre a coisa produzida, o sistema de troca fez com que se tornasse mais incerto o destino final do produto. As mercadorias, então, não passavam só de mão em mão, mas de mercado a mercado.

Dessa forma, o desenvolvimento da divisão social do trabalho e do equipamento técnico usado pelo homem, o aparecimento do domínio territorial e da apropriação dos meios de produção, e finalmente a expansão da escravatura, levaram gradualmente à divisão da sociedade em grandes grupos que ocupavam diferentes posições sociais.

Sobre a divisão do trabalho social e suas implicações, explica-nos Saviani (2007, pg.155):

O advento da propriedade privada tornou possível à classe dos proprietários viver sem trabalhar. Claro. Sendo a essência humana definida pelo trabalho, continua sendo verdade que sem trabalho o homem não pode viver. Mas o controle privado da terra onde os homens vivem coletivamente tornou possível aos proprietários viver do trabalho alheio; do trabalho dos não-proprietários que passaram a ter a obrigação de, com o seu trabalho, manterem-se a si mesmos e ao dono da terra, convertido em seu senhor.

Verificou-se então, que essa relação indissociável entre o trabalho e a educação, com a divisão do trabalho social não prosperou, porquanto para uma parcela da sociedade que passou a viver do labor alheio, passou-se, também, para uma educação dividida com vistas a formar senhores e aqueles que os serviam, suprimindo com o trabalho desses as necessidades daqueles que os dominavam. Tem-se início uma relação de exploração de uma classe dominante sobre outra dominada, separando o trabalho manual do intelectual, a teoria da prática, fazendo com que o trabalho seja visto como uma desagradável necessidade humana.

Nesse sentido, conclui Saviani (2007):

é o modo como se organiza o processo de produção – portanto, a maneira como os homens produzem os seus meios de vida – que permitiu a organização da escola como um espaço separado da produção. Logo, a separação também é uma forma de relação, ou seja: nas sociedades de classes a relação entre trabalho e educação tende a manifestar-se na forma da separação entre escola e produção”.

2.7.1 No Brasil

No Brasil, historicamente o dualismo teve início com a escravidão, e nesta condição, os trabalhadores escravizados necessitavam apenas de instrução de trabalho, mas não da escola (CIAVATTA, 2005). No final do século XIX e início do século XX iniciam-se os processos de industrialização, levando a necessidade de suprir o mercado interno, demandando o ensino profissionalizante.

Uma marca desse processo é a separação entre a educação de caráter mais propedêutico e a formação profissional. A primeira, destinada a um grupo restrito da população, os filhos das classes dirigentes em que o fim de seu processo de escolarização é a chegada ao ensino superior, para perpetuação da classe. A segunda, dirigida aos demais, um tipo de educação com vistas a alimentar o grande conjunto de trabalhadores. Essa separação é fruto da cultura escravocrata da sociedade brasileira, de supervalorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual. Como ensina Saviani (2007), o trabalho tem, evidentemente uma dimensão manual, mas é também categoria ontológica, de relação primeira entre o ser humano e a natureza. Se determinados extratos da nossa população são

educados e formados longe dessa perspectiva, é difícil que compreendam o significado do trabalho para a sociedade. Por outro lado, se a outra parcela da sociedade é educada de maneira a perpetuar a visão de que a ela compete o trabalho manual, não haverá avanço no que tange ao “conjunto de conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade, portanto, não terão efetivo domínio científico, sobre o conteúdo do seu trabalho, nem poderá mudar suas condições de vida.

Como buscou-se descrever brevemente até aqui, a dualidade educacional expressa na oferta dissociada da educação propedêutica e profissional se constitui como característica da educação brasileira. Embora iniciativas tenham tentado romper tal barreira, as condições estruturais da sociedade, fundadas nos interesses do capital, foram determinantes para que a formação da força de trabalho e das elites dirigentes mantivessem percursos distintos e pré-determinados.

Será feito um salto ao ano de 2004, momento em que, a partir da vigência do Decreto nº 5.154/04, que estabelece que a organização da educação profissional possa ser desenvolvida por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação, refletindo um ganho que consiste na possibilidade de ofertar a educação profissional de nível médio por meio da integração dos conhecimentos científicos e tecnológicos. O decreto traz princípios e diretrizes do ensino médio integrado à educação profissional num esforço de alguns reformistas para vencer a clássica dicotomia entre conhecimentos específicos e gerais, entre ensino médio e educação profissional, pleiteando a integração da formação básica e profissional de forma orgânica num mesmo currículo. Nesse contexto, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica se destaca ao materializar a educação profissional integrada ao ensino médio com significativa qualidade. Entretanto, cabe frisar que o ensino médio integrado ao ensino técnico se configura como uma solução transitória, já que

[...] a educação politécnica [ou Educação Profissional e Tecnológica] não é aquela que só é possível em outra realidade, mas uma concepção de educação que busca, a partir do desenvolvimento do capitalismo e de sua crítica, superar a proposta burguesa de educação que potencialize a transformação estrutural da realidade. O ensino médio integrado é aquele possível e necessário em uma realidade conjunturalmente desfavorável – em que os filhos dos trabalhadores precisam obter uma profissão ainda no nível médio, não podendo adiar este projeto para o nível superior de ensino –, mas

que potencialize mudanças para, superando-se essa conjuntura, construir-se uma educação que contenha elementos de uma sociedade justa (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2012, p. 44,).

Esses avanços estão consolidados com a Lei nº 11.892/2008, que Instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, momento em que percebemos que essa fase da educação profissional e tecnológica, ofertada nos Institutos Federais, não está voltada apenas para formação de profissionais preparados para desempenhar uma tarefa no mercado de trabalho. “O objetivo é proporcionar um conhecimento amplo e com base sólida, que estimule o aluno a compreender os princípios científico, tecnológicos e históricos da produção moderna, por meio da integração de uma formação geral sólida e uma formação profissional qualificada.” (SILVA, 2017, p.7).

Nessa perspectiva, como aponta Ramos (2011, p.31),

o horizonte da formação é a formação politécnica e omnilateral dos trabalhadores e tem como propósito fundamental proporcionar-lhes a compreensão das relações sociais de produção e do processo histórico e contraditório de desenvolvimento das forças produtivas.

Posteriormente, em 2014, houve um grande avanço com a alteração feita por meio do Decreto nº 8.268/14, que incluiu como premissas, também, que a educação profissional deverá observar a centralidade do trabalho como princípio educativo e a indissociabilidade entre teoria e prática. Trabalho enquanto princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, formando pessoas capazes de atuar como dirigentes e cidadãos.

Assumir o trabalho como um princípio educativo implica então reconhecê-lo como um princípio ético-político que permeia a educação e os processos formativos de um modo geral. Trabalhar constitui-se, assim, um dever e um direito; dever que implica a colaboração com a produção dos bens necessários à vida humana e à sociedade e um direito que se materializa por meio da compreensão desses processos de produção, bem como no estabelecimento de relações com a natureza e na construção de possibilidades efetivas de transformá-la (FRIGOTTO, 2012).

Com essa definição do trabalho enquanto um princípio que educa finaliza-se a seção e prossegue a tratar do trabalho, agora pelo seu significado no sistema econômico vigente, o capitalismo.

2.8 O trabalho no capitalismo

Em uma perspectiva histórica, percebe-se como as concepções de trabalho mudaram nas diferentes sociedades ao longo dos diferentes sistemas de produção. Para o conceito que se tem hoje de trabalho, o capitalismo, para poder se afirmar, teve e tem de negar todas os outros modos para se impor como o único legítimo.

Apoiando-se no pensamento de Frigotto, vê-se que se diferenciam “o trabalho na sua dimensão criadora da vida humana (dimensão ontológica) das formas que assume o trabalho no capitalismo – trabalho sob a forma de emprego ou assalariado”. (FRIGOTTO, 2002, p.12).

Com efeito, no capital, o trabalho daqueles desprovidos de propriedade de meios e instrumentos de produção é reduzido à sua dimensão de força de trabalho. Nesse sentido, em uma sociedade que se estabelece a partir da divisão de classes, o trabalho perde seu sentido ontológico, implicando na exploração dos detentores dos meios de produção da vida sobre a classe-que-vive-do-trabalho³.

O trabalho no capitalismo é alienador e mutilador da vida, pois ele, assim como a propriedade, desloca a centralidade do valor de uso para o valor de troca, com o fim de gerar mais lucro ao capital, de forma que “o trabalho assalariado passa a ser a pedra de toque, o manancial de onde se torna possível a acumulação e a riqueza de poucos, mediante a alienação e exploração do trabalhador”(Frigotto, 2002, p.17).

Ainda de acordo com o autor, “o trabalhador é alienado ou perde o controle sobre o produto do seu trabalho e do processo de produção. Transforma-se em mercadoria e força de trabalho (Frigotto, 2002, p.17)”. O que é pago ao trabalhador em forma de salário é apenas parte do tempo que ele produziu, o restante lhe é tomado. Além disso, o trabalhador é extorquido por meio da apropriação do trabalho excedente, conforme seu empregador, para que obtenha lucro em sua transação,

³ Designação dada por Ricardo Antunes (2009, p.102), a classe-que-vive-do-trabalho diz respeito à totalidade de homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que são constrangidos a vender sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de salário; ou seja: o proletariado industrial e rural, os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários, os assalariados do setor de serviços, os trabalhadores de *telemarketing* e *call centers*, além dos desempregados. O autor ressalta que o proletariado industrial é o seu núcleo principal, porque produz diretamente mais-valia. No entanto, estão excluídos gestores do capital e os que vivem de juros e da especulação, os pequenos empresários e a pequena burguesia urbana e rural proprietária, ainda que possam se constituir importantes aliados da classe trabalhadora no campo político.

exige uma quantidade maior de força de trabalho (produção) do que paga para o trabalhador que se vê obrigado a aceitar essa exploração.

Para a perpetuação dessa lógica de exploração, a ideologia exerce um papel importante, sendo ela um dos principais instrumentos de dominação de uma classe sobre a outra, de forma a construir a ideia de que o salário pago à classe trabalhadora é justo pela sua produção, pois pressupõe aspectos de igualdade entre os detentores do capital (empregador) e a classe trabalhadora que vende sua força de trabalho. A ideologia, dessa forma, internaliza a ideia de uma classe social, de maneira que pareça inquestionável e natural, mesmo para os de outra classe. Desse modo, “passa-se a ideia de que se alguém acumula bens e é rico, o é por mérito individual, pelo seu trabalho e seu esforço, ou se é pobre, é por falta de dedicação e esforço” (Frigotto, 2002, p.20).

Nesse sentido, para apreender o trabalho na sociedade atual, faz-se necessário ressaltar a forma alienada que ele assume no modo de produção capitalista – o trabalho assalariado - tanto na relação do trabalho com o produto, quanto na relação daquele com sua própria atividade:

Analizamos o ato de alienação da atividade prática humana, o trabalho, segundo dois aspectos: 1) a relação do trabalhador com o produto do trabalho como a um objeto estranho que o domina [...]; 2) A relação do trabalho com o ato da produção, dentro do trabalho. Tal relação é a relação do trabalhador com a própria atividade, assim, como com alguma coisa estranha, que não lhe pertence [...] (MARX, 2002, p. 115)

Desta maneira, Costa (2009, p. 71) complementa essa ideia ao afirmar que sob a vigência do contrato de trabalho assalariado no capitalismo, o trabalhador vende a mercadoria força de trabalho: seu tempo, sua força física e mental e seu comprometimento moral, durante uma jornada semanal, em troca da mercadoria dinheiro, de modo que, nesse período de sua vida cotidiana, tudo que ele fizer não lhe pertence. Na sociedade capitalista, portanto, cujo fundamento está na propriedade privada dos meios de produção, as possibilidades de desenvolvimento de um processo de autocriação, por meio do qual o homem pode se tornar mais universal e livre, “reverte-se num sistema de exploração e escravização do homem pelo homem.”

No capitalismo, a própria força de trabalho se transforma em uma mercadoria qualquer, que se compra e se vende no mercado, e, que por essa razão, passa a

pertencer a quem a compra. Neste caso, o trabalho é associado à exploração de seres humanos por outros seres humanos. Os que trabalham diretamente, a classe trabalhadora, o fazem porque não possuem os meios necessários a manter sua subsistência fora do mercado, quer dizer, precisam vender de alguma forma a sua força de trabalho no mercado, para, com o dinheiro que recebem em troca dessa venda (normalmente chamado de salário) voltarem ao mercado como compradores de mercadorias necessárias à sua sobrevivência.

O trabalhador, enquanto um ser que detém as suas subjetividades, nessas condições, as tem transformadas em objetos, que funcionam para a autoafirmação e a reprodução de uma força estranhada, determinada pelo capital. O indivíduo chega a auto alienar suas possibilidades mais próprias, vendendo por exemplo sua força de trabalho sob condições que lhe são impostas, ou, em outro plano, sacrifica-se ao consumo de prestígio, “imposto pela lei de mercado” (Tertulian, 1993).

O trabalhador é para o capital apenas mais um meio (coisa) de valorização do lucro.

De acordo com o Ricardo Antunes (2004), isso faz com que o trabalho se torne uma atividade compulsória: “Se o trabalhador não executa o trabalho assalariado, não recebe a remuneração e morre de fome. Por isso, a ideia que temos de trabalho livre só é aparente. O trabalhador é livre para vender sua força de trabalho – mas, se não fizer isso, morre”, observa.

O professor Marcelo Badaró completa:

“Vivendo em função dessa troca, aparentemente equivalente, de mercadorias, o trabalhador não pode identificar em seu trabalho algo que faça sentido para ele, já que não controla o tempo durante o qual despense sua força de trabalho, nem o produto desse trabalho, nem a relação social que estabelece com os outros trabalhadores para produzir. Assim, aquele sentido original do trabalho como estruturante das relações sociais, portanto humanas, não desaparece na sociedade capitalista, mas está completamente subsumido ao sentido histórico do trabalho para o capital”. (BADARO 2012, p.52)

De forma a compreender a importância da questão do trabalho, Frigotto (2009, p.169) remete à sua materialidade quando acentua que o trabalho deve ser visto sob o prisma de disputa de sociedade, hegemônica e contra-hegemônica:

Essa compreensão me conduz ao pressuposto de que os sentidos e significados do trabalho resultam e se constituem como parte das relações sociais em diferentes épocas históricas e um ponto central da batalha das ideias na luta contra-hegemônica à ideologia e à cultura burguesas. Esse pressuposto, como consequência, leva-me ao mesmo tempo a compreender

e tratar as relações de produção e de reprodução sociais, a linguagem, o pensamento e a cultura de forma histórico-dialética e, para não cairmos em uma discussão abstrata, atemporal ou – nos termos de Marx – escolástica, que o sentido do trabalho, expresso pela linguagem e pelo pensamento, só pode ser efetivamente real no campo contraditório da práxis e em um determinado tempo e contextos históricos.

A necessidade de construção de uma contra hegemonia, “de uma outra concepção de mundo na sociedade civil, para que o bloco que ocupe o poder não o exerça pela dominação, é uma lição que, nos parece, a história nos desafia a aprender. Buscar, então, compreender as diferentes determinações que nos conduziram até onde estamos é um imperativo ético-político”. (RAMOS, 2008, p.555)

É importante salientar que a vida cotidiana não se mostra meramente como o espaço por excelência da vida alienada, mas, ao contrário, como um campo de disputa entre a alienação e a desalienação. Como observamos no tocante à subsunção do trabalho ao capital, nas relações trabalho/capital, além e apesar de o trabalho “subordinar-se” ao capital, ele é um elemento vivo, em permanente medição de forças, gerando conflitos e oposições ao outro pólo formador da unidade que é a relação e o processo social capitalista.(ANTUNES, 2004, p.350)

A partir dos referenciais tratados acima acerca do gênero microconto e de alguns apontamentos importantes sobre a categoria trabalho (porquanto tal categoria para ser explorada de forma mais complexa necessitaria de um trabalho inteiro voltado à ela) é que se pretendeu pautar a sequência didática.

3 METODOLOGIA

Pensando em uma atividade de pesquisa que forneça resultados significativos, ela deve ser estruturada, seguir procedimentos específicos para coleta e análise dos dados, e sustentar-se em uma metodologia adequada. Assim, este capítulo procura apresentar e justificar a escolha da **Sequência Didática** como o produto educacional escolhido para o desenvolvimento do trabalho. Também se discute os conceitos da pesquisa participante, elenca e fundamenta o método da coleta de dados que foi empregado nas etapas do trabalho. Por fim, apresenta o contexto de aplicação e o passo-a-passo do desenvolvimento da pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

Pesquisar, conforme caracteriza-se nos dicionários, entende-se por investigar, com a finalidade de descobrir conhecimento novos, recolher elementos para o estudo de algo. De forma a complementar esse entendimento, o ato de pesquisar trata-se da busca por respostas frente às inquietudes humanas. É pela pesquisa que se pode corroborar ou refutar hipóteses levantadas.

Definindo a pesquisa sobre esses parâmetros, ela teve como escopo o desenvolvimento e validação de uma sequência didática construída, aplicada e aperfeiçoada a partir dos resultados obtidos pelo estudo e produção do gênero microconto e da temática trabalho, de acordo com as bases conceituais da EPT.

A pesquisa utilizou-se de estudos bibliográficos, tendo sua natureza qualitativa, e definida como pesquisa participante.

Assim, para que fossem construídas análises sobre a possibilidade em verificar de que forma a leitura e produção do gênero microconto sobre o tema “trabalho”, no contexto escolar, podem ajudar na formação do pensamento crítico dos alunos do 1ºano do Curso Técnico em Informática integrado do Ensino Médio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSP), localizado no Câmpus Araraquara, foram utilizados os procedimentos metodológicos a seguir.

A pesquisa é considerada de natureza aplicada, afinal, “[...] está menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal que para a aplicação imediata

numa realidade circunstancial” (GIL, 1994, p. 27), ou seja, trata-se de uma pesquisa que visou compreender os impactos práticos do conhecimento em determinada situação (GIL, 1994), “dirigidos à solução de problemas reais” (SILVA; MENEZES, 2005, p.20), que no caso do trabalho em questão consistiu em compreender os impactos do produto educacional proposto.

No que tange à natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa, participante, com caráter exploratório, na medida em que se preocupa com a qualidade das informações prestadas pelos sujeitos. Devido ao caráter subjetivo do estudo, utilizou-se da metodologia qualitativa, uma vez que será observada a importância de atividades pedagógicas de um determinado grupo, situado em um cenário próprio. Dessa forma, Gregolin e Boccato (2010, p.3) descrevem a metodologia qualitativa como sendo aquela que aborda o objeto de pesquisa sem a preocupação de medir, de mensurar, de quantificar os dados correlatos.

Pesquisa participante segundo Le Boterf (1984), é a pesquisa em que a população envolvida objetiva identificar seus problemas, analisá-los e buscar as soluções adequadas. Nesse sentido, é importante, portanto, salientar que os participantes não têm suas funções resumidas a delegação de tarefas, pois todos são detentores do conhecimento produzido e colaboradores na pesquisa. Sendo assim, “a pesquisa participante tem o elemento da flexibilidade, porquanto o pesquisador em interação com os pesquisados no campo de estudo, poderá fazer ajustes, criando situações para a consecução efetiva da coleta dos dados, retroalimentando e interferindo no processo.” (FERREIRA, 2019, s.p)

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados a observação participante em todas as atividades propostas, o questionário para diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos acerca dos saberes sobre o microconto (anexo 1) e o tema trabalho, materiais produzidos pelos alunos ao longo do processo. A inserção do pesquisador ocorreu durante toda a aplicação da sequência didática mediando as atividades e registrando as discussões. Mais especificamente, a observação ocorreu de forma artificial porquanto o observador se juntou ao grupo com o propósito específico de realizar a investigação.

Vale ressaltar que outro recurso essencial foi a pesquisa bibliográfica, realizada constantemente, que constituiu a base teórica para as reflexões desenvolvidas.

O projeto de pesquisa, assim como os instrumentos de coleta de dados foram previamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFSP.

3.2 Procedimentos metodológicos

No que tange a concepção e elaboração do produto educacional, sequência didática, as atividades foram desenvolvidas e planejadas com base nos temas microconto e trabalho visando a conexão entre eles. Importante colocar que a proposta de uma sequência didática com o microconto deve ser encarada como uma atividade interlocutiva à medida que escrevemos para alguém ler, isso faz toda a diferença quando comparada ao trato burocrático da tradição de escrita na escola. Nas palavras de Kuenzer (2009, p.102), “escrever para alguém ler implica reconhecer que o interlocutor é um dos condicionantes dos nossos textos.

A cronologia do desenvolvimento da pesquisa pode ser dividida nas seguintes etapas:

- Escolha e delimitação do tema;
- Identificação do problema de pesquisa e levantamento de questões norteadoras;
- Levantamento bibliográfico para a construção do referencial teórico;
- Criação da metodologia
- Criação e desenvolvimento do produto educacional;
- A submissão e aprovação do projeto de pesquisa junto a Plataforma Brasil, que normatiza pesquisas realizadas com seres humanos;
- A aplicação dos recursos educacionais elaborados em sequência didática, seguida pela coleta, análise, registro e discussões acerca dos resultados obtidos.

A sequência didática foi escolhida como instrumento de aprendizagem, pois, como enfatiza Zabala (1998), as sequências didáticas são uma forma de articular diversas atividades ao longo de uma unidade didática, podendo analisar as diferentes formas de intervenção de acordo com as atividades realizadas. Além disso, as sequências didáticas podem indicar a função das atividades na construção dos conhecimentos e na aprendizagem de diversos conteúdos, avaliando a relação entre eles, sendo orientada para a realização de determinados objetivos.

O contexto da aplicação se deu no Câmpus Araraquara do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, e teve como sujeitos da pesquisa, o pesquisador, os alunos do 1ºano do Curso de Informática integrado ao ensino médio

e a professora de Língua Portuguesa. Apesar da preferência do pesquisador em colocar-se como expectador neste processo de dissertação, evitando o uso textual em primeira pessoa, ao longo do processo de implementação da sequência didática proposta houve algumas alterações que se fizeram necessárias.

Antes da análise da aplicação do produto ressalta-se que o Projeto do Mestrado, por envolver a participação de seres humanos, foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do IFSP, de forma online pela Plataforma Brasil, tendo sido aprovado. Além disso, os alunos participantes levaram para assinatura de seus representantes legais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos A e B).

Anteriormente às coletas de dados iniciais, o pesquisador pediu autorização à direção geral do câmpus, uma vez que envolveria os estudantes, professores e seus planejamentos. Posteriormente, foi apresentada a proposta ainda incidental do trabalho a dois professores, um de história e outra de língua portuguesa, os quais estiveram envolvidos, inicialmente também, na concepção e elaboração do produto educacional.

O projeto aprovado no exame de qualificação propunha uma tentativa de interdisciplinaridade na execução da sequência didática com a intervenção dos professores de língua portuguesa e história sendo que a pesquisa seria realizada nos horários regulares das aulas, e em sala de aula.

A seguir serão apresentados os momentos metodológicos que compuseram a aplicação da sequência didática, que ao longo do caminho necessitou de algumas modificações em relação ao produto educacional idealizado (Apêndice A), algumas alheias à vontade do pesquisador.

3.3 Momentos do produto educacional

As atividades de aplicação do produto educacional ocorreram no final do 2º semestre de 2019, com a turma do 1º ano de informática do EMI, no IFSP – Câmpus Araraquara. Participaram da pesquisa os 39 alunos matriculados e, como já colocado anteriormente, todos solicitaram aos seus responsáveis a anuência via termo específico para a participação.

De início, cumpre mencionar a inserção do pesquisador ao longo da realização da sequência didática, mediando as atividades e registrando as discussões. Segundo Lakatos e Marconi (1991), a observação direta permite o uso dos sentidos na análise de comportamentos e fenômenos no contexto ao qual se dá a pesquisa, permite o contato com a realidade dos indivíduos participantes, possibilita a análise de uma amplitude de fenômenos que não constam em questionários.

No primeiro encontro com a turma, foi disponibilizada uma aula pela professora de Língua Portuguesa para apresentação do objetivo do produto educacional e do programa de mestrado Profept em que o pesquisador é aluno. Na sequência foi aplicado um questionário diagnóstico com a elaboração de questões que pudessem mensurar qualitativamente os conhecimentos prévios dos discentes a respeito do gênero textual microconto e da categoria trabalho. Vale salientar que o trabalho com o microconto, por ser um gênero que envolve o posicionamento crítico, tanto do escritor e mais ainda do leitor, comunga com as orientações da formação integral do educando, uma vez que reforça a importância de projetos e ações que permitam a inserção do homem na sociedade, de forma participativa, ética e crítica. Quanto ao tema transversal em estudo, o trabalho, permite a discussão de conceitos importantes para abordagem com os alunos, relacionados por exemplo, com o sentido que o trabalho assumiu ao longo do tempo e as relações de trabalho no sistema vigente, o que torna o assunto mais próximo dos alunos.

No que tange a utilização do questionário como importante instrumento de coleta de dados, para Gil (2010), o questionário é uma forma impessoal, fácil e rápida de se obter informações e, embora também tenha seus aspectos negativos, levou-se em consideração nesta pesquisa que era uma forma adequada de coleta de dados

para o contexto em que foi aplicado, trazendo em sua elaboração, perguntas que contemplam tanto os objetivos gerais quanto específicos da pesquisa, direta e indiretamente ligados ao fenômeno estudado.

A observação não estruturada, segue objetivos pré definidos, mas não conta com o preenchimento rígido de um roteiro (LÜDORF,2004), o que faz com que tenhamos, no processo de coleta de dados, dois instrumentos distintos em sua rigidez.

No segundo encontro, o pesquisador fez uma apresentação em sala com recursos em slides do gênero textual microconto para a sua caracterização, de modo que conseguissem visualizar as principais características que o diferencia de outros gêneros, como a narratividade, a concentração extrema do espaço-temporal, totalidade, brevidade e concisão, subtexto, a quebra de expectativa e o protagonismo do leitor. Juntamente, foram apresentados aos discentes diversos microcontos de vários autores, muitos deles conhecidos do público em geral, para leitura e compreensão de suas características. Para essa atividade foram selecionados os microcontos das obras “Os cem menores contos brasileiros do século”, organizada por Marcelino Freire (2004); “Dois palitos” de Samir Mesquita (2011); “Cem toques cravados”, de Edson Rossatto (2012), Microcontos de Carlos Seabra disponibilizados no site do próprio autor. A cada aluno foi dado um microconto aleatório e foi pedido que realizasse a leitura e, posteriormente, pudesse retirar do texto as características que o fazem ser uma breve narrativa. Para isso, foi aplicada a atividade do quadro abaixo:

Quadro 1 – Atividade de caracterização do microconto

ATIVIDADE 1
Conforme você deve saber, os contos possuem 5 categorias narrativas: o narrador, as personagens, o enredo, o tempo e o espaço. Nesta atividade iremos ver que algumas dessas categorias são textualmente reduzidas no microconto, mas isso não atrapalha a leitura e interação do leitor com o texto.
a) Vamos tomar o primeiro microconto para esta atividade. Trabalharemos a categoria de personagem. Quantos personagens são envolvidos nessa história? Como você os imagina?

b) Vejamos agora a categoria narrador. O texto pode ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Em que pessoa o microconto em questão é narrado? Como é possível saber isso?

<hr/> <hr/> <hr/>
<p>c) Com relação às categorias de tempo e espaço. Quanto tempo poderia ter durado a trama narrada no microconto em questão? Como você imagina o cenário em que isso aconteceu?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>d) Toda narrativa conta uma história, ou seja, possui um enredo. Com relação a essa categoria, qual o enredo desse microconto?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Fonte: elaboração própria

Na sequência, com o objetivo de confrontar vários textos do mesmo gênero a fim de reforçar suas características estruturais, estilísticas e composicionais, foi pedido aos alunos que se dividissem em turmas de quatro, e escolhessem dois microcontos para apresentar aos colegas e socializar o seu alcance interpretativo.

Na terceira etapa do produto educacional, cuja aplicação dar-se-ia na aula de História, seriam discutidos alguns aspectos como os sentidos que o trabalho assumiu ao longo da história, do mundo do trabalho nos dias atuais, como flexibilização, trabalho precarizado e alienação do trabalhador, entretanto, em decorrência das dificuldades em conciliar os horários e o conteúdo da disciplina, não foi possível pelo professor a disponibilização de aulas para tal. Sendo assim, o pesquisador aplicou-a, de forma mais reduzida na aula de Língua Portuguesa, também.

Assim, no terceiro momento, houve a exibição do curta-metragem: “O emprego” de Santiago Bou Grasso (2008) cujo filme discute, grosso modo, a relação homem e trabalho na sociedade capitalista, mostrando que o homem é um mero objeto que cumpre funções de forma passiva. Assim, o homem não desenvolve as suas potencialidades e encontra-se impossibilitado de perceber que está submetido aos próprios produtos que cria.

Importante inserir a sua sinopse:

Quadro 2 – Sinopse do curta-metragem “O emprego”



Sem palavras, sem música e em apenas 6 min, **El Empleo** consegue dar conta de retratar um mundo em que não se sabe bem o limite entre os objetos e os seres. A partir da simples rotina de um homem, a animação nos mostra a complexidade das relações de trabalho no mundo contemporâneo e mostra aquilo que normalmente está invisível.

Quantas pessoas trabalharam para que tenhamos o nosso café da manhã todos os dias, as nossas roupas, ou pudéssemos fazer nossos inúmeros trajetos diários? E, principalmente, até que ponto refletimos qual o sentido de nossas funções em toda essa complexa engrenagem?

Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jqTMIRISg3w&t=313s>>

Para que os alunos sentissem o impacto da obra, o mesmo foi exibido sem qualquer introdução.

Após a exibição do curta-metragem, seguindo o roteiro proposto, foram inseridas oralmente algumas questões para os alunos, no intuito de observar como foi sua reflexão a respeito do filme, as quais foram respondidas e refletidas também de forma oral.

Quadro 3 – Reflexões propostas sobre o curta-metragem “O Emprego”

✓ <i>Sobre o que a obra está refletindo?</i>
✓ <i>Quais os questionamentos propostos e como está organizado o mundo retratado na obra?</i>
✓ <i>Essa organização valoriza o ser humano ou o transforma em objeto?</i>
✓ <i>Quais as condições em que o trabalho presente no filme se desenvolve?</i>
✓ <i>Os alunos acreditam que essa representação corresponde ao mundo que observam em seu dia a dia?</i>

✓ *Como as cores, os sons e os desenhos dos personagens contribuem para a construção do efeito melancólico e desumanizado?*

Fonte: elaboração própria

Posteriormente, **no quarto momento**, baseando-se nos estudos em sala de aula acerca dos microcontos e do trabalho, solicitou-se aos alunos que redigissem seus próprios microcontos de forma conceituada e contextualizada. Nesse momento, o pesquisador lembrou aos alunos os elementos necessários para a sua produção. Durante a elaboração dos microcontos, tanto o pesquisador quanto a professora mediam a atividade, auxiliando os discentes na elaboração técnica do texto, não da temática. Isso significa dizer que, no que diz respeito ao tema (trabalho), que é também alvo central da pesquisa, os alunos precisariam por eles mesmos refletirem a respeito da temática, para que o pesquisador, a posteriori, pudesse observar sua apropriação dos conhecimentos tratados em sala.

É pertinente ressaltar que a compreensão do texto literário e sua escrita, aqui o microconto, dependerá de vários aspectos, como a idade, as condições sociais, experiências com a leitura (oral ou escrita), entre outras considerações. Noutras palavras, o fato de alguns discentes não conseguirem ter a compreensão de um texto literário, fazer inferências, comparações com outras referências de leitura, não significa que a proposta didática não esteja cumprindo sua função de aprendizagem, sua função social, ao contrário, isso sinaliza ao corpo educacional, em especial aos professores, que o texto deve ser o centro de qualquer ação, pois é dessa forma que o aluno-leitor e, porque não, escritor, será formado.

Visto que toda produção textual pressupõe um interlocutor, foi solicitado ao aluno que compartilhasse seu microconto com seus colegas para que, de forma coletiva, os sentidos das produções pudessem ser construídos. É importante inferir que, ao término da sequência didática, os microcontos produzidos seriam levados à aula de História para que, em uma roda de conversa, o professor e os alunos pudessem compartilhar e construir reflexões coletivamente sobre o conteúdo das produções. Entretanto, a atividade necessitou ser concluída, imediatamente, ao término da produção dos discentes em sala.

Faz-se necessário informar, novamente, que, no início do planejamento da proposta didática, haveria integração entre as disciplinas de Língua Portuguesa e História para a consecução das atividades, com os dois professores sendo sujeitos ativos da pesquisa. Ocorre que por questões de calendário e execução dos planos dos cursos dos docentes, o pesquisador teve dificuldades na aplicação do trabalho, mesmo porque as aulas seriam ministradas por eles. Outro ponto que é preciso destacar, é que o pesquisador é servidor da biblioteca do câmpus da pesquisa e cumpre seu horário no momento das aulas, o que acabou por prejudicar, também, a aplicação.

As atividades realizadas na sequência didática foram todas realizadas pelo pesquisador e os alunos, com a supervisão da professora de Língua Portuguesa, não sendo possível a aplicação na disciplina de História e, desta forma, a concretização da aplicação do produto educacional idealizado. Entretanto, cabe sinalizar que no momento das atividades houve muito boa participação e perceptível motivação dos alunos nos temas estudados.

Com base nos estudos dos temas microconto e trabalho, no questionário aplicado, nas atividades realizadas e na produção escrita final, o pesquisador efetuou as análises das produções e foi feita investigação sobre a percepção da aprendizagem auferida. Apesar da aplicação não ter ocorrido da maneira idealizada, o pesquisador conseguiu o objetivo de executar a sequência didática e retirar resultados consistentes, os quais serão apresentados no capítulo referente a análise dos dados.

4 – PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional proposto trata-se de uma sequência didática (Apêndice A) construída a partir do estudo e produção do gênero microconto, fruto da pesquisa desenvolvida durante o Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Conforme mencionado na metodologia deste trabalho, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFSP, município de Araraquara, com a participação de 39 alunos do primeiro ano do EMI do curso de Informática.

A exploração do gênero textual microconto em sala de aula se justifica pela necessidade de estimular cada vez mais os alunos para a leitura e a escrita, tendo em vista as inúmeras exigências sociais quanto ao domínio dessas habilidades, especialmente no que diz respeito à capacidade crítica; de síntese e de construção desse gênero na escola. Nesse sentido, Lopes-Rossi (2011) atestam que

“um dos méritos do trabalho com gêneros discursivos, é o fato proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se às atividades dos alunos”(LOPES-ROSSI,2011.p.70-71)

Acerca da importância do microconto como objeto de ensino-aprendizagem, Spalding (2008, p.59) afirma que “o microconto pode ser encarado como uma “narrativa nuclear” de poder e efeito semelhantes aos da “bomba atômica”, tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve a partir da história projetada, explodida no ato da leitura”. Sob esse prisma, entende-se que a compreensão desse gênero passa necessariamente pelos vários conhecimentos de mundo dos seus interlocutores e, assim, quanto maior esse saber, mais eficiente se dá a compreensão.

“Ao estudar o microconto comprovamos a sua riqueza para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, capaz de incentivar o estudante a voos mais altos, a fazer germinar o prazer de ler e refletir sobre o lido. A leitura é rápida, mas não necessariamente de rápida compreensão; pelo contrário, é mais complexa do que se julga com olhar superficial. Exige percepção, cumplicidade e imaginação. Uma narrativa extremamente concisa não significa falta de conteúdo, leitura e escritura fácil. Por isso, é capaz de estimular a reflexão, a criatividade e fascinar tanto leitores quanto escritores.”
(CARVALHO, 2017, p.278)

No que tange a escolha pela sequência didática, Noverraz, Schneuwly e Dolz (2004, p.96) a definem como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito". Nele é possível que o docente propicie situações reais com contextos que reproduzem a situação concreta de produção textual, incluindo a circulação do gênero. Além disso, os autores entendem que ensinar um gênero textual é levar o aluno a dominá-lo para posteriormente ter condições de produzi-lo na escola ou fora dela. Assim justificam para o ensino de produção de textos, a organização das sequências didáticas.

O produto educacional desenvolvido está disponível para visualização e download no EduCAPES. Trata-se de um repositório de objetos educacionais abertos para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós-graduação. Para ter acesso ao material por meio do repositório é necessário acessar o link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/582268>

O procedimento metodológico/operacional do produto educacional contemplou as etapas a seguir:

Quadro 4 – Descrição das atividades da Sequência Didática

	Momento 1 Aula Língua de Portuguesa	Momento 2 Aula Língua de Portuguesa	Momento 3 Aula de História	Momento 4 Aula de Língua Portuguesa
Etapa da Sequência Didática	Aplicação de um questionário diagnóstico com questões sobre o gênero abordado e sobre o tema trabalho (Apêndice A) Produção inicial do microconto antes do estudo	- Aula expositiva e dialogada sobre o gênero microconto - Proposição de situações de leitura e compreensão dos microcontos de vários autores - Atividade de observação e análise do microconto, constante nas Atividades 1, 2, 3, 4 e 5	- Aula expositiva e dialogada sobre os conceitos e significados do tema trabalho, no sistema capitalista - Exibição do Curta-metragem: “O emprego ⁴ ” de Santiago Bou Grasso (2008) - Atividade de discussão e debate com os alunos sobre a aula e os recursos audiovisuais.	Produção de microcontos de forma conceituada e contextualizada com o tema trabalho. Análise das produções e leitura coletiva Investigação da aprendizagem Compilação e publicação dos microcontos produzidos Possibilidade de utilização das micronarrativas produzidas, em outras turmas.
Objetivos de Aprendizagem	Verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero textual e a temática que serão alvo do estudo. Essa atividade tem o intuito de enxergar as concepções e percepções dos alunos acerca do	- Familiarizar o discente com as características do gênero, devendo ser levado a discutir, conhecer e comentar as condições de produção e circulação desse gênero. - Aqui ainda o aluno deve apropriar-se das características discursivas do	- Refletir sobre os aspectos sociais e históricos do trabalho no sistema capitalista vigente.	Verificar se o aluno teve compreensão das características composicionais, temáticas e estilísticas do gênero microconto. Verificar e analisar se os microcontos produzidos refletiram um pensar mais crítico sobre o trabalho, quando da produção inicial e descontextualizada.

⁴ Link do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=IYOa0c74kug>

	trabalho e verificar como reagirão à produção de um texto narrativo extremamente conciso em que o poder de síntese e precisão se tornam imperiosos.	gênero, e nesse nível de conhecimento do microconto, o aluno poderá fazer uma série de inferências, compreender alguns recursos estilísticos típicos; a temática e a organização composicional do gênero.		Motivar o aluno à leitura e a produção textual
Conteúdo	Questionário com 8 questões abertas	<ul style="list-style-type: none"> - Aula expositiva e dialogada - Utilização dos microcontos das obras: <ul style="list-style-type: none"> ✓ “Os cem menores contos brasileiros do século” de Marcelino Freire (2004) ✓ “Dois palitos”, de Samir Mesquita (2011) ✓ “Cem toques cravados”, de Edson Rossatto (2012) ✓ ‘Microcontos de Carlos Seabra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aula expositiva e dialogada - Curta-metragem: “O emprego” 	- Produção, análise e compilação das micronarrativas construídas pelos discentes

Fonte: elaboração própria

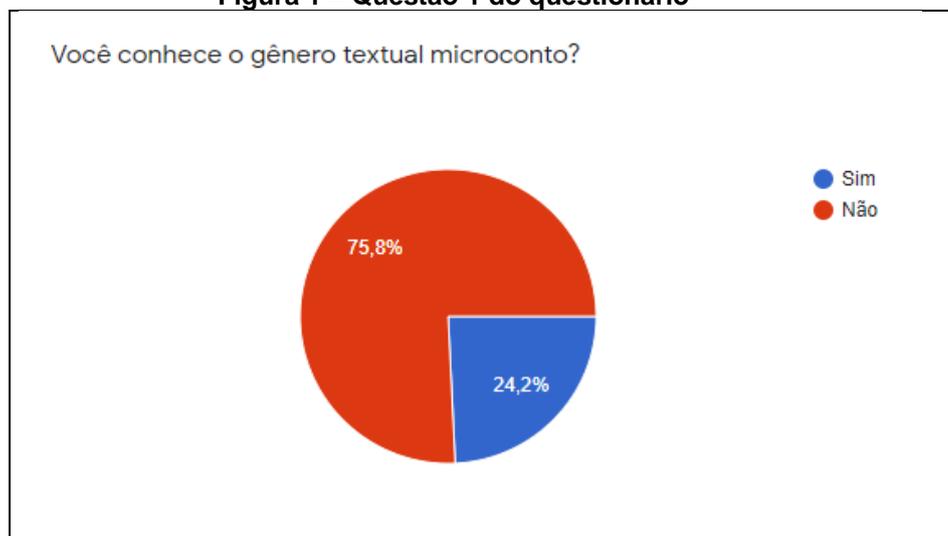
5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta o processo de aplicação, os resultados e uma análise qualitativa dos mesmos, obtidos com a sequência didática, buscando validar a hipótese de que o estudo do gênero textual microconto e reflexões sobre o mundo do trabalho, culminando na produção de micronarrativas do tema, podem contribuir na formação crítica do aluno. Para facilitar a compreensão do processo e dos resultados, cada etapa é apresentada separadamente, com suas respectivas análises.

5.1 Questionário diagnóstico

O questionário foi composto por 8 questões abertas e tinha como objetivo fazer um levantamento dos conhecimentos prévios que os alunos tinham sobre o gênero microconto e a relação sobre a temática do trabalho, para verificação do seu ponto de partida. Ele foi respondido por 39 dos 40 alunos matriculados pois um faltou no dia da aplicação.

Figura 1 – Questão 1 do questionário



Verifica-se que poucos dos alunos tem proximidade com o gênero literário em estudo, apenas 24,2%. Esse é um dado importante para percebermos a importância

da aprendizagem de um novo gênero em sala de aula, indo além do material de referência costumeiramente utilizado (livro didático, cadernos pedagógicos). Para isso devemos estimular os alunos por meio de alternativas que chamem sua atenção, a inserção dos microcontos em sala de aula seria uma dessas maneiras. Como afirma Seabra (2010),

“Micronarrativa tem ingredientes do nosso tempo, como a velocidade e a condensação, a veiculação em celulares e painéis eletrônicos, ou seja, estaremos levando para a sala de aula aquilo que diz respeito ao nosso cotidiano, a nossa vida social”.

Dessa forma, este gênero pode ser uma ferramenta para as atividades de aperfeiçoamento da leitura, desenvolvimento da escrita e construção de sentidos.

Aos alunos que responderam sim ao conhecimento do gênero, foi pedido para que explicassem **o que eles entendiam ser um microconto e como eles o caracterizariam?** As respostas dadas tiveram um caráter mais intuitivo do que, propriamente, de conhecimento das características composicionais do texto, como podemos ver a seguir:

Figura 2 – Algumas respostas dos alunos à questão 2

<i>“Entendo que seja um conto reduzido”</i>
<i>“Imagino que seja um texto com todas as características do conto só que curto”</i>
<i>“Pela palavra me parece ser um conto pequeno, uma curta história”</i>
<i>“Imagino que seja parecido com o conto normal, com as mesmas características só que menor”</i>
<i>“É um conto só que de uma maneira mais breve”</i>
<i>“Entendo que é um conto pequeno, com poucas informações”</i>
<i>“É um conto resumido”</i>
<i>“Suponho que deva ser um tipo de conto pequeno que é mais direto”</i>
<i>“No meu modo de pensar acredito que seja um conto bem pequeno”</i>

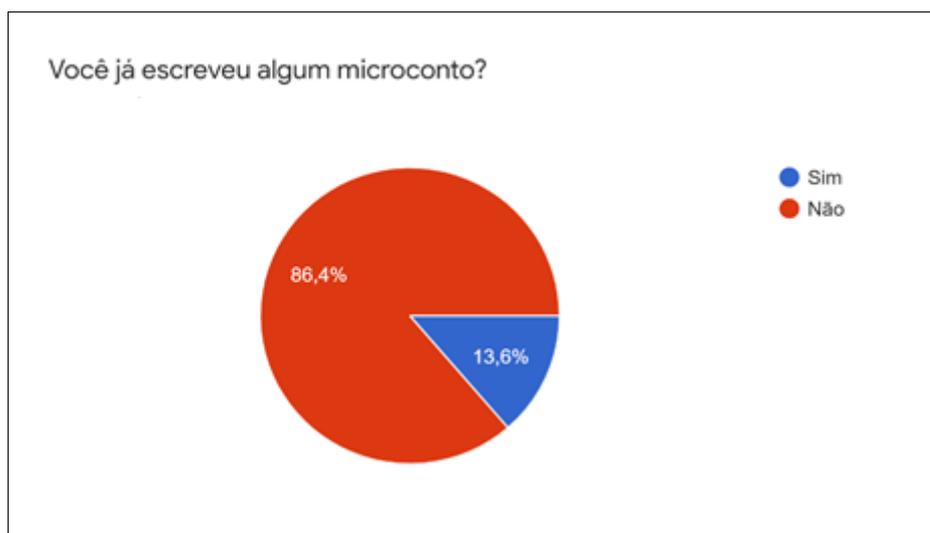
Fonte: elaboração própria

As respostas, perceptivelmente, por mais que tenham sido escritas sem muita reflexão, mostraram a relação que os alunos fizeram do microconto com o conto, entretanto, sem adentrarem nas suas características, pois o microconto tem em sua estrutura, por exemplo, os mesmos elementos da narrativa (narrador, enredo,

personagem, tempo, espaço) do conto. Isso foi analisado porque no momento da aplicação, aos alunos já haviam sido tratados em aula pela professora os textos narrativos, como o conto, a crônica e o romance, inclusive no bimestre em questão. O pesquisador esperava que essas respostas refletissem um pouco o estudo que já haviam aprendido sobre narrativas.

Contudo, algumas respostas mostraram o conhecimento dos alunos em algumas características importantes da micronarrativa, como exemplo, a concentração do espaço-temporal em “Entendo que seja um conto **reduzido**”, a brevidade em “*“É um conto só que de uma maneira **mais breve**”*, o poder de criatividade e síntese em “um tipo de conto pequeno que é **mais direto**”, a narratividade em “**uma curta história**”, e o subtexto em “conto pequeno, **com poucas informações**”.

Figura 3 – Questão 3 do questionário



Fonte: elaboração própria

Pudemos verificar que apenas 13% dos alunos já escreveram alguma micronarrativa. Sobre esse dado, cabe fazer uma constatação de que a produção de textos na escola fica, muitas vezes, restrita às tradicionais redações, escritas pelos alunos para apenas um “leitor”: o professor-corretor, situação geradora de insatisfação e saturação, segundo Ramos (1997) e Geraldi (2004), tanto para o professor quanto para o aluno, já que o professor não é o destinatário pretendido pelo aluno. Isso faz com que o aluno não se interesse pela prática escrita.

Dentro desse percentual, também foram perguntados como foi essa experiência? Trata-se de um cenário de oito respostas, as quais faremos a transcrição pelo quadro abaixo, com os devidos anonimatos de seus autores, conforme disposto no termo de assentimento da pesquisa.

Figura 4 – Questão 4 do questionário

Como foi a experiência em produzir um microconto?
Não sei se escrevi, mas acho que sim, se for uma história curta
Achei bastante divertido
Por não saber ao certo o que é um microconto, acredito que possa ter feito sem perceber que era.
Interessante saber como a síntese acaba contrastando bem com a narrativa curta e concisa
Possivelmente já escrevi sem saber que era um microconto
Não consegui contar uma história ou partes dela em tão pouco espaço
Uma experiência desafiadora já que temos um número específico de caracteres (140) e precisamos impactar o leitor
Escrevia bastante no twitter
Uma experiência confusa

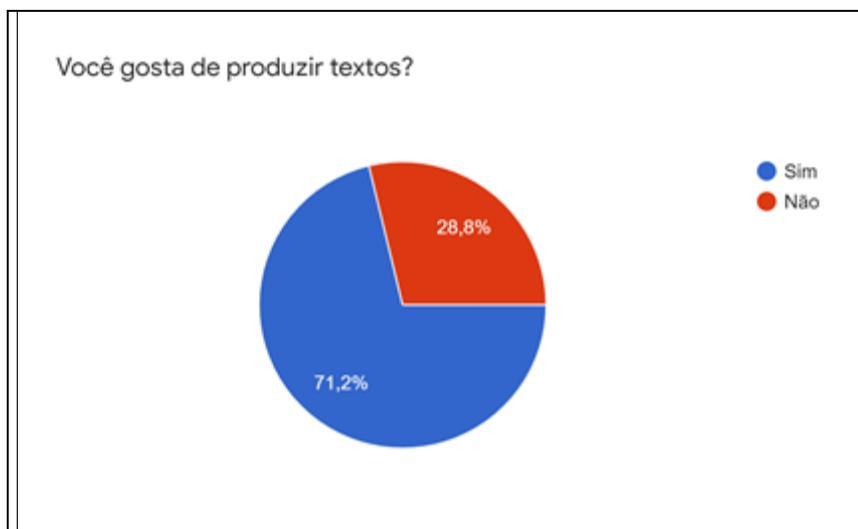
Fonte: elaboração própria

Dentro desse cenário de poucos alunos que tiveram algum contato escrito com o microconto, dois deles, demonstram ter uma compreensão mais exata da sua composição. Trazem nas respostas características fundamentais de sua estrutura, como o poder de síntese, que é consequência da criatividade em se contar somente o necessário; o desafio que é escrever uma história em tão poucas palavras, até 140 caracteres e seu intuito maior que é o impacto que a obra causa ao leitor ao final da leitura.

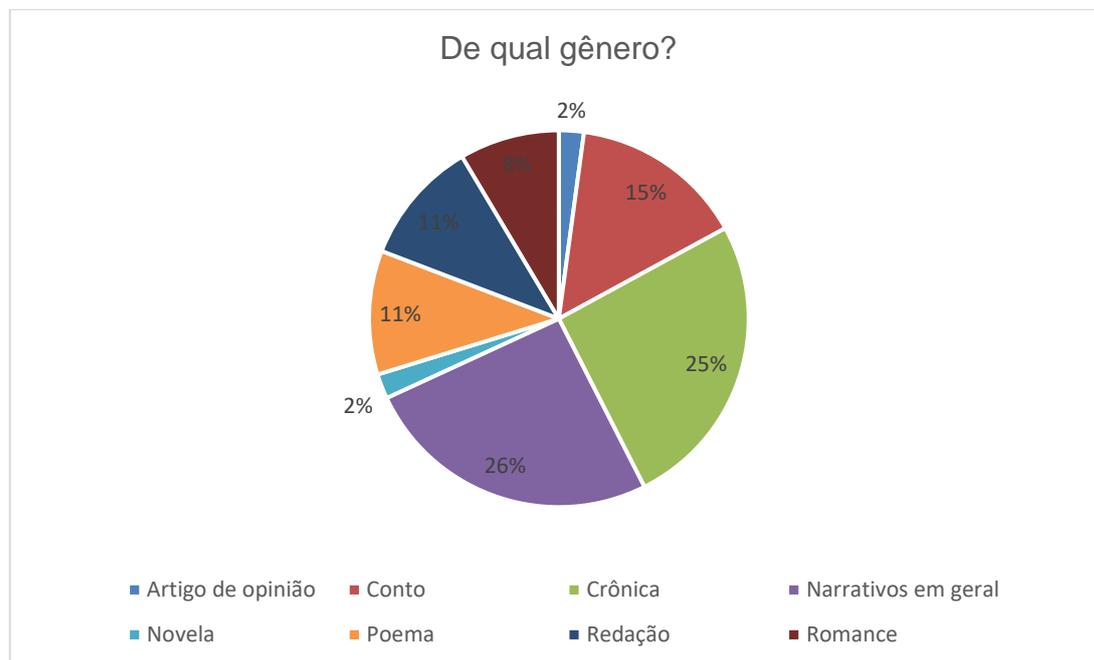
Uma outra aluna dizia escrever “bastante no twitter”, e essa informação mostra como o gênero em estudo coincide com a expansão da prática escrita digital, pois sua extensão é um atrativo para a leitura em dispositivos eletrônicos. Vários autores contemporâneos aqui tratados nesse trabalho são adeptos do twitter. Seabra (2012) adverte que estes limites não são rigorosos e menciona o Twitter como difusor da microliteratura, o qual acaba por impor o limite de cento e quarenta caracteres como

padrão para as micronarrativas. Seabra (2012) acrescenta a isso o fato de a micronarrativa conter ingredientes do nosso tempo, como a velocidade e a condensação.

Figura 5 – Questão 5 do questionário

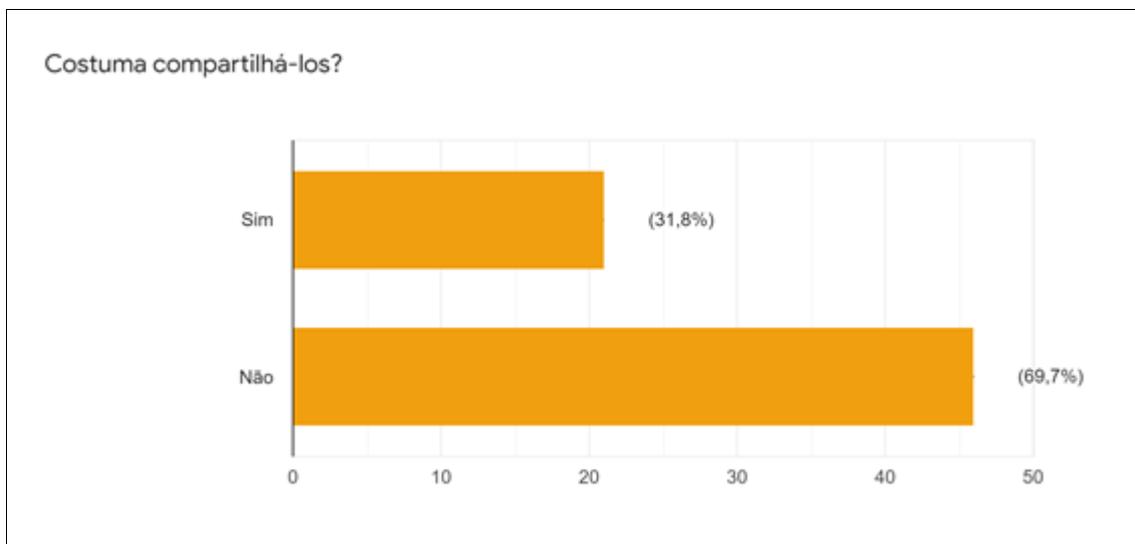


No que tange ao gosto pela escrita, verificou-se que mais de 70% dos alunos gostam de ler e trabalhar com textos, mas que essa prática, entendemos, não é suficientemente explorada na sala de aula, aspecto que vem reforçar a ideia de se trabalhar a leitura e a escrita por meio de estratégias diferenciadas. Para isso vimos ser importante que a produção escrita em sala, se aproxime dos temas e do cotidiano do aluno, no sentido de levar o discente a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam ler e escrever.

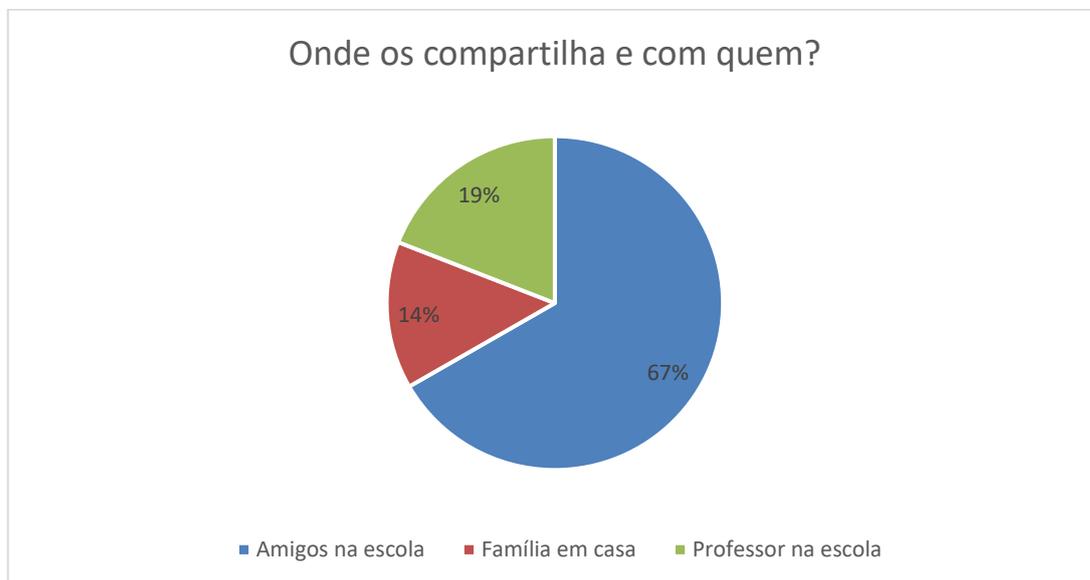
Figura 6 – Questão 6 do questionário

Fonte: elaboração própria

Perguntados sobre a predileção por qual gênero, percebe-se que os textos narrativos tem maior identificação com o aluno contemporâneo, por fazerem parte do seu cotidiano, como exemplo a criação de histórias em posts, no Twitter, Facebook, WhatsApp, e a premência do jovem em sintetizar e “contar” a grande quantidade de informações e notícias variadas que ele recebe ao longo do dia (política, economia, sexualidade, entre outros).

Figura 7 – Questão 7 do questionário

Fonte: elaboração própria

Figura 8 – Questão 8 e 9 do questionário

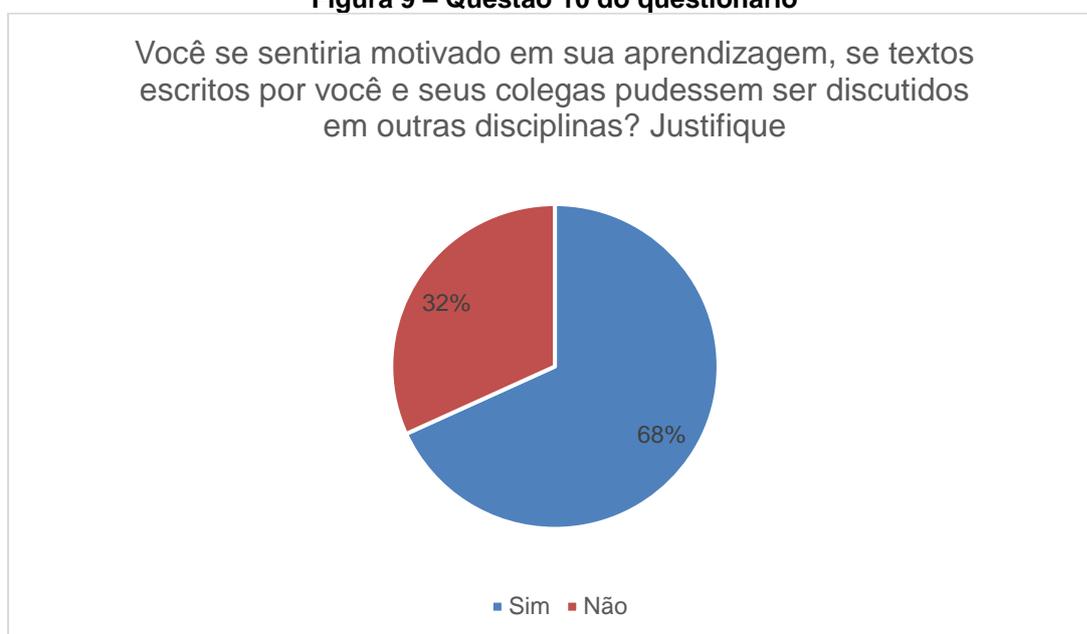
Fonte: elaboração própria

A grande maioria dos alunos informou que não costuma compartilhar os textos que escreve, por várias razões. As que mais apareceram foram: a “timidez”, a

“vergonha de verem o que escrevo”, outros disseram “me sinto mal em mostrar pra alguém”, uma aluna disse “não me sinto segura em mostrar o que escrevi”.

Dentro dos 12 (31,8%) alunos que compartilham seus textos, 8 o fazem com os amigos na escola. Vários alunos disseram que fazem o compartilhamento dos seus escritos pelos diversos suportes digitais presentes hoje, como o twitter, whatsapp, o facebook. Sobre esse dado é muito importante que o aluno saiba interagir de maneira autônoma, se adequando às diversas situações de escrita nos diversos meios disponíveis em seu dia a dia. Assim, promover práticas de escrita voltadas para essa autonomia, é ter como base aspectos sociais, além de “dotar o aluno com conhecimentos linguísticos, e torná-lo consciente de como se estruturam os elementos composicionais de cada gênero” (CARDOSO, 2016, p.4).

Figura 9 – Questão 10 do questionário



Fonte: elaboração própria

Quase 70% dos alunos responderam que teria uma motivação maior em sua aprendizagem se seus textos pudessem ser publicizados em outra turmas e outras disciplinas. Sobre essa questão faz-se necessário um aprofundamento maior quanto a relação texto-aluno-professor em sala de aula.

Segundo Bakhtin apud Perini (1999): “um discurso nasce de outros discursos e se produz para outro sujeito”. Assim, propor aos alunos a produção de textos em uma situação em que a escrita cumpra sua função social é um desafio para o educador. É

importante tornar público o texto do aluno, o resultado final do processo de trabalho, fazer com que o texto seja lido.

A interação texto-aluno-professor permite, por meio dos diálogos e da construção dos sentidos do texto, identificar a situação de comunicação verbal e reconhecer o gênero textual empregado. Se o objetivo, na sala de aula, é construir o conhecimento, por parte de aluno e professor, por meio do texto, é importante haver um conteúdo que vai determinar a ação do professor e do aluno.

Mas, infelizmente, ainda encontra-se na sala de aula propostas que servem apenas como sugestão para o exercício da escrita, em que o aluno apenas escreve textos para a escola. Ele escreve apenas para mostrar o que sabe e o professor avalia o texto focando critérios como criatividade, concordância, pontuação e ortografia. Isso revela que o aluno não escreve com intenção definida, não idealiza um possível leitor, o aluno escreve apenas para a avaliação do professor.

Geraldi (1997) afirma que os textos produzidos nas escolas não são textos, mas sim redações: “nas escolas não se produzem textos mas sim redações, pois suas produções são artificiais, perdendo-se seu caráter interlocutório”. Para que o aluno resgate o sujeito-autor é tarefa do educador, onde este deve se colocar como leitor e não como avaliador. Continua Geraldi, que é a prática da oralidade com a apresentação de temas variados, com depoimentos de situações vivenciadas, debates, troca de opiniões, contação de histórias que ensina o aluno a se sentir bem e expressar suas ideias com segurança. Com relação à prática da escrita, afirma ele que precisa ser planejada pelo professor e o aluno para que este tenha consciência de quem vai ler o seu texto. O aluno ao escrever precisa ter em mente seu possível leitor e este aspecto é considerado fundamental.

Verificando alguns relatos de experiência sobre o assunto, encontrou-se um exemplo dessa preocupação em o aluno atingir um interlocutor. Na Revista Nova Escola (2011) um professor viu no Twitter uma ferramenta pedagógica para o ensino de língua portuguesa por meio da produção de microcontos. Ele conta que os estudantes, ao perceberem que o texto que escreveriam estaria publicado na internet e no site da escola e que, conseqüentemente, seria lido por muitas pessoas, começaram a policiar os erros de escrita e a discutir com os colegas formas de melhorar o conteúdo.

Voltando aos dados obtidos dessa questão, as respostas foram muito ricas em significado. Muitos alunos relataram que seria muito interessante que suas produções fossem replicadas em outras disciplinas, pois seria um instrumento importante para verificar “outros pontos de vista”, “visões de mundo diferentes”, “novas reflexões sobre o tema em discussão”, sendo que “os olhares e pensamentos de outras pessoas podem abrir nossa mente para entender melhor o conteúdo”. Disseram que seria interessante provocar com os textos um debate sobre as perspectivas de cada um, e, nesse sentido, pontuaram sobre se ter uma aula mais dinâmica. Sobre o que foi dito, segue algumas respostas dos alunos:

Figura 10 – Algumas respostas dos alunos à questão 10 justificando sua motivação

É interessante ver um texto de nossa autoria sendo discutido. E a própria produção do microconto (ou outros textos) exige uma reflexão mais profunda sobre o assunto, o que nos ajudaria a aprender o conteúdo
Sim, seria uma outra experiência de aprendizado e uma nova dinâmica
Sim, pois seria uma forma de motivação para continuar escrevendo
Sim, acho que por ser uma forma fácil de escrever, isso incentivaria com que os leitores leiam e trabalhem com esses textos
Sim, seria uma forma mais dinâmica de aprender, "pegando" nossa visão de mundo para aplicar o conteúdo
Sim, ia ser uma experiência boa esses tipos de coisa serem discutidos por professores de outras matérias, pois cada um tem uma visão e uma opinião sobre as coisas, seria legal se cada um apresentasse uma ideia diferente
Sim, pra mim é uma forma de interagir e conhecer novos talentos na escrita, porque muita gente não se expressa oralmente, mas na escrita sim
Sim, porque traria uma aula mais dinâmica, em que você ficaria curioso sobre o que seu colega escreveu, isso atrairia mais os alunos facilitando a aprendizagem
Sim, porque geralmente escrevemos sobre aquilo que temos entendimento, então se eles fossem discutidos, nós poderíamos ver e entender melhor sobre o que escrevemos

Fonte: elaboração própria

Contudo, dentro dos 32% dos alunos que disseram não sentirem motivação em ter seus textos replicados e discutidos em sala de aula, as justificativas recorrentes são no sentido de sentirem “vergonha”, “insegurança”, “timidez” em ter aquilo que escreveram publicizado em sala, como podemos ver abaixo algumas respostas dadas:

Figura 11 – Algumas respostas dos alunos à questão 10 justificando sua não motivação

<i>“Não, porque assim como eu, muitos tem vergonha”.</i>
<i>“Não, dependeria muito dos comentários. Por exemplo, caso fossem negativos, não me sentiria motivada.”</i>
<i>“Não, sou muito tímida,”</i>
<i>“Não, porque eu não me sinto segura o suficiente para que os outros leiam o que eu escrevi.”</i>
<i>“Não, pois não gosto de falar sobre eles.”</i>
<i>“Não, porque eu teria vergonha em discutir com outras pessoas textos escritos por mim.”</i>
<i>“Não iria gostar, pois não gosto de mostrar meus trabalhos para quem não tenho intimidade.”</i>

Fonte: elaboração própria

Sobre a falta de motivação, isso é perceptível pelo que se constata sobre o trato burocrático que a produção escrita tem em sala de aula. O texto é visto como castigo, na maioria das vezes não se motiva o aluno para que parta dele o desejo de produzir textos, mas exige-se que se faça, e muitas das vezes esses textos não expressam a real mensagem do aluno, mas sim a concretização de uma ideia que o professor quer ouvir/ler.

Silva (1993) argumenta que a prática da leitura a partir de interpretações pré-estabelecidas, sem análise e reflexão do grupo envolvido na atividade, sem mobilização do conhecimento prévio, sem, portanto, qualquer chance de formular inferências, permite apenas que o leitor decodifique um enunciado que já está elaborado, pronto e embalado para uso, não havendo a possibilidade de construção de significado para o texto lido.

Dando seguimento ao questionário diagnóstico foram feitas questões concernentes ao tema trabalho, de maneira bastante incidental para que pudessem nortear a pesquisa. A análise foi feita buscando compreender se o entendimento sobre trabalho estava relacionado à concepção proveniente do senso comum, que se identifica com o que chamamos hoje de emprego, ou com o entendimento de trabalho no sentido ontológico-histórico.

Para você o que é trabalho?

A esmagadora maioria das respostas dadas relacionaram diretamente o trabalho ao senso comum, como emprego, como percepção monetária, em “ganhar dinheiro pra sobreviver”, “receber um salário”, “quando faz alguma atividade remunerada”, ou “que gera lucro”, etc. Assim, se percebe que a lógica de pensamento dos alunos é a do trabalho como fonte de renda, o que na verdade se configura como emprego. Sobre essa distinção entre trabalho e emprego, de forma bem clara o professor Mario Sérgio Cortella (2019) coloca que

“Emprego é fonte de renda e trabalho é fonte de vida. Meu trabalho é minha obra. A noção grega de obra é poiesis. De onde vem poesia, que é o que você elabora. Eu gosto dessa ideia. Tanto que não há estresse no meu trabalho, só cansaço. Cansaço resulta de um esforço intenso e estresse resulta de um esforço para o qual você não vê sentido. Cansaço se cura descansando. Estresse só se cura se houver mudança de rota.”

Nesse contexto, apenas 3 alunos conseguiram, de certa forma, fugir do senso comum, mas ainda com elementos dele presentes.

“O trabalho pode ser usado como uma forma de aprendizagem, mas as vezes pode ser usado como forma de exploração.”

“Acredito que é uma forma de ampliar aquilo que você está aprendendo, colocando em prática e apresenta conhecimento.”

“Trabalho significa se esforçar em aprender algo, fazer alguma atividade que precisa ser produzida.”

Interessante as respostas dos alunos pois conseguem, ainda que de forma simples, associar a ideia de trabalho e educação (aprendizagem) dentro da perspectiva ontológico-histórica. Nesse sentido, ensina Saviani (2007, pg.154):

Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie.

Nessa discussão o entendimento do conceito de trabalho atrelado ao conceito de educação requer que se pense o primeiro como princípio do segundo, ou seja, que se pense o trabalho como princípio educativo.

O aluno A conseguiu refletir também acerca do trabalho no sistema vigente pois usa do termo exploração para vincular ao seu entendimento do trabalho, o que na próxima questão ser atacado com maior profundidade.

Na sua visão quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho?

Sobre os aspectos que os alunos consideram positivos, 33 (84,61%) responderam que “ganhar dinheiro”, “ganhar um salário”, “sustentar a família”, “aprender uma profissão”, “ocupar o tempo”, “não depender dos pais” são importantes nessa relação. Sobre esses discursos faz-se importante refletir a respeito.

As respostas foram separadas em algumas classes de discurso, como 1) vida profissional, 2) trabalho, lazer e família e 3) pessoal.

Das respostas verifica-se que no imaginário do adolescente, o trabalho aparece como uma alternativa importante e de possibilidade de ascensão, o que é um discurso típico da classe 1. Também é visível a percepção do discente de que, com o trabalho, ele adquirirá experiência e se tornará uma pessoa responsável, diferente daquela criança de antes. Em outras respostas mostra-se uma preocupação em prover a si e outras pessoas que fazem parte de sua família, o que muitas vezes o responsável pela casa não pode fazer. Esse discurso é próprio da classe 2.

Quanto aos aspectos negativos, o trabalho é visto pelos alunos como desgastante, estressante e que causa muito cansaço. Alguns colocaram a falta de tempo que sobra para usufruir das outras coisas, também pela quantidade de tempo no trabalho.

Você acredita haver relação entre educação e trabalho? Como você explicaria essa relação?

Figura 12 – Algumas respostas dos alunos à questão 13

<i>“Acredito que sim, essa relação se baseia em: quanto melhor sua educação melhor o nosso cargo no trabalho”</i>
<i>“Sim, pois com a educação você pode ter mais oportunidades de emprego”</i>
<i>“Sim, quando você tem uma qualidade de educação melhor, mais empregos você pode escolher. A educação abre portas no campo de trabalho”</i>
<i>“Sim. Com uma boa educação, conseguiremos nos formar e conseguir um bom emprego”</i>
<i>“Sim, as pessoas frequentam escolas e estudam, para que um dia possam entrar no mercado de trabalho”</i>
<i>“Sim, com a educação você consegue ter mais chances de ter um emprego.”</i>
<i>“Claro, pois se pararmos pra pensar tudo tem uma relação com a educação, para arrumar um emprego principalmente, pois se você não tiver se formado, você não arrumará um emprego”</i>
<i>“Sim, pois com um estudo melhor você tem mais chances de um emprego melhor.”</i>
<i>“Sim, ter uma boa educação ajuda futuramente um bom emprego.”</i>

Fonte: elaboração própria

Nessa questão, quase que a totalidade das respostas foram no sentido de que é por meio da educação que há a qualificação para um trabalho (emprego) posterior, ou seja, a escolarização é a porta de entrada para o ingresso no mercado de trabalho. Vê-se no pensamento do aluno que esta é uma relação de subordinação da educação ao mercado de trabalho, e nesse sentido são necessárias propostas para vencerem esse senso comum.

No contexto de hegemonia de um pensamento neoliberal, do mercado sendo o centro de tudo e de elevado índice de desemprego, o pensamento dos alunos é o corrente na sociedade, uma vez que o juízo conservador e vigente, coloca sobre as pessoas a responsabilidade e até mesmo a culpa por não estarem empregados, não conseguirem rapidamente uma inserção na vida produtiva, culpando por conseguinte a escola, por entender que a educação não está sendo empregada com vistas para o mercado de trabalho, tão-somente. Isso é uma maneira de desconstruir o sentido ontológico que a educação carrega desqualificando a escola e instrumentalizando-a à lógica econômica.

5.2 Discussões sobre o microconto e a categoria trabalho

Seguindo o roteiro do produto proposto, nesse momento solicitar-se-ia aos alunos que produzissem um primeiro microconto utilizando-se do trabalho como tema, ainda descontextualizado e sem a inserção das suas características, para que funcione, também, como um instrumento de análise prévia. Entretanto, como já informado anteriormente, algumas ações da proposta precisaram ser modificadas pois o tempo de aplicação em sala de aula foi exíguo. De toda a forma, através do questionário aplicado, foi possível dar conta de mensurar os conhecimentos prévios dos alunos.

Após essa atividade, de posse das informações colhidas nas atividades anteriores, o pesquisador buscou construir com os alunos os conhecimentos em torno das características composicionais e as particularidades do microconto e para isso foram entregues alguns microcontos para os alunos e feita uma apresentação em construída pelo pesquisador em power point. A apresentação foi feita de maneira interativa com os alunos. Conforme os textos eram apresentados e analisados, os alunos eram instigados a participar e externar sua compreensão.

Para essa atividade foram selecionados os microcontos das obras “Os cem menores contos brasileiros do século”, organizada por Marcelino Freire (2004); “Dois palitos” de Samir Mesquita (2011); “Cem toques cravados”, de Edson Rossatto (2012), Microcontos de Carlos Seabra disponibilizados no site do próprio autor.

A cada aluno foi dado um microconto aleatório e foi pedido que realizasse a leitura e, posteriormente, pudesse retirar do texto as características que o fazem ser uma breve narrativa. Percebeu-se que após a entrega dos textos aos alunos, à medida que faziam a leitura, um riso ou as vezes uma gargalhada ou até mesmo um certo espanto aparecia em suas faces. Isso porque, como uma fundamental característica do microtexto, a quebra da expectativa promove no leitor esses sentimentos. O leitor espera que a conexão dos fatos proporcionada pela estrutura do texto, vá ao encontro do seu pensamento sobre o enredo, e no final se revela outra linha narrativa.

A atividade 1 (Quadro 1), foi um momento muito prazeroso tanto para os alunos quanto para o pesquisador. Da análise, percebeu-se que as perguntas mais objetivas das categorias narrativas dos microcontos, como a verificação de personagens, narrador, enredo, tempo e espaço, os alunos conseguiram responder tranquilamente.

Também, no que diz respeito às ações implícitas ao texto, àquelas sugeridas pelo autor, os alunos se mostraram protagonistas na construção dos sentidos das histórias, conforme iam preenchendo as lacunas presentes no texto, e conseguindo fazer inferências com outros textos. Abaixo, alguns exemplos:

Quadro 5 – Inferências e intertextualidade

Microconto	Impressões do aluno
<i>Escrevia sobre as mulheres pois jurava entende-las. Milhares de leitoras. Das três ex-esposas e três filhas, nenhuma o lia. Todas o ignoravam.</i>	<p>Imagino um homem sentado na beira da cama com o notebook no colo e uma lata de cerveja na mão, enquanto as ex-mulheres e filhos se negam a ver os textos por vergonha alheia e preferem fingir que o homem não existe.</p> <p>Vejo que é um homem que pensa entender tanto de mulheres que escreve sobre elas, mas que na verdade é tão ignorante e idiota, que elas que o conhecem de verdade, o ignoram.</p>
<i>O jornal estampava na manchete como a economia ia bem. Debaixo dele, o mendigo que abrigava dormia, agora despreocupado.</i>	<p>O cenário é de uma grande cidade. O jornal estampava a boa economia, e este mesmo jornal era o cobertor do morado de rua, que poderia ficar despreocupado que tudo estava bem.</p> <p>É uma crítica a sociedade e ao jornal, pois se a economia estivesse boa, casos como esse não aconteceriam.</p>
<i>Aborto. União Gay. Cotas. O plenário era bolo de aniversário contra os libertinos. À noite, fez a festa com Paulo, o mulato tipo exportação.</i>	<p>A história mostra a hipocrisia do político que no plenário deve ter votado contra os temas polêmicos e depois a noite, ocorre a ironia de fazer a festa com Paulo que é negro e gay.</p>
<p><i>“Caim, que olhar é esse? Cadê papi e mami? “Saíram”. “O que escondes aí?” “Surpresa, Abelzinho!”.</i></p>	<p>A história tem relação com a passagem bíblica dos irmãos Abel e Caim e imagino que se passa na casa deles pois seus pais (Adão e Eva) não estão. A surpresa que Caim esconde é um punhal para matar Abel.</p>
<i>Comprou quatro. Pagou caro no investimento. Então veio a princesa Isabel e prejudicou seus negócios.</i>	<p>A trama narrada ocorreu na época da escravidão e durou até mais ou menos a aprovação da Lei Aurea. Imagino a pessoa que comprou os escravos sendo prejudicada após a princesa Isabel ter assinado a Lei, abolindo a escravidão. Vejo que o autor foi irônico e “zombou da cara” do negociante.</p>

A atividade foi muito rica pois a maioria dos alunos conseguiu exprimir do texto alguns dos entendimentos que a história sugestionava. Os alunos conseguiram fazer inferências dos textos com os temas sociais, históricos, bíblicos, trazendo sua visão de mundo e interferindo na história, sendo coautor nesse processo. A esse respeito,

“(...) a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade (...) a intertextualidade é o elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.” (KOCH, 2008, p.86)

Dando sequência, os alunos foram divididos em turmas de quatro e escolheram dois microcontos para apresentar aos colegas para que a construção dos sentidos se desse de forma coletiva.

Importante destacar que essa atividade teve bastante interação entre os alunos e o pesquisador na medida em que o microconto está totalmente ligado à realidade de comunicação do discente, pois a circulação dos incontáveis discursos presentes no nosso dia a dia requer do usuário da língua a capacidade de interagir socialmente de maneira crítica e autônoma nas mais diversas instâncias que envolvem o uso da leitura e, mais fundamentalmente, da escrita.

Foi perceptível que o fato de ter dividido a turma em grupos para essa atividade fez com que aqueles alunos mais tímidos, observados no início da apresentação, tivessem maior participação nesse momento. Cabe trazer o registro oral de alguns alunos, pois verifica-se a compreensão da turma sobre o microconto. A respeito do microconto:

- ***Eu não te amo mais.***
- ***O quê?***
- ***Fale mais alto, a ligação está horrível!***

(in FREIRE, 2004, p.18)

A respeito da trama acima a aluna disse:

“O microconto apresenta a ligação entre duas pessoas. Tentando se aprofundar na história, consigo imaginar um casal em que a relação está desgastada e, um deles, tenta terminar, mas a outra parte, não aceitando a

separação, desconversa que a ligação está horrível, tentando adiar um possível fim.”

Outro discente trouxe sua visão ao microconto abaixo:

Fome Zero

-Preciso comer!

Grita no SPA

a mulher de cem quilos.

(in FREIRE, 2004, p.20)

O aluno diz trazer a ele a ideia de uma mulher que sai gritando no spa que precisa comer, porém a mulher tem cem quilos. Para ele o título chama muita atenção pois não há relação entre ele e a história, trazendo ironia ao texto. E segue dizendo que quando uma mulher vai ao spa é para ficar magra, mas o contexto dessa história muda, e ela grita que está com fome e que precisa comer. Então é o que deixa o microconto engraçado, traz o humor. Com relação ao título, lembra fazer referência a uma campanha do governo e o estado da pessoa sem fome.

Ainda com relação a compreensão do gênero:

Atriz no divã

— Doutor, o senhor já me viu representar?

— Fora daqui?

(in FREIRE, 2004, p.20)

A aluna descreve:

Ele retrata uma atriz em uma consulta com o psicanalista. A atriz pergunta ao doutor se ele já a viu representando, ele com ironia pergunta; “Fora daqui?” Ele está insinuando que a atriz está atuando em suas consultas, que ela não fala a verdade. Ele está acusando a atriz de dar declarações falsas, provavelmente para chamar a atenção.

Tendo como parâmetro as três vozes, percebemos que ambas conseguiram compreender a mensagem implícita em cada microconto: a primeira por enxergar que as pessoas, em sua maioria, têm medo de enfrentar seus problemas, arranjando

desculpas. Nesse exemplo, essa recusa acontece através de uma ligação telefônica mal-sucedida. A segunda pontuou a ambiguidade presente no título e, ao mesmo, tempo, a ativação de outros conteúdos, como a relação do título com o programa de governo e, a terceira, percebeu a sutileza do discurso do psicanalista ao insinuar que a atriz mentia em suas consultas.

Das atividades e discussões do estudo do microconto, percebeu-se nesse momento que os alunos, no geral, tiveram muito boa participação, interagindo com o pesquisador, de forma a mostrar que o estudo com esse gênero pode ser um caminho importante de motivação à aprendizagem.

Dando seguimento, foi exibido o curta-metragem “O emprego” de Santiago Bou Grasso (2008), de 6 minutos e 25 segundos. Para que os alunos sentissem o impacto da obra, o curta foi exibido sem qualquer introdução.

Ao final da exibição, foi perceptível como os alunos ficaram impactados com o que acabaram de ver, e como o filme trouxe vários questionamentos e muitas reflexões a respeito. Foi aberto um debate sobre o que na visão deles o filme estava querendo mostrar, quais seus questionamentos? Cabe o registro de algumas das reflexões.

O **aluno 1** trouxe a perspectiva de que “as pessoas são usadas como coisas, transformadas em objeto pelo sistema e se sentem conformadas com isso”. A **aluna 2** disse que “tudo ali teve o trabalho de alguém, tem alguém trabalhando pra fazer aquela cadeira, aquele espelho, e você está trabalhando para servir o outro”, e nesse sentido o **aluno 3** coloca que “eles parecem doentes, todos são objetos uns dos outros.”

O **aluno 4** disse que “as pessoas não sentem prazer no que fazem”, e indo a esse encontro de ideias, **os alunos 5 e 6** perceberam a “apatia das pessoas, ninguém sorri, ninguém conversa”, “as cores do filme são todas em tons de cinza”, e “o único personagem que sorri é um relógio, e ele não é uma pessoa” (essa percepção foi impressionante porque o relógio é o único objeto no filme que não é uma pessoa objetificada).

O **aluno 1**, a medida que o debate acontecia, pontuou uma questão crucial na obra, quando diz que “o filme faz a gente acreditar que o protagonista é alguém especial, teria um cargo elevado, mas no final a gente percebe que ele é apenas um capacho, ou seja, ele é mais um objeto apenas”.

O exposto no filme mostrou a realidade das relações entre as pessoas e delas com o trabalho no sistema capitalista. O trabalhador passa a ser compreendido como mais um custo dentro do processo produtivo, um análogo às máquinas e ferramentas, uma coisa. Esse pensamento, é responsável pela sua desumanização e a origem do trabalho alienante. Na análise de Mauro Iasi no *ensaio Reflexão sobre o processo de consciência*, o homem sofre três processos de alienação:

Ao viver o trabalho alienado, o ser humano aliena-se da sua própria relação com a natureza, pois é através do trabalho que o ser humano se relaciona com a natureza, a humaniza e assim pode compreendê-la. Vivendo relações em que ele próprio se coisifica, onde o produto de seu trabalho lhe é algo estranho e que não lhe pertence, a natureza se distancia e se fetichiza. Num segundo aspecto, o ser humano aliena-se de sua própria atividade. O trabalho transforma-se, deixa de ser a ação própria da vida para se converter num “meio de vida”. Ele trabalha para o outro, contrafeito, o trabalho não gera prazer, é a atividade imposta que gera sofrimento e aflição. Alienando-se da atividade que o humaniza, o ser humano se aliena de si próprio (autoalienação). Isso nos leva ao terceiro aspecto. Alienando-se de si próprio como ser humano, tornando-se coisa (o trabalho não me torna um ser humano, mas é algo que eu vendo para viver), o indivíduo afasta-se do vínculo que o une à espécie. Em vez de o trabalho tornar-se o elo do indivíduo com a humanidade, a produção social da vida, metamorfoseia-se num meio individual de garantir a própria sobrevivência particular (IASI, 2011, p. 21-22).

O resultado destes processos fica bem ilustrado na composição audiovisual dirigida por Santiago Sou Grasso. A animação independente lançada em 2008 expressa uma realidade que aceita seres humanos serem usados como contrapeso de elevadores, que táxis sejam pessoas carregando “passageiros” nas próprias costas, que façam as vezes até de semáforos. No curta, fica explícito os seres humanos empregarem sua força de trabalho, especificamente, como se objetos fossem (cadeiras, mesas, semáforos, portas, cabides), ou seja, a coisificação da classe trabalhadora, em que o indivíduo não tem consciência de si mesmo, como humano. Essa condição é perceptível no vazio existencial presente nos rostos e nas atitudes, quase que robóticas, dos personagens.

Marx dirá que sob as condições capitalistas de produção quanto mais produz mais o trabalhador se deforma, chegando ao ponto de afirmar que aqui este se torna uma mercadoria humana, justamente por que vende sua própria atividade vital. “Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens.” (MARX, 2004, p.80). “Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume uma forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”. (MARX, 2004, p.81).

Na visão de Marx, então, o modo de produção capitalista inverte a ordem das coisas, os produtos ganham vida e os trabalhadores se transformam em mercadoria. Sobre esses dois pontos Marx diz que o fetichismo da mercadoria se caracteriza pelo fato das mercadorias, dentro do sistema capitalista, ocultarem as relações sociais de exploração do trabalho. Segundo Marx (1994, p.81),

“Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos que recorrer à região nebulosa da crença. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias. Chamo isto de fetichismo [...].”

Esse fenômeno, segundo Marx, acarretará na coisificação dos homens, visto que a mão de obra humana perdeu seu valor essencial e passou a ser vista como mero objeto. Dessa forma, o trabalho realiza sua própria negação, pois ao invés de se “objetivar como atividade prática positiva, que é a manifestação da vida, manifesta-se como atividade prática negativa, que é a alienação da vida” (NETTO, 1981:56).

Frente as diversas reflexões sobre a obra, constatou-se que os alunos conseguiram expressar entendimentos importantes presentes na obra. As falas abordaram, mesmo que implicitamente, questões importantes como, o trabalho alienado, a exploração da força de trabalho, a coisificação dos seres humanos reproduzida no cotidiano dos personagens, a relação homem x trabalho no sistema capitalista, em que as pessoas são objetos que valem pelo que produzem e não pelo que são de fato, enfim.

Ainda que os conceitos sobre o trabalho não tiveram grande aprofundamento em decorrência do tempo que havia para trata-los, pelos comentários observados durante a realização das discussões, denunciam que os alunos adquiriram elementos necessários para a formação mais completa desses conceitos, que por serem abstratos, demandam a compreensão de determinados fenômenos sociais que foram mencionados nos comentários. As reflexões fomentadas poderiam ser aproveitadas por professores de diversas disciplinas e áreas do conhecimento. Reflexões dessa natureza podem ser usadas a serviço da formação do jovem como um exercício prático de questionamento da realidade.

5.3 Produção de microcontos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais consideram que o usuário de uma língua deve apropriar-se de determinadas capacidades e habilidades para a utilização da linguagem na interação com as pessoas. Nesse sentido, Dolz e Schneuwly (2004) também levam em consideração que o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção de textos é uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em diferentes situações de comunicação e que por meio dos gêneros textuais é que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos. Além disso, os autores entendem que ensinar um gênero textual é levar o aluno a dominá-lo para posteriormente ter condições de produzi-lo na escola ou fora dela.

Construída a consciência das condições de produção do gênero, chega o momento de praticar a escrita. Aos alunos, foram lembrados os elementos necessários à produção do gênero, estudados em sala de aula, e pedido aos mesmos que, como atividade de verificação do conteúdo apreendido, redigissem o seu próprio microconto.

O momento da escrita ocorreu após a exibição do curta-metragem “O emprego” e das discussões por ele suscitadas. As produções dos alunos deveriam versar sobre as reflexões ocorridas anteriormente, sobre o tema trabalho e seus sentidos no sistema capitalista.

Alguns alunos, ao final da escrita, resumiram-se em contar uma história com base, especificamente, nos personagens do curta-metragem, sendo que o pesquisador havia explicado a eles que a proposta seria mais ampla, no sentido de utilizarem-se das discussões suscitadas em sala, refletindo-se, também, sobre o filme que haviam assistido. Isso deve ter ocorrido porque as atividades precisaram ser concentradas todas nas aulas de Língua Portuguesa, inclusive àquelas que seriam tratadas nas aulas de História, e a atividade de escrita, em virtude do pouco tempo, necessitou acontecer após a exibição e discussão do filme.

Entretanto, ainda assim os alunos usaram de muita criatividade e escreveram microcontos muito bons, com as características de estilo e composicionais que os requeriam, conseguindo fazer inferências, e tratando do assunto de maneira crítica.

Apenas para uma melhor visualização dos microcontos, os dividiremos em dois tipos: 1) baseados no curta-metragem, e 2) baseados no curta-metragem + sociedade em que vivem.

1) Baseados no curta-metragem “O emprego”

Os alunos não terão seus nomes divulgados, conforme os termos assinados. No lugar serão inseridos números.

Cabide

Hoje segurei um casaco de pele. Ele demorou demais para me desocupar.

E você, foi usado por quem hoje?

(Aluna 14)

Estão me desgastando, cansei de ser um abajur. Vou brilhar em outro lugar.

(Aluno 15)

Ele sai para trabalhar, cumprir seu papel na cadeia de produção: ser uma cadeira.

(Aluno 16)

Ele se vestia com toda a sua tristeza, pois havia um porque, a certeza de mais um dia como capacho.

(Aluno 17)

Levantou cedo, comeu pouco, vestiu-se, saiu de casa, desanimado pelo emprego que tinha. Ao chegar no trabalho, deitou-se no chão, era só mais um capacho.

(Aluna 18)

Acordou, usou as pessoas, eram seus objetos diários. Agora em seu trabalho, só quer deitar e o tempo passar. Dormindo em serviço? Não. É o próprio tapete.

(Aluno 19)

Estranhava seus móveis que deveriam mostrar sentimentos, mostravam algo desumano.

(Aluno 20)

- Eu sou demais, uso as pessoas ao meu favor, na minha casa e para onde vou.

No outro dia foi ao trabalho servir de tapete.

(Aluno 21)

Pessoas me ajudam a ir ao trabalho. Me levam até lá e guardam minhas coisas. Me deito e espero ele passar...por cima de mim!

(Aluno 22)

Sua vida era só a rotina, automática. Desligava o homem-abajur, pendurava seu casaco na mulher-mancebo. No trabalho, era o capacho mais pisado.

(Aluna 23)

Olho de cima as pessoas que passam, com empatia. Abro e fecho meu casaco, abrindo e fechando o trânsito. Sou forçado a ser um semáforo.

(Aluna 24)

Mais um dia começa, estou indo trabalhar, todos ao meu redor me servem, chego no trabalho, tudo está bem até eu deitar no chão e servir de capacho.

(Aluna 25)

Ele se vestia com toda a formalidade que o cargo pedia. Andava sobre o homem-taxi, que seguia ao sinal verde do homem-semáforo. Chegou ao trabalho. Deitou-se e aguardou a primeira pisada do dia. Era ele o homem-capacho.

(Aluno 26)

Acordou e fez como todos os outros dias, sentou-se em alguém e foi carregado até o seu trabalho. Lá chegando, deitou-se.

(Aluno 27)

Ao trabalhar, negligenciava tudo ao seu redor, pois no fim era apenas um tapete de um outro tapete.

(Aluno 28)

No chão estou. Pisado e sujo. Isso é o que chamam de trabalho.

(Aluno 29)

*Levantei. Usei das pessoas. Fui ao trabalho. Todos usavam das
pessoas. No fim, deitei. Fui usado por outra pessoa: fui seu tapete.*

(Aluno 30)

2) Além do curta-metragem.

*Acorda e vai trabalhar. Apático não sente prazer no que faz. Espera a
mudança. Não precisar mais acordar.*

(Aluna 1)

*Troco trabalhador com experiência por um mais silencioso, o meu está
danificado.*

(Aluna 2)

*Hoje dona Maria trabalha para dona Antonieta, que amanhã talvez
trabalhe para vossa excelência.*

(Aluna 3)

O relógio o desperta. Mas não alto o bastante para fazê-lo acordar.

(Aluna 4)

Ele finalmente está empregado. Empreendendo vida por um salário.

(Aluno 5)

Saiu de casa, mais uma vez. Era outro dia de trabalho. Talvez o último de alienação!

(Aluno 6)

Sua rotina era sempre a mesma: Acordar, trabalhar e dormir. Até que ele parou de acordar.

(Aluna 7)

Todos os dias são iguais, trabalham ao seu favor, se submetem às suas necessidades, mas no fundo ele é só mais um.

(Aluna 8)

A lâmpada questionava sua existência, mas não imaginava que, sem ela, não haveria luz.

(Aluno 9)

Ao cair na real percebo que não nasci para ser um objeto, e sim para ter uma vida.

(Aluna 10)

Lá estava ele perdido, sem tempo e querendo desistir. Esquece que: "Tempo é dinheiro".

(Aluna 11)

Sem ânimo, acorda muito cedo, fica fora a tarde inteira, sem vontade, a semana toda. Final de semana em casa, encontra a realidade.

(Aluno 12)

De início já se percebe que apenas uma aluna colocou título em seu microconto. Conforme explicado em aula, geralmente não há necessidade, pois a micronarrativa se basta por si. Colocando-o, o título precisa ser um complemento natural do texto e não um título denunciador, de forma a compreender o final da trama prematuramente. Foi o que, corretamente, a **aluna 14** em seu microconto “Cabide” fez, à medida que quando a leitura chega ao seu final, o título passa a fazer sentido complementar à história.

Quanto aos requisitos básicos de uma estrutura narrativa, as escritas tiveram êxito, conforme estavam presentes em todas elas, personagens, fatos, enredo, tempo e espaço. Também conseguiram cumprir o desafio de escrever os textos em até 140 caracteres. Alguns alunos conseguiram fazer a supressão de algumas palavras, utilizando-se da elipse e do sujeito oculto, de forma a contribuir na brevidade e concisão do texto, conforme vemos em “*Empreendendo vida por um salário*” (**aluno 5**), onde há supressão do verbo “estar”, em: “Talvez o último de alienação” (**aluno 6**), a palavra dia é omitida, ou em “*sem tempo*” (**aluna 11**), em que verbo “estava” não foi colocado.

Quanto ao uso do sujeito oculto, é quase sempre possível identifica-lo por intermédio da conjugação do verbo, assim torna-se desnecessário que apareça o pronome reto, o que ajuda a tornar o texto mais conciso, como em: “*Levantou cedo, comeu pouco*” (**aluna 18**), “*Acordou, usou as pessoas*” (**aluno 19**), “*Chegou ao trabalho*” (**aluno 26**), “*Acordou e fez como todos os outros dias*” (**aluno 27**). Percebe-se que os termos são subentendidos, o que proporciona economia de caracteres, o que para um texto tão curto é fundamental. Outro exemplo, o emprego do verbo “estranhava” (**aluno 20**) no lugar de “achava estranho” também é um recurso empregado pelo aluno na economia das palavras.

Nas aulas de inserção inicial do gênero, os alunos tiveram contato com diversos microcontos de vários autores, e nas leituras e reflexões, o pesquisador tentou sempre mostrar a importância do protagonismo do leitor do microconto, conforme é ele quem fará as inferências necessárias ao seu entendimento.

Assim, o aluno deveria imaginar o leitor da sua obra, o que ele quer que leitor saiba e o que ele não quer. Mais do que contar a história era necessário que ela fosse

sugerida, que o leitor enquanto co-autor pudesse complementá-la. Isso pode ser visto, por exemplo, nos microcontos dos **alunos 4, 7, 12, 14 e 22**, em que a revelação da trama sugere mais possibilidades de interpretação conforme sugestiona ao autor um ou mais finais:

“...não alto o bastante para fazê-lo acordar”;

“Até que ele parou de acordar”;

“Final de semana em casa, encontra a realidade”;

“E você, foi usado por quem hoje?”;

“...espero ele passar...por cima de mim!”.

Nesse sentido, a escrita de um microconto é um exercício que exigiu do estudante criatividade e poder de síntese, à medida que abre diversas possibilidades para cada um suplementá-lo de acordo com seus conhecimentos prévios, sua criatividade e maneira crítica.

Essa atividade também serviu para mostrar aos estudantes que para escrever microcontos, não é necessário que sejam pessoas consagradas, e sim, que tenham conhecimento sobre o processo de construção da escrita. Significa dizer que escrever não se constitui um dom ou provém de inspiração, apenas.

Com relação a essa perspectiva, Garcia (2010, p.2-3), afirma:

O objetivo principal da produção de textos na escola passou a ser a participação ativa e crítica do estudante na sociedade, daí a importância de a escola propor situações de produção que se reportassem a práticas sociais e a gêneros textuais que existem de fato, que circulam socialmente e sejam passíveis de serem reconstruídos, ainda que parcialmente, em sala de aula. Escrever na escola passou a ser visto como um “ensaio ou mesmo uma prévia convincente” do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social. Daí ser necessário contemplar os gêneros que circulam nas diferentes esferas da atividade humana: literária, jornalística, midiática, científica, do lazer etc., o que permitiu privilegiar diferentes práticas letradas da vida contemporânea, buscando-se (re)produzi-las na escola.

Após a análise sobre as características principais do microconto, e pelo fato de ser a primeira inserção deles nesse mundo da escrita minimalista, pois com base no questionário quase 90% da sala não tinha conhecimento do gênero, foi possível perceber que os alunos conseguiram escrevê-lo, atendendo algumas das suas características, como informado acima, mas sobretudo, conseguiram refletir sobre os vários aspectos do trabalho no mundo de hoje.

Analisando o conteúdo das produções, verifica-se que em alguns microcontos os alunos inseriram seu senso crítico para denunciar as relações de trabalho e dos trabalhadores no mundo de hoje.

É nítido o retrato dos alunos sobre o trabalhador conformado com a sua realidade, inerte frente a sua desvalorização enquanto ser humano. A palavra capacho aparece em diversas histórias, escancarando a visão do trabalhador enquanto mercadoria, enquanto objeto do sistema que o cerca, fenômeno conhecido pela “coisificação” do trabalhador. Na maior parte das histórias os alunos retratam os protagonistas como homens “transformados” em objetos (entre aspas porque ainda humanos) por imposição de um sistema que os aliena, de modo a conformá-los àquela situação.

Nesse sentido,

O trabalho, como valor social, foi e deve ser preservado como meio de se alcançar a liberdade, dignidade e de sociabilizar o indivíduo perante a sociedade que integra. Logo, ao se remover do trabalhador o valor social do trabalho, retira-se também a possibilidade de se auto afirmar por meio do acesso à educação, à saúde, ao lazer e retiramos automaticamente sua liberdade e sua dignidade. [...] A condição, o estado de pobreza da pessoa, fomenta uma ausência de opção, o que acaba submetendo-o à condição de “coisa”, vendo-se forçado a assumir uma posição cada vez mais usurpadora de sua capacidade de raciocínio, sua vontade e seu poder de se autodeterminar. (KUMAGAI; et. al., s.d, s.l., p. 2).

O marasmo, a apatia e a falta de esperança do trabalhador estão representados em várias narrativas: *“Não precisar mais acordar” (Aluna 1); “Até que parou de acordar” (aluna 7); e “sem tempo e querendo desistir” (Aluna 11); Sem ânimo, acorda muito cedo, fica fora a tarde inteira, sem vontade, a semana toda.” (Aluno 12).* Despertou a atenção, a coisificação do homem pelo próprio homem, a desumanização do mundo em que pessoas se utilizam de outras pessoas como meros objetos, conforme nos mostram os microcontos dos alunos números **8** *“trabalham ao seu favor”*; **19** *“usou as pessoas”*; **21** *“uso as pessoas ao meu favor”*; **25** *“todos ao meu redor me servem”*; **27** *“sentou-se em alguém e foi carregado até o seu trabalho*; e **30** *“Usei das pessoas”*.

No microconto do **aluno 8** *“Todos os dias são iguais, trabalham ao seu favor, se submetem às suas necessidades, mas no fundo ele é só mais um”*, é necessária uma reflexão sobre a falta de consciência de classe do trabalhador, acreditando estar em uma relação hierárquica superior, mas que é apenas, visto pelo

sistema, mais um explorado. Sobre esse entendimento, cabe refleti-lo com base no pensamento de Paulo Freire e o seu conceito do oprimido hospedar em si o próprio opressor.

Freire afirma que de tanto o oprimido conviver com o sistema opressor, de tanto estar ao lado do opressor, quando ao oprimido é possibilitada a chance de agir diante da sua história como protagonista, como ator de sua libertação e dos seus, o oprimido age igual ao seu opressor, ou seja,

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 32).

As micronarrativas dos alunos 2, 6, 10 e 15 foram bastante críticas e reflexivas.

*“Troco trabalhador com experiência **por um mais silencioso, o meu está danificado**”.*

*“Saiu de casa, mais uma vez. Era outro dia de trabalho. Talvez o **último de alienação!**”*

*“Ao **cair na real** percebo que não nasci para ser um objeto, e sim para ter uma vida.”*

*“Estão me desgastando, **cansei de ser um abajur**. Vou brilhar em outro lugar.”*

Os grifos em negrito informam a tomada de consciência dos personagens frente a realidade opressora que os cerca, é o sentimento de catarse do personagem, de despertar para a consciência de classes, ou seja, de superação do trabalho que o alienava. Especificamente no último microconto, o **aluno 15** teve uma grande “sacada” e um olhar atento, ao se utilizar da cena final do curta-metragem, para demonstrar o momento da conscientização do trabalhador e a negação da sua exploração. Na cena final, o homem-abajur, inconformado da sua condição, arremessa para bem longe o abajur, que agora já não mais faz parte da sua vida, de agora em diante ele será o protagonista de sua história.

Esses microcontos contribuem para o entendimento de que o trabalhador não deve se adaptar a determinada realidade de exploração do homem pelo homem, típicas da sociedade capitalista, ele precisa ser um sujeito ativo na produção da humanidade, por isso a tomada de consciência, como os textos colocam, é questão fundamental nesse processo.

Nesse mesmo sentido, Marx afirma que

“ a emancipação das classes trabalhadoras deverá ser conquistada pelas próprias classes trabalhadoras; que a luta pela emancipação das classes trabalhadoras não significa uma luta por privilégios e monopólios de classe, e sim uma luta por direitos e deveres iguais, bem como pela abolição de todo domínio de classe (MARX & ENGELS, 2003, p. 107).

5.4 Síntese após análise

Sendo assim, encerra-se a análise dos dados obtidos com a sequência didática. Algumas atividades do produto educacional, como já informado anteriormente, tiveram que ser suprimidas em decorrência, tanto as concernentes ao estudo do gênero microconto, quanto um estudo mais aprofundado acerca do trabalho, que necessitaria ter ocorrido de maneira conjunta com a disciplina de História. Não ocorreu da forma pretendida.

Contudo, ainda assim, da análise do questionário, dos momentos de troca entre alunos e pesquisador em sala de aula, das leituras dos microcontos, dos comentários, das reflexões e das produções textuais que, para além dos aspectos estruturais do gênero, refletiram criticamente sobre o pensar do aluno no mundo do trabalho, o produto educacional desenvolvido pode contribuir “para uma nova postura do aluno enquanto protagonista na transformação da realidade social” (FREIRE, 2002). Assim, a sequência didática pode ser considerada positiva, de forma a ter possibilitado a consecução do ensino-aprendizagem desse gênero de maneira sistematizada, o que permitiu aos discentes construir seu próprio conhecimento, ter senso crítico, expor seus argumentos, tanto em texto quanto de forma oral.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao serem finalizadas as etapas de realização da pesquisa, constata-se que o objetivo geral do trabalho foi atingido, qual seja, o desenvolvimento e validação de uma sequência didática construída a partir do estudo e produção do gênero microconto com a temática do trabalho, de maneira a ser utilizado como um recurso didático em sala de aula. De forma breve, mas consistente, por meio de pesquisa bibliográfica, procurou-se trazer a caracterização do microconto e sua possível genealogia.

As atividades realizadas não tiveram avaliação formativa. O que se buscou com o trabalho desenvolvido foi conduzir os alunos ao conhecimento e reflexão de um novo gênero textual, tentando aumentar o seu conhecimento por meio da leitura e escrita de microcontos e do diálogo produzido com os textos e seus interlocutores, ou seja, o que se esperava é que os estudantes fossem capazes de interagir de forma crítica com o texto, fazendo com que este tenha sentido no contexto social em que estão inseridos, tornando-os capazes de ter voz e vez na sociedade, assim justificando a função social desse estudo.

A participação oral, as hipóteses, ideias e conclusões dos alunos revelam a compreensão sobre os conceitos estudados. Além das atividades desenvolvidas distribuídas pelas aulas, a aferição da aprendizagem pôde ser verificada na motivação ao escreverem suas micronarrativas, e no resultado delas. Os alunos conversavam e trocavam informações entre si e entre o pesquisador, buscando uma melhor maneira que impactasse o leitor e imprimisse maior sentido ao texto. É claro que, entendendo a escrita como um processo, como algo realizado gradativamente, e que o texto deve ser construído e aperfeiçoado até chegar ao “produto final”, uma proposta de inserção escrita desse gênero em sala de aula, requer mais tempo disponível, de forma que os alunos possam fazer a reescrita dos textos, aprimorando-os. Sobre essa prática processual da escrita, o aluno deve ter a compreensão de que precisam ser cumpridas as etapas de planejamento mental, tradução das ideias em palavras, releitura e revisão. “Tendo esse conhecimento, torna-se mais “fácil”, para o aluno, a compreensão de que a escrita, que atenda a demandas sociais, está além de um produto acabado e, sim, várias idas e vindas ao texto.” (DANTAS, 2015, p.66).

Assim, pode-se verificar a apropriação dos discentes sobre o gênero, no que tange ao seu domínio, capacidade de interpretação e síntese, e mais importante, a compreensão da turma quanto à importância da leitura e escrita como prática social, uma vez que os alunos perceberam que a escrita daqueles microcontos elaborados em aula poderiam ter outros interlocutores, além do professor. Dessa forma,

“a atividade de produção textual, de modo mais específico, favorece a prática discursiva, pois está associada ao contexto real, proporcionando o desenvolvimento de ideias, sentimentos e posicionamentos diante do mundo. O ensino de escrita deve estar direcionado para a necessidade de oferecer aos alunos as condições necessárias para que possam exercer sua cidadania e não simplesmente produzir textos para a escola que apenas servirão para o professor corrigir” (SANTOS, 2004, p75).

Os assuntos tratados nesse gênero, bem como a utilização da linguagem concisa fazem com que esse texto ganhe cada vez mais espaço no cotidiano dos alunos, porque permite analisar pequenos recortes da realidade atual, e depende significativamente da cooperação do leitor, com seu conhecimento prévio de mundo, para ser compreendido. A construção dos sentidos, portanto, é promovida no tríptico aliança auto-texto-leitor, uma vez que esse gênero se utiliza bastante dos implícitos e subentendidos e o desfecho da narrativa fica por conta do leitor.

No que tange a temática das produções textuais, o itinerário foi criado de forma a atender as bases que conceituam a EPT e, aqui nesse estudo a categoria **trabalho** serviu de aporte teórico para a construção dos microtextos. Dessa forma, mesmo que de maneira não aprofundada pela falta de mais tempo em sala, aos alunos foram inseridos alguns conceitos sobre o trabalho e exibido um curta-metragem que provocasse reflexões e inquietações sobre o mundo do trabalho na vida das pessoas dentro da lógica capitalista. O desenvolvimento do tema buscou estimular a participação dos alunos e a construção de argumentos para a construção das narrativas.

De maneira geral, os resultados foram satisfatórios, mostrando o quanto é importante trabalhar com propostas de ensino que priorizem não só a formação acadêmica do aluno, mas também e, principalmente, sua formação humana, o que se procurou fazer ao considerar a participação desses nas discussões, seus conhecimentos prévios e ao lhes dar autonomia no processo de produção. Entretanto, percebe-se que para o desenvolvimento da proposta com plenitude, teria sido

necessário um maior número de horas para o aprofundamento dos conteúdos e exercício da escrita.

Sendo assim pode-se concluir que do ponto de vista pedagógico, a sequência didática direcionada ao estudo e produção do gênero microconto constitui-se em mais uma importante estratégia, uma vez que, mesmo dentro da realidade posta na aplicação, possibilitou aos discentes, dentre outras aprendizagens, a assimilação das peculiaridades do gênero, a realização de inferências em atividades de interpretação, o desenvolvimento da síntese verificada na produção do gênero.

Uma educação que almeja “abrir os olhos”, promovendo uma nova perspectiva para a realidade, despertando a imaginação do educando, precisa se valer da literatura como um dos meios para alcançar esse objetivo. Independentemente do ciclo escolar em que o aluno esteja estudando, a literatura é um válido instrumento para aguçar os sentidos. Em suma, o benefício e a utilidade dos textos literários vão além dos muros da escola, pois não têm um caráter imediatista ou utilitarista; a literatura pode oferecer, além do prazer estético, uma capacidade de questionamento e criatividade indispensáveis à constituição do cidadão. (AGUIAR, 2019, p. 73).

Por fim, a escola enquanto principal agente educador da sociedade pode e deve promover constantemente práticas de ensino-aprendizagem que cumpram a função de inserir os alunos nas diferentes práticas letradas da sociedade, promovendo ações e reflexões teóricas na perspectiva do desenvolvimento pleno das suas potencialidades, não somente em eventos ou práticas escolares, mas em outros domínios sociais.

7 – REFERÊNCIAS

AMANUR. <http://amanur.blogspot.com.br/2014/10/a-teoria-do-ice-berg-de-hemingway.html>. Acesso em: 03 de dezembro de 2017

ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal**: (Collor, FHC, Lula). Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BADARÓ, Marcelo M. **Imprensa Comunista e formação de quadros no período 1954-64**. In: ROXO, Marco e SACRAMENTO, Igor (Orgs.). *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 123-143

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. [Novas Perspectivas; v.27]

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: um novo modelo em educação profissional e tecnológica - concepção e diretrizes**. Campinas: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Parecer CNE/CP nº11/2009** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1685&Itemid= Acesso em: 15 de março de 2018

_____. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 146p.

CAMPOS, Luciene Lemos de Campos, **Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro**. ABRALIC, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0674-1.pdf>. Acesso em: 20 de ago. de 2019

CARDOSO, Vera; SILVA, Carla. **A produção de microcontos no contexto digital: uma história contada em até 150 caracteres**. Campina Grande: 2016. Disponível em: <http://2016.cobesc.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Modelo-Trabalho-Completo.docx> Acesso em: 04/09/2019

CARVALHO, Damiana Maria de. **Microcontos no Brasil**. Araguaína, jul. de 2017. Disponível em :

<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/issue/view/210> Acesso em: 19/12/2019

ClAVATTA, MARIA. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: In: FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

CORTÁZAR, Julio. "**Vida de Edgar Allan Poe**"; "**Alguns aspectos do conto**". In: *Obra Crítica/2*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CORTELLA, Mario Sérgio. Vídeo (5 min). **Trabalho X Emprego 2007** – Baú do Cortella #42. Publicado pelo canal do Cortella, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DXYwVn1GYHU> . Acesso em: 15/09/2019

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 1 ed. 2º reimp. São Paulo: Contexto, 2012

DANTAS, C.S.B. **Minicontos: uma prática de letramentos emergente na escola**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currais Novos, p. 129. 2015.

EUZÉBIO, M.D. **Usos sociais da escrita na família e na escola: um estudo sobre práticas e eventos de letramento em uma comunidade escolar em Florianópolis/SC**. 2011. 258f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Ivani C.A. (org.). **Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional**. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 1999.

_____, Ivani C.A. (org.). **Práticas interdisciplinares na Escola**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Windyz Brazão. Vídeo (14 min). Série MP (3) Pesquisa Participante. Publicado pelo canal da Profa Windyz Brazão Ferreira, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSC1aPbfDMg>. Acesso em: 18/10/2019

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A viabilidade dos temas transversais à luz da questão do trabalho docente**. PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n12.htm>. Acesso em 15 de março de 2018.

FRANÇA, Eduardo Melo. **Poe, Cortázar e um contraponto: Machado de Assis. Ressalvas sobre uma (possível) teoria do conto. Remate de Males**, n. 28, v. 2, p. 251-266, jul./dez. 2008. Disponível em: Acesso em: 28 mar. 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio.; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005

GERALDI, J.W. **Unidades básicas do ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (Org.) O texto na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GIL, Antonio.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.

GREGOLIN, J.A.R.;BOCATTO, V.R.C. **Fundamentos da pesquisa científica e do trabalho científico**: etapas de elaboração do trabalho científico. São Carlos, SP: Ufscar, 2010 (apresentação em PPS)

HAMZE, Amélia. **Os temas transversais na escola básica**. 20 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm> >. Acesso em: 17 de mar. de 2019.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. **Conto brasileiro contemporâneo**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KUENZER, Acacia.Z. **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KUMAGAI, Cibele; MARTA, Taís N. **Direito fundamental ao trabalho digno**. [S.l.:s.n.:s.d.]

LAGMANOVICH, David. **El microrrelato. Teoría e historia**. Polencia: Menoscuarto, 2006.

LAKATOS, Eva.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Le Boterf, Guy. **Pesquisa participante: Propostas e reflexões metodológicas**. In: Brandão Carlos Henrique. et. al. Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. **Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos**. In.MARCUSCHI, Luiz Antonio,et al. São Paulo: Parábola,2011.

LUZIA DE MARIA, **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANACORDA, Mario. A. **Marx e a pedagogia moderna**. 3.ed. Campinas. Editora Alínea, 2017.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004

_____. **Trabalho assalariado e capital**, 4.^a ed.. Traduzido por Olinto Beckerman. São Paulo: Global editora, 1974.

_____. **Trabalho estranhado (extrato)**. Idéias: revista do IFCH, Campinas, SP, Ano 9, n.10, p.455-472, 2002

MARX, K; ENGELS. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

MIZUKAMI, Maria. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem**. 2.ed. São Paulo: E.P.U, 2015.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

PACHECO, Eliezer. M; MORIGI, Valter (Org.). **Ensino técnico, formação profissional e cidadania: a revolução da educação profissional e tecnológica no Brasil**. Porto Alegre: Tekne, 2012.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 1999.

Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. (2000a). Estabelece parâmetros curriculares. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica.

PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto. In: Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAMOS, Marise. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 106-127.

REGATTIERI, Marilza, CASTRO, Jane.M. (Org.). **Ensino médio e educação profissional: desafios da integração**. Brasília: Unesco, 2009

REVISTA NOVA ESCOLA. **Twitter: uma ferramenta para ensinar síntese e coesão textual**. São Paulo: Abril, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/linguaportuguesa/praticapedagogica/twitterferramenta-ensinar-sintese-coesao-textual-629268.shtml?page=0>>. Acesso em: 31 abr. 2020.

ROSSATTO, Edson. **Cem toques cravados**. 23.ed.rev.e ampl.. São Paulo: Editora Europa, 2012.

SANTOS, I.B.A. JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUISTICOS, GELNE, 20. **Produções textuais escritas de alunos do ensino médio: práticas discursivas para a participação social**. Natal, 2004 Dissertação (Mestrado em Linguística A) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da politecnia: trabalho, educação e saúde**. *Revista da epsjv/fiocruz*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 131-52, 2003.

_____. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 12, n. 34, 2007, p. 152-165.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**/ Karl Erik schollhammer. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCLIAR, Moacyr. **Histórias para (quase) todos os gostos**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SEABRA, Carlos. **Microcontos do Carlos**. 2005. Disponível em: <<http://microcontosdocarlosblogspot.com.br/>> Acesso em: 19 de dezembro de 2019.

SEVERINO, Antônio.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed.rev.e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Fernando O. **Integração curricular: um caminho**. São Paulo: Porto de idéias, 2016

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 81 f. Diss. Dissertação (Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas) –Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

_____. Marcelo. **O protagonismo do leitor no miniconto contemporâneo**. *Revista EnciQlopédia*. Osório, nº1, vol.9, pgs. 58-69, out.2012.

SPRINKLR. **A explosão dos vídeos curtos**. 2013. Disponível em: <<https://www.sprinklr.com/pt-br/the-way/a-explosao-dos-videos-curtos/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro**. In. **O melhor conto brasileiro Minas Gerais**. XAVIER, Therezinha Mucci. Joinville, Sucesso Poket, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRINDADE; Vitor, FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia (Org.). **Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional**. Campo Grande: Editora UFMS, 1999.

VALBUENA, L. (2012). **Una aproximación al microrrelato hispánico: antologías publicadas en España** (1990-2011). Tese de Doutoramento – Universidad de Valladolid, Espanha. Disponível em:<<http://uvadoc.uva.es/handle/10324/1029>>, Acesso em: 20/02/2019.

VEIGA, Ilma P.A.(Org.) **Técnicas de ensino: Por que não?** 21.ed. Campinas: Papyrus, 2011

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESTUDO DO
GÊNERO MICROCONTO E SUA
PRODUÇÃO COM A TEMÁTICA
TRABALHO**

GUILHERME FRANCISCO LOPES

EDUARDO ANDRÉ MOSSIN

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo autor

Lopes, Guilherme Francisco

Sequência didática de estudo do gênero microconto e sua produção com a temática trabalho / Guilherme Francisco Lopes -- Sertãozinho - SP, 2020.
40 f.; il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo André Mossin

Produto educacional (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Sertãozinho, 2020.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Microconto. 3. Trabalho. 4. Ensino médio integrado. 5. Tema transversal. I. Mossin, Eduardo André. II. Título.

Catálogo na publicação: Gisele Machado da Silva – CRB 8/8554

APRESENTAÇÃO

A proposta desse produto educacional, sequência didática, é uma possibilidade de estudo e produção em sala de aula do gênero textual microconto, utilizando-se o trabalho como tema transversal para a sua escrita. Este produto foi desenvolvido dentro do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, realizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP. A sequência didática foi desenvolvida como proposta para aplicação em turmas do 1º ano do ensino médio integrado, em quatro momentos, mas que poderão ser adaptados de acordo com as necessidades de seu aplicador.

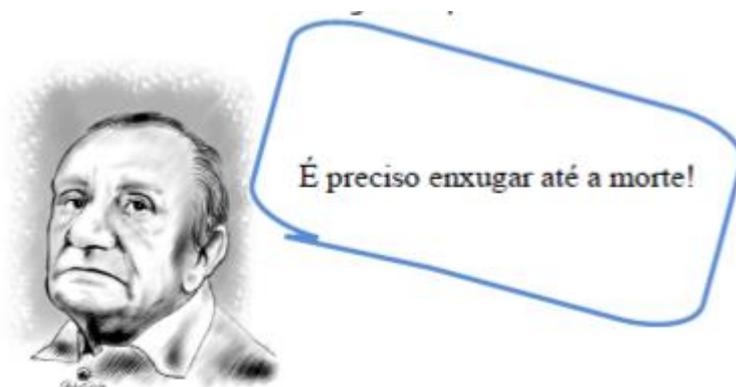


Figura 1 João Cabral de Melo Neto

Fonte: <https://www.grupoescolar.com/a/b/308D3.jpg>

I - INTRODUÇÃO

De forma a contemporizar a microliteratura à realidade do estudante, a naturalidade com que esses jovens criam pequenas histórias em *posts*, seja no *Twitter*, seja no *Whatsapp* ou *Facebook*, sintetizando notícias de variados assuntos (política, economia, sexualidade, entre outros) que rapidamente viralizam, respalda a importância do estudo do gênero textual microconto em sala de aula.

A tendência em direção à produção de formatos narrativos curtos parece acompanhar a própria evolução da comunicação dos jovens. Do *gif* animado ao *Twitter*, *Whatsapp* e o *Facebook*, as narrativas curtas sempre estiveram em destaque e, atualmente, na era da produção de conteúdo com e para dispositivos móveis, essa tendência está se intensificando rapidamente.

Nesse cenário, as micronarrativas utilizadas no contexto escolar, aqui o microconto, podem constituir uma robusta ferramenta de motivação para os alunos no que se refere à produção, à interpretação e à leitura crítica de textos, uma vez que se trata de um gênero pertencente a seu cotidiano digital, com potencial para diminuir as fronteiras existentes entre os adolescentes e os gêneros literários tradicionalmente estudados e produzidos na escola.

Nesse sentido procurou-se a apropriação dos alunos sobre o gênero textual microconto, literatura essa estritamente ligada à rapidez e diversidade das formas de comunicação no atual contexto social, e que exige verdadeira apropriação do aluno da leitura e da escrita, de maneira a contribuir ao estudante melhorar seu lugar de inserção e práticas sociais.

Nas palavras de Cosson (2014, p.33):

[...]saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive.

Destarte, buscando encontrar uma sintonia entre o gênero microconto e a proposta do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) foi que se procurou utilizar-se de suas bases conceituais, em específico o tema central que é o trabalho, para que fosse produzida uma sequência didática de

estudo e ao final de produção de microcontos com o tema para serem utilizados como um recurso didático.

A escolha da temática “trabalho” como caminho para o desenvolvimento de uma visão de mundo do aluno crítica, contextualizada, deve-se ao fato de que o trabalho, consoante a Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) deve ser o eixo estruturante de todo o ensino médio. Em seu artigo 1º, §2º, a lei define dois princípios norteadores de sua política que são a vinculação da educação ao mundo do trabalho e à prática social:

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996.)

Adiante, no artigo 35, inciso II, há a indicação, de forma expressa, que uma das finalidades da educação é a preparação básica para o trabalho:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:
II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; (BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.)

Assim, o trabalho se constitui como princípio organizador do currículo no Ensino Médio. Conforme o Parecer CNE/CP 11/2009⁵, a organização curricular deve ser estruturada "a partir das inter-relações existentes entre os eixos constituintes do Ensino Médio, ou seja, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura, tendo o **trabalho como princípio educativo**" (Brasil, 2009, p.3 grifos nossos).

Desse modo, o trabalho deve ser considerado um tema transversal⁶ ao currículo desde as séries iniciais do ensino básico, de forma a oferecer ao aluno conteúdos contextualizados e coerentes sobre o sistema econômico vigente e as características do mundo do trabalho. Ao compreender o trabalho como dimensão da

⁵ Parecer CNE/CP nº11/2009 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1685&Itemid= Acesso em: 15 de março de 2018.

⁶ Os “temas transversais” dizem respeito a conteúdos de caráter social, que devem ser incluídos no currículo do ensino fundamental, de forma “transversal”, ou seja: não como uma área de conhecimento específica, mas como conteúdo a ser ministrado no interior das várias áreas estabelecidas.

cidadania, pretende-se contribuir para a preparação dos jovens para um engajamento democrático, ativo e crítico não apenas profissional, mas também pessoal e social.

Segundo os PCN, os temas transversais: [...] correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. [...], os objetivos e conteúdos dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade. (BRASIL, 1998b, p. 17).

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar. (PCN, 2000, p.31).

Sobre explorar os temas transversais em sala de aula, “importante é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem. Quando enfocamos o tema transversal Trabalho e Consumo, poderemos enfatizar a informação das relações de trabalho em várias épocas e a sua dimensão histórica, assim como comparar diversas modalidades de trabalho, como o comunitário, a escravidão, a exploração, o trabalho livre, o assalariado. O papel da escola ao trabalhar Temas transversais é facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado, através da interdisciplinaridade e transversalidade, buscando não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, para que a Educação realmente constitua o meio de transformação social.” (HAMZE, 2018, s.p)

Dessa contextualização, e colocada a importância de se estudar o trabalho com os alunos do EMI e a importância da Escola em considerar a valorização da dimensão humana do trabalho como um objetivo central na formação dos sujeitos, o produto educacional utiliza-se das bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, mais precisamente àquelas referentes ao trabalho aplicadas nas produções dos microcontos confeccionados pelos alunos, investigando também a apropriação dos estudantes acerca do conceito e das aplicações dessa microliteratura, a qual será a ferramenta utilizada para estudo e discussão em sala de aula nas disciplinas de História e Língua Portuguesa.

OBJETIVOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

- Familiarizar o discente acerca das características do gênero, devendo ser levado a discutir, conhecer e comentar as condições de produção e circulação desse gênero textual;
- Refletir sobre alguns aspectos sociais e históricos do trabalho no sistema capitalista vigente;
- Desenvolver o ensino e a prática da produção de microcontos, promovendo no aluno autonomia, criatividade e criticidade;
- Motivar o aluno à leitura e a produção textual;
- Contribuir para que a sequência didática funcione como um instrumento que proporcione benefícios em termos educacionais, sociais e culturais;
- Trabalhar a produção textual por meio da escrita de microcontos;
- Compilar os microcontos produzidos pelos alunos para serem aplicados em outras turmas para desencadeamento de discussões.

METODOLOGIA

Os quatro momentos da sequência didática serão expostos aqui de maneira sumarizada e, posteriormente, será feito o detalhamento de cada atividade:

	Momento 1 Aula Língua de Portuguesa	Momento 2 Aula Língua de Portuguesa	Momento 3 Aula de História	Momento 4 Aula de Língua Portuguesa
Etapa da Sequência Didática	Aplicação de um questionário diagnóstico com questões sobre o gênero abordado e sobre o tema trabalho (Apêndice A) Produção inicial do microconto antes do estudo	- Aula expositiva e dialogada sobre o gênero microconto - Proposição de situações de leitura e compreensão dos microcontos de vários autores - Atividade de observação e análise do microconto, constante nas Atividades 1, 2, 3, 4 e 5	- Aula expositiva e dialogada sobre os conceitos e significados do tema trabalho, no sistema capitalista - Exibição do Curta-metragem: “O emprego ⁷ ” de Santiago Bou Grasso (2008) - Atividade de discussão e debate com os alunos sobre a aula e os recursos audiovisuais.	Produção de microcontos de forma conceituada e contextualizada com o tema trabalho. Análise das produções e leitura coletiva Investigação da aprendizagem Compilação e publicização dos microcontos produzidos Possibilidade de utilização das micronarrativas produzidas, em outras turmas.

⁷ Link do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=IYOa0c74kug>

<p>Objetivos de Aprendizagem</p>	<p>Verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero textual e a temática que serão alvo do estudo.</p> <p>Essa atividade tem o intuito de enxergar as concepções e percepções dos alunos acerca do trabalho e verificar como reagirão à produção de um texto narrativo extremamente conciso em que o poder de síntese e precisão se tornam imperiosos.</p>	<p>- Familiarização do discente com as características do gênero, devendo ser levado a discutir, conhecer e comentar as condições de produção e circulação desse gênero.</p> <p>- Aqui ainda o aluno deve apropriar-se das características discursivas do gênero, e nesse nível de conhecimento do microconto, o aluno poderá fazer uma série de inferências, compreender alguns recursos estilísticos típicos; a temática e a organização composicional do gênero.</p>	<p>- Importante que o aluno consiga refletir sobre os aspectos sociais e históricos do trabalho no sistema capitalista vigente.</p>	<p>Verificar se o aluno teve compreensão das características composicionais, temáticas e estilísticas do gênero microconto.</p> <p>Verificar e analisar se os microcontos produzidos refletiram um pensar mais crítico sobre o trabalho, quando da produção inicial e descontextualizada.</p> <p>Motivar o aluno à leitura e a produção textual</p>
<p>Conteúdo</p>	<p>Questionário com 8 questões abertas</p>	<p>- Aula expositiva e dialogada</p> <p>- Utilização dos microcontos das obras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ “Os cem menores contos brasileiros do século” de Marcelino Freire (2004) ✓ “Dois palitos”, de Samir Mesquita (2011) ✓ “Cem toques cravados”, de Edson Rossatto (2012) ✓ ‘Microcontos de Carlos Seabra. 	<p>- Aula expositiva e dialogada</p> <p>- Curta-metragem: “O emprego”</p>	<p>- Produção, análise e compilação das micronarrativas construídas pelos discentes</p>



Cabe pontuar que a proposta se dará em momentos e não em aulas. Isso significa dizer que a flexibilidade deve estar presente nessas atividades, sendo que cada realidade de aprendizagem é autônoma. Quanto a sua avaliação, esta se dará mediante a participação e envolvimento dos discentes nas atividades em sala de aula, individuais e em grupo.



A sequência didática foi dividida em 4 momentos, os quais serão detalhados abaixo:

1º MOMENTO

- + Dando início a sequência didática, deverá ser feita a apresentação da proposta em que os alunos estarão envolvidos, apresentando o gênero textual que será estudado, expondo os conteúdos com os quais a turma trabalhará, e as áreas do conhecimento que serão envolvidas.
- + Como primeira atividade, poderá ser feita aplicação de um questionário de forma a diagnosticar o ponto de partida dos alunos a respeito dos temas tratados. Assim, as questões colocadas têm o intuito de mensurar qualitativamente alguns conhecimentos prévios a respeito do gênero textual microconto e verificar as concepções dos alunos ao tema trabalho, se partem do senso comum ou já há um conhecimento sistematizado.

QUESTIONÁRIO

Gênero textual: Microconto

1 - Você conhece o gênero textual microconto?

() Sim () Não

2 - Explique o que você entende por ele.

3 - Você já escreveu algum microconto?

() Sim () Não

4 - Como foi essa experiência?

5- Você gosta de produzir textos?

() Sim () Não

6 - De qual(is) gênero(s)?

7 - Costuma compartilhá-los?

() Sim () Não

8 – Onde?

9 - Com quem?

10 - Você se sentiria motivado em sua aprendizagem, se textos escritos por vocês e seus colegas pudessem ser discutidos em outras disciplinas, como a de História por exemplo? Justifique.

Assunto: Trabalho

11- Para você o que é trabalho?

12 - Na sua visão, quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho?

13 - Você acredita haver relação entre educação e trabalho? Como você explicaria essa relação?

- ✚ Também, para dar subsídios ao professor, deve-se solicitar aos alunos que produzam uma primeira micronarrativa de até 140 caracteres e que para isso utilizem-se do tema trabalho.
- ✚ Esta primeira escrita verificará o estágio em que se encontra o discente frente a compreensão do gênero, dando insumos necessários para que o professor faça boas intervenções e trace com maior clareza o caminho a ser percorrido para se aprofundar durante as etapas.
- ✚ A escrita deverá ocorrer sem qualquer prévia explanação ou maior investigação do professor com a classe.
- ✚ A partir dessas primeiras produções, o professor observará o que os alunos já sabem e várias singularidades dos seus textos. Essas duas primeiras atividades contribuirão no planejamento das futuras intervenções e pode ser que, apesar da sequência didática já definida, seja necessário completar ou transformar as atividades em função das necessidades dos alunos.

2º MOMENTO

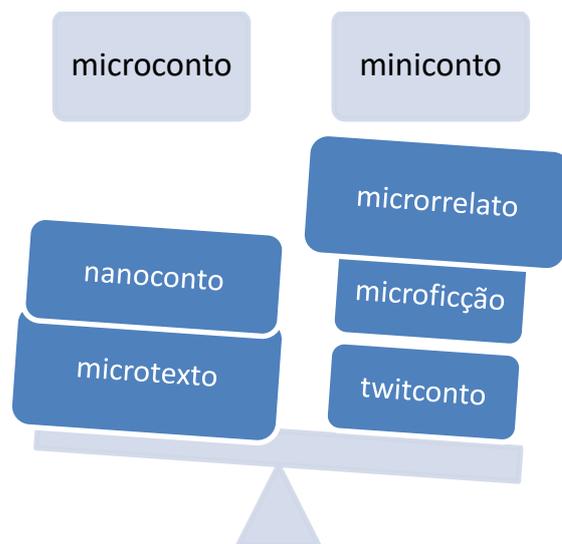
✚ Neste momento, de posse das informações colhidas nas atividades anteriores, o discente construirá com os alunos os conhecimentos em torno das particularidades do microconto, conhecendo, sua estrutura de composição, seus objetivos, e compreender suas características composicionais, temáticas e estilísticas do gênero, seus meios de circulação, dentre outras particularidades.

Proposta de inserção do gênero em sala:

Mas afinal, o que é um microconto?

QUANTO A SUA NOMENCLATURA

Após os estudos sobre o gênero, verifica-se que, primeiramente quanto a sua nomenclatura, não há consenso. Eis alguns exemplos:



Embora haja vários termos de identificação, a maior parte dos autores se utiliza do termo microconto.

QUANTO A SUA DEFINIÇÃO

Sob esse aspecto, também não há unidade. Os microcontos, em linhas gerais, são narrativas muito breves, com até 140 caracteres que primam por algumas características essenciais em sua construção, como a **concisão, brevidade, intertextualidade, subtexto, criatividade, poder de síntese, o protagonismo do leitor, de forma a causar-lhe um impacto, quebrando sua expectativa inicial.**

Vejamos alguns exemplos:





CLASSIFICADO

"Procuro trabalho. Aceito qualquer um oferecido. Pedi esmola para pagar este **anúncio**".

Acordou repentinamente.
Olhou em volta.
Tudo não passava de um sonho.
 Ainda dormia no frio e na rua.

De onde estava,
Ana ouviu o marido elogiá-la.
 Ficou emocionada. **Um viúvo saudosista...** e cavalheiro.

Fonte: Microcontos de "Dois palitos" de Samir Mesquita e "Cem toques cravados" de Edson Rossatto



QUANTO A FORMA:

Quanto à forma, percebe-se pelo levantamento da maioria dos autores brasileiros se utilizarem de até 140 caracteres, contando com espaços e acentos, muitas vezes sem apresentarem título, pois esse elemento, para alguns, tomaria um espaço necessário ao corpo do texto.

Era uma democracia? O noticiário da TV mostrava tudo — mas só o que o dono da emissora queria.

O soldado era pago para matar. Foi dispensado quando começou a pensar.

Ela faz striptease e ele é michê. Viraram crentes e agora tentam converter seus clientes.

As chamas queimaram tudo. Nos escombros do prédio, aquela privada, branca e reluzente, não fazia o menor sentido.

Fonte: Microcontos de Carlos Seabra disponíveis em: <https://trello.com/b/wJVWPaBY/microcontos-carlos-seabra>

NARRATIVIDADE

Característica fundamental, a narratividade é o processo de sequência de ações para se contar uma história. As ações podem estar implícitas ou explícitas, mas é ela que o diferencia dos haicais, dos aforismos, anedotas, ou do poema em prosa. Seguem alguns exemplos:

Toda terça ia ao dentista e voltava ensolarada. Contaram ao marido sem a menor anestesia. Foi achada numa quarta, sumariamente anoitecida.

Nunca foram apaixonados um pelo outro, mas casaram-se e tiveram filhos. Foram felizes por um mal-entendido.

Nem notou que tinha asas, contudo, quando precisou elas apareceram. Voou o mais rápido possível para completar o seu ciclo, por fim, morreu a borboleta.

Apague a luz, pediu ela. Me dá um beijo, ele pediu. E para todo o resto não precisaram de mais palavras.

Pediu um tempo para o marido. Acabou ganhando 7 dias e uma missa.

Microcontos de Carlos Seabra disponíveis em: <https://trello.com/b/wJVWPaBY/microcontos-carlos-seabra>

PERSONAGENS, FATOS, ENBEDO, TEMPO E ESPAÇO

Os microcontos apresentam em seu corpo os elementos básicos de uma narrativa, sem os quais ela não acontece. Analisaremos abaixo alguns deles, estudando suas características:

Mãos dadas pelas ruas. Ele conduzido por ela. Coração apertado pela separação:

primeiro dia de aula.

(ROSSATTO, 2012)

Personagens: implícitos; mãe e filho ou pai e filha.

Ação: a mãe conduzindo o filho receoso com o primeiro dia de aula, ou a filha empolgada com a ideia de ir para a escola, conduzindo o pai. (Leitor preenche as lacunas)

Espaço: caminho da escola, provavelmente a rua.

Tempo: presente.

Narrador: onisciente e onipresente em 3ª pessoa.

Teste de vista

Ler? Não, senhor. São óculos para descanso.

(ROSSATTO, 2012)

Personagens: implícitos; um paciente e um oftalmologista.

Ação: diálogo, sendo que a fala de apenas um personagem está marcada (o paciente)

Espaço: consultório de oftalmologia

Tempo: presente

Narrador: personagem em 1ª pessoa

Ainda no que toca aos personagens, eles sempre estão presentes na narrativa, mas, o que os difere no microconto é sua aparição não se dar explicitamente. Muitas vezes nem mesmo seu sexo é evidenciado. O que importa nesses casos é a ação, pois o leitor imaginará o personagem que quiser.

CLASSIFICADO: “Troco futuro do país por cesta básica.

Entrega após a eleição (mas só se eu ganhar)”.

(ROSSATTO, 2012)

Claramente identificamos um candidato político como personagem, mas não temos ideia do cargo pleiteado, pois isso não importa. Também não é importante sobre o sexo do personagem. O leitor fica livre para imaginar o político que quiser.

CLASSIFICADO: “Ofereço minhas cinco fias pra casório.

Preferência por doutor, mais serve trabalhador”.
(ROSSATTO, 2012)

A linguagem incorreta indica a origem humilde do personagem, mas, novamente, não identificamos seu sexo, que não importa para a história.

- Eu não te amo mais.
- O quê? Fale mais alto, a ligação está horrível!
(FURTADO, 2008)

No caso acima, chegamos à conclusão de que se trata de um casal discutindo a relação por telefone. O que não fica claro é se o personagem da primeira fala é homem ou mulher, e a mesma dúvida recai sobre a autoria da segunda fala. Há ainda a possibilidade dessa relação ser homoafetiva. Mas nada disso importa. O foco está na ação, no fato de o relacionamento chegar ao fim por intermédio de um telefonema e na dúvida se a segunda pessoa não ouve e não quer ouvir.

CONCISÃO, BREVIDADE E PODER DE SÍNTESE

A concisão extrema da forma é uma das principais, na medida em que a escolha das palavras corretas para contar aquilo que se quer, valoriza os silêncios presentes nos textos. Concisão esta que se refletirá também na concisão de personagens, que é fruto da brevidade, pois não há espaço na narrativa para o desenvolvimento de muitos deles, sendo assim a brevidade do conto permitirá ao leitor ter presente consigo o início do relato já em sua leitura do final, o que dificilmente ocorrerá em um romance, por exemplo.

Em outras palavras, esses textos não são curtos por faltar tempo em concluí-los, mas sim porque as escolhas lexicais são cuidadosamente pensadas para impactar o leitor, deixando a ele a tarefa de preencher as lacunas. Vejamos mais alguns:

CONTO N.16

Estavam há três meses sem salário. Eles pararam a cerimônia e deixaram de ser figurantes. Os coveiros estão em greve. Morto não tem pressa.

CONTO N.21

Sonhava em ser filósofo. Liberdade de pensar. Foi à faculdade. Lá, regras e amarras teóricas. Buscou o extremo filosófico. Cometeu suicídio!

CONTO N.22

São Paulo se tornara insuportável. Precisava de liberdade, sentir-se com o cheiro da maresia. Foi ao litoral. Onde jantar? Shopping center.

CONTO N.23

Ele se julgava popular, como galã de filme da Disney. Facebook. Seguidores no Twitter. Só a mãe no enterro dele. A morte não era virtual.

CONTO N.26

A biblioteca de 20 mil volumes chocava amigos e inimigos. Lia 100 obras/ano. A vida pelos livros. Ao sair sozinho, não sabia tomar ônibus.

INTERTEXTUALIDADE, SUBTEXTO E PROTAGONISMO DO LEITOR

O microconto é aquela obra que carrega mais de uma história: uma, a aparente, a que está aos olhos de todos; a outra – ou outras – está por trás, nas entrelinhas: o que se pode chamar de subtexto. Isso requer, por parte do leitor, uma considerável bagagem literária para ser alcançado, pois o autor apenas sugere as informações.

A intertextualidade é outra marca presente na micronarrativa, porquanto, permitem ao leitor compreender o sistema em que se insere a narrativa e estabelecer as necessárias relações intertextuais. Embora imprescindíveis para a condensação da história, a intertextualidade exige do leitor saberes culturais suficientes para interpretar e completar o significado de qualquer microconto. Com isso queremos dizer que a intertextualidade não depende somente das escolhas criativas do autor, mas sobretudo, da perspectiva do leitor enquanto agente gerador de interpretações.

A história que se pretende contar, ou melhor, suggestionar, só é passível de funcionar com a cumplicidade do leitor, o seu protagonismo. Por isso, a exigência de

um leitor participante, ativo, é vital, pois o seu conhecimento cultural, a utilização de estratégias para a interpretação e compreensão dessa breve narrativa, fará com consiga alcançar com maior proveito a história, ou as histórias presentes no texto. Nessa medida, o autor se torna o coautor da obra.

Sobre essas últimas características abordadas, traremos alguns microcontos e as identificaremos:

“Puxa, pisei no seu pé, desculpe!”. Ela apelou para algo mais direto.

Quem sabe assim ele a notasse.

(ROSSATTO, 2012)

1ª ação: (Implícita) a insinuação da garota.

2ª ação: (Explícita) a garota pisa no pé do rapaz.

Com traços tortos, desenhou uma casa, sob o olhar lacrimoso da mãe. Um progresso depois do acidente.

(ROSSATTO, 2012)

1ª ação: (Explícita) acidente

2ª ação: (Explícita) o personagem desenhando uma casa

3ª ação: (Explícita) o choro da mãe

Por deixar para o leitor a tarefa de preencher as lacunas do texto, é muito comum que o cotidiano seja tema constante das micronarrativas, que serão compreendidas de acordo com o conhecimento e experiências do leitor.

Vestiu-se com elegância, secou o suor, suspirou e se dirigiu para o **sim** mais importante de sua vida.

(ROSSATTO, 2012)

Quando aparece a palavra “sim”, um conhecimento prévio de vários “sim” famosos é acionado na cabeça do leitor, que se integra ao resto do microconto. O mais famoso e importante “sim” presente na vida de uma pessoa é, em tese, o dito no dia do casamento.

O escritor se aproveita do conhecimento de mundo do leitor para completar o que não foi dito na história. Por exemplo: se for escrito que o personagem está em uma festa de aniversário, o leitor imagina o ambiente desse tipo de comemoração, com bolo, convidados, música de parabéns, enfim.

“Feliz aniversário!”. Nada. Abriu o imenso bolo e olhou.

“Eita, não fizeram buraco para respiração!”.

ROSSATTO, 2012)

A imagem da dançarina saindo de um bolo para alegrar o aniversariante foi amplamente propagada pelo cinema, fato que remete o pensamento do leitor diretamente a essa cena quando se nota, nesse microconto, que tem alguém dentro do bolo.

Ela o amava, mas teve de mata-lo. Estava velho, cego, manco e mal conseguia usar sua caixa de areia.

(ROSSATTO, 2012)

A expressão “usar sua caixa de areia” remete diretamente ao gato, que a usa para fazer suas necessidades. Mas façamos um exercício: imaginemos que o autor tivesse escrito esse microconto tendo em mente um gato incomum, um prodígio que faz suas necessidades no vaso sanitário. O texto ficaria assim:

Ela o amava, mas teve de mata-lo. Estava velho, cego, manco e mal conseguia usar o vaso sanitário.

Por não usar no texto uma expressão que remeta ao universo dos gatos em geral, o entendimento, fatalmente, será distorcido, sendo que de um gatinho sacrificado teríamos um ser humano assassinado. Por isso o cuidado quando a escrita se tratar de situações fora da realidade comum.

Como já colocado, o leitor se torna coautor da obra no instante da leitura, ao utilizar seus conhecimentos de mundo para compreendê-la. Mas, para que isso aconteça caberá ao autor sugerir essas informações:

Arruda

- Se for o capeta, diz que estou no banho.

(FUEGO, 2008)

Aqui a ação se desenrola com a fala do personagem, diante de uma primeira ação oculta, que pode ser o toque de uma campainha de porta ou telefone. Também entende-se que há uma segunda pessoa no recinto para quem o primeiro personagem pede o atendimento da porta ou telefone.

Escreveu uma longa carta de amor. Depois envelopou.

Pôs o seguinte endereço: “Céu, ao lado de Deus”.

(ROSSATTO, 2012)

No momento em que contempla a frase “Céu, ao lado de Deus” como sendo o endereço do amor do personagem, o leitor é remetido à condolência comum quando se consola alguém que acabou de perder um ente: “Está junto de Deus agora”. Conclui-se, então no texto que alguém está enviando uma carta saudosista de amor a alguém que já morreu.

Percebe-se nos últimos dois microcontos que os entendimentos não estão explícitos em palavras e só é possível compreendê-los por intermédio do conhecimento de mundo do leitor. Ao autor cabe apenas sugerir.

QUEBRA DE EXPECTATIVA

Como o próprio nome sugere, é quando, durante o efeito estético, ocorre uma quebra na "continuação natural" da leitura, ou melhor, na sua expectativa, gerando uma reviravolta na trama. O leitor é levado a acompanhar uma ideia e, no fim, essa ideia é desconstruída.

Estava muito ansioso: faria rapel pela primeira vez.

Enfim, havia crescido. Não era mais uma lêndea.

(ROSSATTO, 2012)

Somente quando a palavra lêndea é mencionada é que o entendimento se completa. O mesmo acontece no exemplo abaixo. A última palavra do microconto justifica a reza do ateu. Vejamos:

Juntou as mãos para rezar. Já era tempo de um ateu

como ele tomar jeito. Esperava parar o terremoto.

(SEABRA, 2009)

O leitor é levado acreditar em uma linha narrativa durante seu desenvolvimento e somente quando se conclui o microconto é que há uma quebra de expectativa e se revela outra linha narrativa.

Para ilustrar, na tabela abaixo, 5 microcontos separados entre o desenvolvimento e a revelação:

DESENVOLVIMENTO	REVELAÇÃO
Escreveu uma longa carta de amor. Depois envelopou. Pôs o seguinte endereço: (ROSSATTO, 2012)	"Céu, ao lado de Deus".
Ajoelhou-se aos pés dela para fazer o pedido. Sorrindo, apontou para (ROSSATTO, 2012)	o scarpin: "Empresta pra mim?"
Conseguiu comprar uma casa na Paulista.	jogar Banco Imobiliário.

Foi a sexta vez desde que começou a (ROSSATTO, 2012)	
Já era tarde e eles ainda dormiam, aproveitando o início de calor da manhã, sob o cobertor roxo (MORALLES, 2012)	característico dos mendigos.
Era hora de dar um salto na vida (MESQUITA, 2012)	Escolheu a janela do 10º andar.

O QUE NÃO É MICRONARRATIVA

Agora vamos ver o que não é microconto. Como dito anteriormente, uma micronarrativa necessita de ação. Tem que contar uma história de alguém ou de alguma coisa. Não pode ser uma frase bonita, um aforismo, uma anedota, ou um mero fragmento narrativo, ele é um todo em si (totalidade).

O sebo é o cemitério de autores vivos.
(CARPINEJAR, 2009)

Um erro não justifica o outro. Mas desvia a atenção do mais grave.
(HENRY, 2010)

“Os políticos e as fraldas devem ser trocados de tempos em tempos e pela mesma razão.”
(AUTOR DESCONHECIDO)

A mentira é o único privilégio do homem Sobre todos os outros animais.”
(DOSTOIÉVSKI)

Percebe-se claramente que não existe narratividade. Ambos os textos não contam uma história, embora sejam construções muito bem elaboradas e causem reflexão.

A teoria do Iceberg de Ernest Hemingway

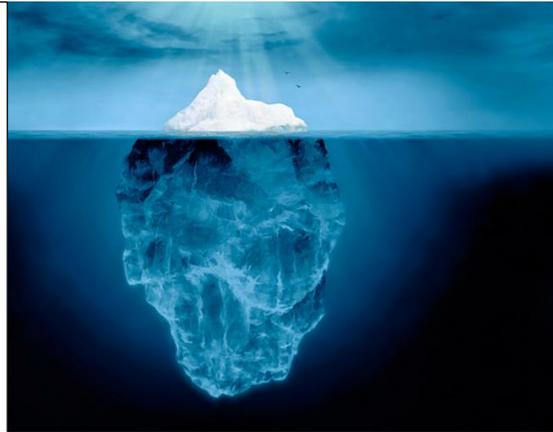


Figura 2 Ernest Hemingway

Fonte: <https://www.teclasap.com.br/ernest-hemingway/>

“...obter o máximo do mínimo, como podar linguagem, como multiplicar intensidades e como dizer só a verdade de uma forma que permitisse dizer mais do que a verdade”.

O autor compara o microconto a um *iceberg* porque apenas um oitavo de seu volume está acima da água. Isto quer dizer que, nesse caso, o autor dá ao leitor a oportunidade de participar da construção da história, uma vez que ele terá de deduzir certas informações e acontecimentos.

Hemingway atribui a imagem que o iceberg traz no nosso inconsciente, aquilo que não está sendo prontamente identificado e processado, aquilo que não é explícito, o não-dito prevalece sobre o dito. Para Hemingway

se o escritor está escrevendo com verdade suficiente, terá uma sensação mais forte do que se o escritor declarasse tais coisas. A dignidade do movimento do iceberg é devida ao fato de apenas um oitavo de seu volume estar acima da água. (1996, p. 192).

Para o autor, em explanação sobre sua própria obra, afirma que se um escritor tem conhecimento preciso do que se propõe a escrever, consequentemente terá

recursos para escolher o que quer e o que não quer revelar. E relaciona esse não dito, esse não revelado, com a imensa parte do iceberg que está submersa.

Cabe para finalizar esse momento, uma frase de Clarice Lispector, que pode ser considerado um mandamento na produção de microcontos:

“Já que se há de escrever, que pelo menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas”.



Figura 3 Clarice Lispector

Fonte da imagem: <<https://www.palomaviricio.com.br/2016/02/20-ilustracoes-sensacionais-de-clarice-lispector.html>>

- ✚ Dando continuidade, sugere-se ser dado a cada aluno um microconto aleatório, e pedir que ele realize uma leitura atenta, e que possa retirar do texto as características que o faz ser um microconto. Nesse momento é interessante que os alunos conversem entre eles e entre o professor as

experiências da construção dos sentidos da história. Para essa etapa, poderá aplicar as atividades abaixo:

Atividade 1

Conforme vimos, os contos possuem 5 categorias narrativas: o narrador, as personagens, o enredo, o tempo e o espaço. Nesta atividade iremos ver que algumas dessas categorias são textualmente reduzidas no microconto, mas isso não atrapalha a leitura e interação do leitor com o texto. De posse do microconto entregue pelo professor o aluno fará a atividade abaixo:

Atividade de caracterização do microconto

a) De posse do microconto recebido, trabalharemos a categoria de personagem. Quantos personagens são envolvidos nessa história? Como você os imagina?

b) Vejamos agora a categoria narrador. O texto pode ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa. Em que pessoa o microconto em questão é narrado? Como é possível saber isso?

c) Com relação às categorias de tempo e espaço. Quanto tempo poderia ter durado a trama narrada no microconto em questão? Como você imagina o cenário em que isso aconteceu?

d) Toda narrativa conta uma história, ou seja, possui um enredo. Com relação a essa categoria, qual o enredo desse microconto?

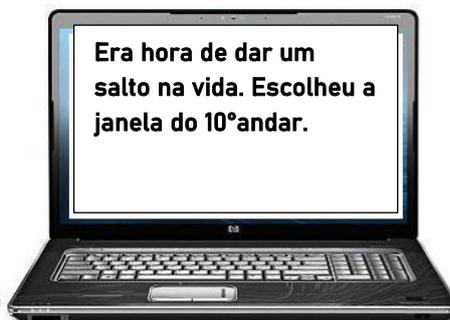
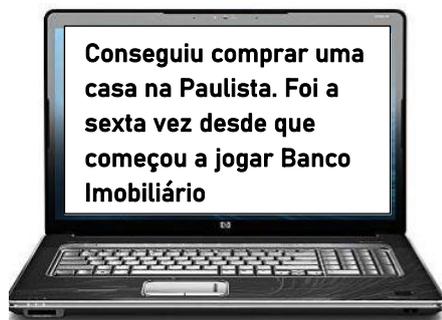
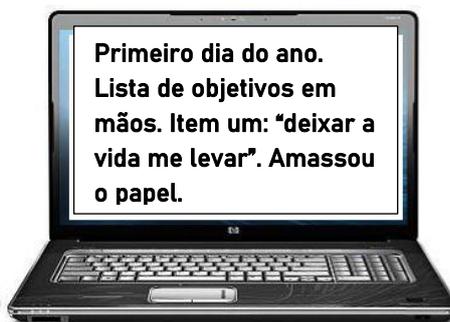
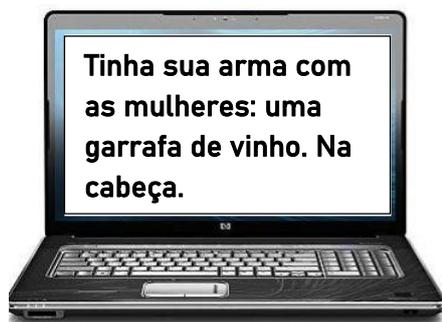
e) Em sua leitura atenta, você identificou alguma ação implícita que o autor quis sugerir? O que você conseguiu perceber nas entrelinhas do texto?

Concluindo...

Terminando esta atividade é possível perceber que o microconto realmente é apenas a ponta de um iceberg. E também é possível perceber que quem constrói os sentidos e detalhes neste gênero é o próprio leitor, o autor tem o papel de dar apenas “pistas”.

Fonte: elaboração própria

Atividade 2



Como já estudado, microconto é a “ponta de um iceberg”, pois por trás dele existe uma história que pode ser imaginada pelo próprio leitor. Cada palavra deve ser muito bem escolhida. Mais que ser um vocábulo em um texto, ela precisa significar muita coisa. Por conta disso, muitas palavras precisam ser usadas no sentido figurado, significando outras coisas que não caberiam em um microconto. Aliás, até aqui você já deve ter percebido o que há de “micro” e o que há de “conto” nos textos.

Realize as atividades abaixo e veja, depois, se sua compreensão foi a mesma de mais algum colega de turma.

Leia os microcontos acima e analise cada expressão e anote no espaço apropriado a sua interpretação para o que cada uma delas representa no texto.

Expressão	Interpretação
Tinha sua arma com as mulheres	
Amassou o papel	
Começou a jogar banco imobiliário	
Escolheu a janela do 10º andar	

Atividade 3

Na sequência, com o objetivo de confrontar vários textos do mesmo gênero a fim de reforçar suas características estruturais, estilísticas e composicionais, pedir aos alunos que se dividam em turmas de dois, três ou quatro, dependendo da quantidade da sala, e escolham dois microcontos para, oralmente, apresentar aos colegas e socializar o seu alcance interpretativo.

Atividade 4

Agora é hora de ir para prática. O que acha de tentar produzir alguns microcontos? Lembre-se, antes de produzir qualquer texto, é preciso refletir sobre o que, como, para quem e para quê escrever. Faça um planejamento mental de seu texto.

Indicamos algumas possibilidades de início para seus microcontos. Tente completa-las. Não se esqueça de ser o mais breve e conciso possível.

- Quando ia trabalhar...

- Abriu os olhos de manhã...

- No ônibus lotado...

Após redigir, leia os microcontos e os compare com os dos seus colegas.

Atividade 5

Sobre cada um dos microcontos, responda sim ou não.

a) É possível perceber algum personagem no microconto?

() Sim () Não

b) É possível identificar um enredo, ou seja, uma história sendo contada?

() Sim () Não

c) O texto possui até 140 caracteres?

() Sim () Não

d) Existe alguma palavra ou expressão que eu possa substituir por outra mais expressiva?

() Sim () Não

-Atenção, para as respostas de A a C, todos os itens devem ser marcados como SIM, portanto, se você marcou alguma como NÃO, retome e veja o que precisa ser alterado.

3º MOMENTO

- ✚ **O próximo momento da sequência didática terá a participação do discente da disciplina de História ou de Sociologia. Propõe aqui a inserção da temática trabalho e suas relações sociais no sistema capitalista vigente, como importante mecanismo de análise social.**

Busca-se com a aula, introduzir conceitos e discussões sobre o tema do trabalho, fazendo com que o aluno seja capaz de compreender a importância do trabalho na sociedade e suas diferentes formas de organização, bem como refletir sobre as relações de trabalho na sociedade capitalista e sobre sua própria condição nessas relações.

A aula terá início com uma discussão sobre as respostas trazidas no questionário aplicado. É possível que os alunos tragam respostas do senso comum, no sentido de que as pessoas trabalham para conseguir dinheiro, e muitas vezes elas não fazem o que gostariam de fazer. Com os alunos pensando nisso, inicia-se a exposição de conceitos do trabalho.



O emprego é uma forma de manifestação do trabalho característica da sociedade capitalista, a qual só foi possível quando o trabalhador passou a ser livre para vender a sua força de trabalho, diferente da escravidão ou da servidão, e também

não possuía os próprios meios de produção. Mas qual a liberdade conseguida pelo trabalhador? Ele pode escolher o que quer fazer? Ele pode escolher quando e quanto tempo vai trabalhar? Ele tem direito sobre aquilo que produz? E se ele resolver não trabalhar? Vejam que a liberdade do trabalhador assalariado é relativa, já que ele não tem alternativa de sobrevivência se não vender seu trabalho. E, nessas condições, ele fica sujeito ao mercado, ou seja, não escolhe o tipo de trabalho, o salário e o tempo que quer trabalhar.

O emprego refere-se a uma relação social de trabalho em que o trabalhador vende a sua força de trabalho (física ou mental) ao dono dos meios de produção em troca de um salário. O emprego (formal) é regido por um contrato que regula quais são as condições e papel de cada uma das partes na relação estabelecida.

Já o trabalho, caracteriza-se por ser uma atividade base da condição humana. Ele sempre existiu em toda a história da humanidade. E é por meio do trabalho que o homem se humaniza. Mas, vocês conhecem outro tipo de trabalho que não o humano? Há animais que trabalham? Qual a diferença entre o trabalho humano e o trabalho animal?

– Diferenciar trabalho animal de trabalho humano

Pode-se utilizar da citação de Marx:

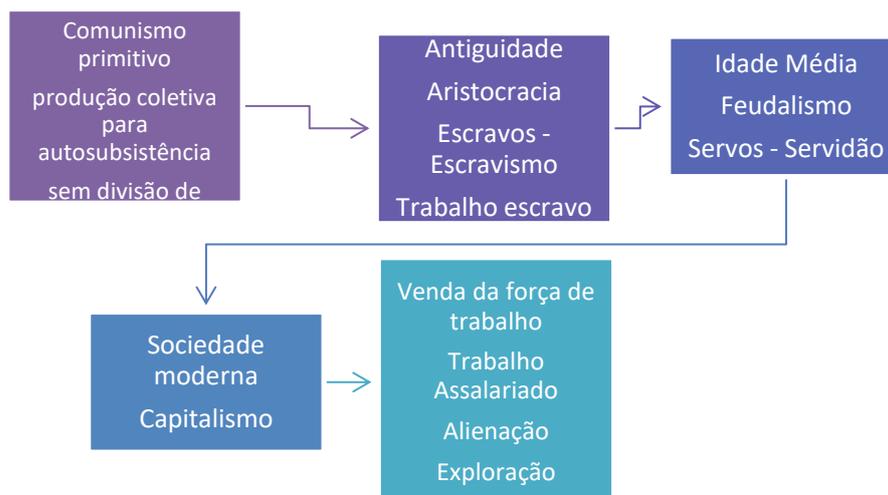
“Uma aranha executa operações que se assemelham às de um tecelão, e a abelha, na construção de suas colmeias, deixa envergonhado mais de um arquiteto. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é isso: o arquiteto projeta sua obra antes de construí-la na realidade. No final de todo processo de trabalho, temos um resultado que já existia na imaginação do trabalhador desde o seu começo”.

Enquanto o trabalho humano é criativo, o trabalho do animal é instintivo. Todos os animais daquela espécie irão realizar o mesmo tipo de trabalho, cujo produto será sempre igual. A formiga irá repetir a mesma atividade que todas as formigas e irá construir seu ninho sempre igual. As casas de joãos de barros serão sempre iguais, ainda que eles não tenham combinados e estejam em diferentes locais, sem que ninguém os tenha ensinado como construir a casa de barro. A mesma coisa a abelha com o mel, e assim sucessivamente.

Sobre esses conceitos, é importante nesse momento explicar ao aluno sobre o caráter essencialmente humano do trabalho e sua função mediadora entre o homem e a natureza.

Diferentemente do animal, o homem é capaz de conceber na sua mente aquilo que quer produzir antes mesmo de executá-lo, por exemplo, pensar num recipiente para armazenar água. A ideia de construir um jarro surge a partir de uma necessidade de guardar água para beber, então, o homem cria um meio de garantir isso, e ele o faz a partir das experiências empíricas que teve no meio onde vive, e das condições materiais que estão a sua disposição (água, barro, mãos). Nesse sentido, o trabalho tem um sentido de criação (o produto do trabalho é inventado pela mente); de transformação (com o seu trabalho o transforma a natureza dando-lhe uma nova forma); e de mediação (o objeto do trabalho serve a uma necessidade na adaptação do homem ao meio).

Em uma perspectiva histórica, percebemos como as concepções de trabalho mudaram nas diferentes sociedades ao longo dos diferentes sistemas de produção. Nesse sentido, o professor deverá demonstrar aos alunos como o trabalho ao longo do tempo e da divisão da sociedade em classes, perdeu o caráter acima descrito de realização humana para sua exploração.



Exibição do curta-metragem “O emprego”

Como próxima etapa, pretende-se que o aluno seja levado a sentir e a discutir a visão negativa que a categoria trabalho se transformou no sistema capitalista, e será exibido o curta-metragem “O emprego” de Santiago Bou Grasso (2008) cujo filme discute, grosso modo, a relação homem e trabalho na sociedade capitalista, mostrando que o homem é um mero objeto que cumpre funções de forma passiva. Assim, o homem não desenvolve as suas potencialidades e encontra-se impossibilitado de perceber que está submetido aos próprios produtos que cria.



Sem palavras, sem música e em apenas 6 min, **El Empleo** consegue dar conta de retratar um mundo em que não se sabe bem o limite entre os objetos e os seres. A partir da simples rotina de um homem, a animação nos mostra a complexidade das relações de trabalho no mundo contemporâneo e mostra aquilo que normalmente está invisível. Quantas pessoas trabalharam para que tenhamos o nosso café da

manhã todos os dias, as nossas roupas, ou pudéssemos fazer nossos inúmeros trajetos diários? E, principalmente, até que ponto refletimos qual o sentido de nossas funções em toda essa complexa engrenagem?

Figura 4 Imagem do curta-metragem "O emprego"

Fonte: < <http://www.francamentequerida.com.br/o-emprego-curta-critica/> >

Para que os alunos sintam o impacto da obra, o mesmo deverá ser exibido sem qualquer introdução.

Após a exibição do curta-metragem, seguindo o roteiro proposto, devem ser inseridas oralmente algumas questões para os alunos, no intuito de observar como foi sua reflexão a respeito do filme e criar um debate sobre ele.

Reflexões sobre o curta-metragem “O Emprego”

✓ Sobre o que a obra está refletindo?

✓ <i>Quais os questionamentos propostos e como está organizado o mundo retratado na obra?</i>
✓ <i>Essa organização valoriza o ser humano ou o transforma em objeto?</i>
✓ <i>Quais as condições em que o trabalho presente no filme se desenvolve?</i>
✓ <i>Os alunos acreditam que essa representação corresponde ao mundo que observam em seu dia a dia?</i>
✓ <i>Como as cores, os sons e os desenhos dos personagens contribuem para a construção do efeito melancólico e desumanizado?</i>

Fonte: elaboração própria

✚ Concluindo a proposta, baseando-se nos estudos em sala de aula acerca dos microcontos e do trabalho, solicita-se aos alunos que redijam seus próprios microcontos, agora de forma conceituada e contextualizada.

4º MOMENTO

Como etapa final da proposta didática, baseando-se nos estudos em sala de aula, solicitar aos alunos que redijam seus próprios microcontos de forma conceituada e contextualizada com a temática estudada. Importante que nesse momento o docente relembre os elementos necessários à sua produção.

Após o término dessa atividade, o professor pedirá aos alunos que façam a leitura de seus textos com os colegas de sala, para que de maneira coletiva, os sentidos das produções possam ser construídos com a turma.

Posteriormente, caberá ao professor investigar e analisar se a sequência didática, no que concerne a apropriação dos conhecimentos tratados em aula, cumpriu seus objetivos.

Concluindo a sequência didática, como sugestão, seria importante que, tendo a anuência dos responsáveis pelos discentes via termo de consentimento, seja feita a compilação dos microcontos confeccionados para que sejam publicizados nas mídias que a instituição escolar oferece, constituindo-se em repositório e memorial da atividade.

É importante que haja replicação dessas atividades em outras turmas, de forma a encarar a produção textual dos alunos como atividade interlocutória não apenas do professor como seu único destinatário, e para isso uma possibilidade é de que os microcontos criados possam ser utilizados, por exemplo, como **DESENCADEADOR DE NOVAS DISCUSSÕES** sobre o trabalho nas aulas de História ou Sociologia, e possam funcionar, também, como material de apoio para os estudos dos textos narrativos que compõe o conteúdo programático do curso nas aulas de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

AMANUR. Disponível em: <http://amanur.blogspot.com.br/2014/10/a-teoria-do-ice-berg-de-hemingway.html>. Acesso em: 03 de dezembro de 2017

FREIRE, Marcelino (Org.) **Os cem menores contos brasileiros do século**. Cotia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

LUZIA DE MARIA, **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANACORDA, Mario. A. **Marx e a pedagogia moderna**. 3.ed. Campinas. Editora Alínea, 2017.

MESQUITA, S. **Dois palitos**. 2010. Disponível em: Acesso em: 02 abr. 2019.

NETO, João Cabral de. **João Cabral de Melo Neto**. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/a/b/308D3.jpg>. Acesso em: 20/07/2020

PANERARI, Vanessa. **O Emprego, curta-metragem argentino de 2008, trata da coisificação do humano**. Disponível em: <http://www.francamentequerida.com.br/o-emprego-curta-critica/>. Acesso em: 25/07/2020

RIBEIRO, Thaís. **Ernest Hemingway: frases traduzidas do escritor americano**. Disponível em: <https://www.teclasap.com.br/ernest-hemingway/>. Acesso em: 20/07/2020

ROSSATTO, Edson. **Cem toques cravados**. 23.ed.rev.e ampl. São Paulo: Editora Europa, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da politecnia: trabalho, educação e saúde.** *Revista da epsjv/fiocruz*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 131-52, 2003.

_____. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.** *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 12, n. 34, 2007, p. 152-165.

SEABRA, Carlos. **Microcontos do Carlos.** 2005. Disponível em: <<http://microcontosdocarlosblogspot.com.br/>> Acesso em: 19 de dezembro de 2019.

SPALDING, Marcelo. **O protagonismo do leitor no miniconto contemporâneo.** *Revista EnciQlopédia*. Osório, nº1, vol.9, pgs. 58-69, out.2012.

VIRICIO, Palome. **20 ilustrações sensacionais de Clarissa Lispector.** Disponível em: <https://www.palomaviricio.com.br/2016/02/20-ilustracoes-sensacionais-de-clarice-lispector.html>. Acesso em: 20/07/2020

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO



QUESTIONÁRIO

Gênero textual: Microconto

1 - Você conhece o gênero textual microconto?

() Sim () Não

2 - Explique o que você entende por ele.

3 - Você já escreveu algum microconto?

() Sim () Não

4 - Como foi essa experiência?

5- Você gosta de produzir textos?

() Sim () Não

6 - De qual(is) gênero(s)?

7 - Costuma compartilhá-los?

() Sim () Não

8 – Onde?

9 - Com quem?

10 - Você se sentiria motivado em sua aprendizagem, se textos escritos por você e seus colegas pudessem ser discutidos em outras disciplinas, como a de História por exemplo? Justifique.

Assunto: Trabalho

11- Para você o que é trabalho?

12 - Na sua visão, quais são os aspectos positivos e negativos do trabalho?

13 - Você acredita haver relação entre educação e trabalho? Como você explicaria essa relação?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



**Instituto Federal
São Paulo**
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O aluno(a) _____, matriculado(a) sob o número _____ está sendo convidado(a) para participar da pesquisa "O uso de microcontos sobre o trabalho, como recurso didático em aula de história e português. O objetivo desse estudo é desenvolver e validar uma proposta didática interdisciplinar construída a partir de microcontos, que possa ser utilizada como recurso auxiliar nas aulas de Língua Portuguesa e História do 1º ano do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus Araraquara. Você foi selecionado (a) porque faz parte da turma do 1º ano do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus Araraquara, o qual será lócus da pesquisa, sendo que a participação não é obrigatória, nem remunerada. A qualquer momento pode-se desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. Tal recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. A participação do(a) aluno(a) nessa pesquisa consistirá, inicialmente, em responder um questionário diagnóstico acerca de sua compreensão sobre o gênero literário microconto e sobre o tema "trabalho", e também em participar das atividades em sala de aula das disciplinas de Língua Portuguesa e História que abarcarão esses dois assuntos, sendo observadas por este pesquisador. São mínimos os riscos relacionados à participação, tanto no que se refere aos aspectos físicos, psíquicos, quanto morais, ou seja, constrangimento ao responder o questionário da pesquisa, redução da liberdade, desgaste no raciocínio, alteração no comportamento social, extravio de informações ou algum tipo de desrespeito a sua privacidade. No entanto, para evitar qualquer tipo de desconforto, será garantido o direito dos(as) participantes retirarem, a qualquer momento, informações que não queiram explicitar. Para isso, todos os dados produzidos durante a pesquisa serão compartilhados com o aluno(a). Serão retomados, nessa ocasião, os objetivos que esse trabalho propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa trará. A participação do aluno(a) nessa pesquisa terá como provável benefício a melhoria na educação profissional e tecnológica da qual faz parte, uma vez que a sequência didática proposta poderá se tornar uma atividade sistemática do trabalho docente/discente no IFSP – Câmpus Araraquara. Além disso, como a pesquisa trabalhará com a produção de microcontos, uma vez que exista a aceitação por parte dos envolvidos, tais micronarrativas poderão compor publicações em sites e em redes sociais para divulgação do projeto de forma a constituir-se em repositório e memorial das atividades. Inclusive a produção desses textos poderá ser utilizada em produtos educacionais que possam vir a serem produzidos a partir desta pesquisa, sendo dado os devidos créditos aos participantes, desde que haja sua anuência.

Todas as informações obtidas por meio da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, eles serão fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações como livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos, impossibilitando sua identificação, a não ser que de comum acordo quanto aos créditos da produção dos microcontos.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e em vídeo das entrevistas, bem como a realização de fotos durante as atividades do projeto. As gravações realizadas serão transcritas pelo pesquisador garantindo o máximo de fidelidade às gravações e imagens. Depois de transcrita, será apresentada aos participantes para validação das informações. Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

PROFª Dr. EDUARDO ANDRÉ MOSSIN
Orientador
E-mail: andreiadi@ifsp.edu.br
Rua Américo Ambrósio, 269, Jd. Canaã - Sertãozinho
Telefone: (16) 3946-1170

GUILHERME FRANCISCO LOPES
Estudante de Pós-Graduação
E-mail: gflopes@ifsp.edu.br
Rua Bahia, nº 2791, Vila Xavier – Araraquara
Telefone: (16) 99721-7009

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 3775-4569
E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Responsável Legal do Participante da Pesquisa

Assinatura e nome

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa "O uso de microcontos sobre o trabalho, como recurso didático em aula de história e português. O objetivo desse estudo é desenvolver e validar uma proposta didática interdisciplinar construída a partir de microcontos, que possa ser utilizada como recurso auxiliar nas aulas de Língua Portuguesa e História do 1º ano do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus Araraquara. Você foi selecionado (a) porque faz parte da turma do 1º ano do Curso Técnico em Informática integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus Araraquara, o qual será lócus da pesquisa, sendo que sua participação não é obrigatória, nem remunerada. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Sua participação nessa pesquisa consistirá, inicialmente, em responder um questionário diagnóstico acerca de sua compreensão sobre o gênero literário microconto e sobre o tema "trabalho", e também em participar das atividades em sala de aula das disciplinas de língua portuguesa e história que abarcarão esses dois assuntos, sendo observadas por este pesquisador. São mínimos os riscos relacionados à participação, tanto no que se refere aos aspectos físicos, psíquicos, quanto morais, ou seja, constrangimento ao responder o questionário da pesquisa, redução da liberdade, desgaste no raciocínio, alteração no comportamento social, extravio de informações ou algum tipo de desrespeito a sua privacidade. No entanto, para evitar qualquer tipo de desconforto, será garantido o direito dos(as) participantes retirarem, a qualquer momento, informações que não queiram explicitar. Para isso, todos os dados produzidos durante a pesquisa serão compartilhados com você. Serão retomados, nessa ocasião, os objetivos que esse trabalho propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa trará. Sua participação nessa pesquisa terá como provável benefício a melhoria na educação profissional e tecnológica da qual faz parte, uma vez que a sequência didática proposta poderá se tornar uma atividade sistemática do trabalho docente/discente no IFSP – Câmpus Araraquara. Além disso, como a pesquisa trabalhará com a produção de microcontos, uma vez que exista a aceitação por parte dos envolvidos, tais micronarrativas poderão compor publicações em sites e em redes sociais para divulgação do projeto de forma a constituir-se em repositório e memorial das atividades. Inclusive a produção desses textos poderá ser utilizada em produtos educacionais que possam vir a serem produzidos a partir desta pesquisa, sendo dado os devidos créditos aos participantes, desde que haja sua anuência.

Todas as informações obtidas por meio da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, eles serão fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações como livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos, impossibilitando sua identificação, a não ser que de comum acordo quanto aos créditos da produção dos microcontos.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e em vídeo das entrevistas, bem como a realização de fotos durante as atividades do projeto. As gravações realizadas serão transcritas pelo pesquisador garantindo o máximo de fidelidade às gravações e imagens. Depois de transcrita, será apresentada aos participantes para validação das informações. Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

PROFª Dr. EDUARDO ANDRÉ MOSSIN
Orientador
E-mail: andreiadi@ifsp.edu.br
Rua Américo Ambrósio, 269, Jd. Canaã - Sertãozinho
Telefone: (16) 3946-1170

GUILHERME FRANCISCO LOPES
Estudante de Pós-Graduação
E-mail: gflopes@ifsp.edu.br
Rua Bahia, nº 2791, Vila Xavier – Araraquara
Telefone: (16) 99721-7009

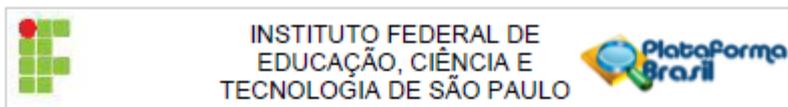
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 3775-4569
E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Responsável Legal do Participante da Pesquisa
 Assinatura e nome

Participante da Pesquisa
 Assinatura e nome

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/IFSP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O uso de microcontos sobre o tema “trabalho” como recurso didático em aulas de História e Língua Portuguesa

Pesquisador: GUILHERME FRANCISCO LOPES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92200618.0.0000.5473

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE SAO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.839.172

Apresentação do Projeto:

O projeto de mestrado tem como proposta o desenvolvimento e a validação de uma proposta didática construída a partir de microcontos com a temática do trabalho, de acordo com as bases conceituais da Educação Profissional e Tecnológica, para que possa ser utilizada como recurso auxiliar nas aulas de História e Língua Portuguesa do 1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFSP, no Câmpus Araraquara. O estudo apresentará abordagem qualitativa, sendo utilizada como tipo de pesquisa a pesquisa-ação. Nesse sentido, será observada a sequência de atividades pedagógicas de um determinado grupo, situado em um cenário próprio.

O estudo busca compreender de que forma a leitura e produção de microcontos no contexto escolar, sobre o tema “trabalho”, podem ajudar na formação do pensamento crítico do aluno. A abordagem metodológica para a coleta dos dados será feita pela observação participante e questionários semiestruturados. Esses instrumentos ajudarão na mensuração da criticidade dos alunos ao longo do processo.

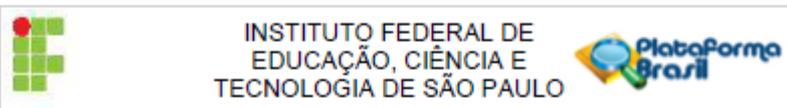
Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o autor:

Objetivo Primário:

Desenvolver e validar uma proposta didática Interdisciplinar construída a partir de microcontos,

Endereço: Rua Pedro Vicente, 625
Bairro: Carindé **CEP:** 01.109-010
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3775-4665 **Fax:** (11)3775-4570 **E-mail:** cep_ifsp@ifsp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.039.172

que possa ser utilizada como recurso auxiliar nas aulas de História e Língua Portuguesa do 1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFSP – Câmpus Araraquara

Objetivo Secundário:

Compilar os microcontos produzidos pelos alunos para serem aplicados em outras turmas para desencadeamento de discussões;

Contribuir para que a pesquisa funcione como um instrumento que proporcione benefícios em termos educacionais, sociais e culturais;

Desenvolver o ensino e a prática da produção de microcontos, promovendo no aluno autonomia, criatividade e criticidade;

Avaliar junto aos alunos e professores as potencialidades e limitações dos microcontos propostos na sequência didática;

Criar um blog ou página no Facebook para divulgação do projeto, constituindo-se em repositório e memorial da atividade;

Incentivar a participação do alunado no concurso cultural de microcontos realizado na Semana do Livro e da Biblioteca no IFSP- Câmpus Araraquara.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

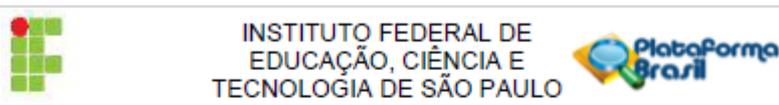
Riscos:

São mínimos os riscos relacionados à participação, tanto no que se refere aos aspectos físicos, psíquicos, quanto morais, ou seja, constrangimento ao responder o questionário da pesquisa, redução da liberdade, desgaste no raciocínio, alteração no comportamento social, extravio de informações ou algum tipo de desrespeito a sua privacidade. No entanto, para evitar qualquer tipo de desconforto, será garantido o direito dos(as) participantes retirarem, a qualquer momento, informações que não queiram explicitar.

Benefícios:

A participação na pesquisa terá como provável benefício a melhoria na educação profissional e tecnológica. Além disso, como a pesquisa trabalhará com a produção de microcontos, uma vez que exista a aceitação por parte dos envolvidos, tais micronarrativas poderão compor publicações em sites e em redes sociais para divulgação do projeto de forma a constituir-se em repositório e memorial das atividades. Poderá haver, também, a participação dos alunos no concurso cultural de microcontos realizado na Semana do Livro e da Biblioteca que ocorre anualmente no IFSP-Câmpus Araraquara. A produção desses textos poderá ser utilizada em produtos educacionais que possam

Endereço: Rua Pedro Vicente, 625
 Bairro: Carindé CEP: 01.109-010
 UF: SP Município: SÃO PAULO
 Telefone: (11)3775-4665 Fax: (11)3775-4570 E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.839.172

vir a serem produzidos a partir desta pesquisa, sendo dado os devidos créditos aos participantes, desde que haja sua anuência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo busca compreender de que forma a leitura e produção de microcontos no contexto escolar, sobre o tema "trabalho", podem ajudar na formação do pensamento crítico do aluno e motivá-lo à produção da escrita. A abordagem metodológica para a coleta dos dados será feita pela observação participante e questionários semiestruturados. Preliminarmente será utilizado um questionário diagnóstico (Anexo 1), cujas questões possam subsidiar a pesquisa na tentativa de averiguar quais os conceitos prévios que os alunos-alvo do projeto trazem sobre o gênero textual microconto e sobre o trabalho. Desse modo, esse instrumento ajudará na mensuração da criticidade ao longo do processo.

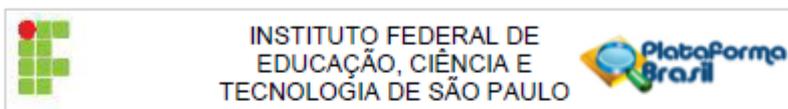
Primeiro momento: Será feito um levantamento, via questionário diagnóstico, dos conhecimentos prévios dos discentes a respeito dos saberes que trazem acerca dos microcontos e do que entendem por trabalho. Segundo momento: O professor de Língua Portuguesa apresentará situações de leitura e compreensão de texto e a explicitação das principais características dos microcontos, naquilo que se assemelham e diferenciam-se de outros gêneros literários, como exemplo, o romance, o conto e a crônica. A leitura de alguns microcontos se dará de maneira coletiva, assim como a construção dos sentidos da história. Em seguida, o professor instigará os alunos a lerem os que mais chamaram a atenção deles, e posteriormente comentarem suas impressões sobre a existência desse gênero.

Terceiro momento: Concomitantemente, o professor de História trabalhará com os alunos o trabalho e sua formação até os dias atuais do capitalismo sob as concepções.

Quarto momento: A posteriori, baseando-se nos estudos em sala de aula acerca dos microcontos e do trabalho, o professor convocará os alunos a redigirem seus próprios microcontos, agora de forma conceituada e contextualizada. O professor relembra aos alunos os elementos necessários para sua produção e em seguida irá instigá-los a escreverem suas produções.

O material construído pelos alunos será utilizado em outras turmas como desencadeador de novas discussões sobre o trabalho, nas aulas de História ou quaisquer outras que insiram o tema, também subsidiando o estudo de textos narrativos nas aulas de Língua Portuguesa. Dessa forma,

Endereço: Rua Pedro Vicente, 625
 Bairro: Carindé CEP: 01.109-010
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3775-4665 Fax: (11)3775-4570 E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.639.172

por meio da compilação dos microcontos produzidos, outras turmas poderão confeccionar micronarrativas temáticas para suscitarem novas discussões, inclusive com diferentes temas e assim por diante.

A pesquisa será realizada nos horários das aulas regulares, e em sala de aula, aqueles alunos que, por sua vontade, não aceitarem participar da pesquisa, farão as mesmas atividades dos participantes, porém, sem serem utilizadas para a pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou os termos obrigatórios: TCLE, TALE e um TCLE para os professores. Nele constam as informações importantes para a proteção dos participantes na pesquisa.

No TCLE, que será assinado pelo responsável, consta "você está sendo convidado", e não que o menor sob sua responsabilidade. Os professores que irão participar como mediadores na sala de aula também irão assinar um TCLE próprio, caso concordem em participar.

Recomendações:

Deixar claro como os questionários serão armazenados e descartados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No cronograma enviado a primeira etapa da pesquisa será realizada no mês de agosto. Deixar claro que só será realizada após a aprovação do CEP.

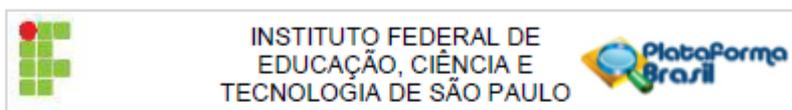
No TCLE, que será assinado pelo responsável, consta "você está sendo convidado", trocar por "o menor sob sua responsabilidade está sendo convidado".

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1147394.pdf	07/08/2018 10:37:23		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_Guilherme_Lopes.pdf	07/08/2018 09:56:27	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_PROFESSORES.pdf	07/08/2018 09:52:22	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito

Endereço: Rua Pedro Vicente, 525
 Bairro: Canindé CEP: 01.109-010
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3775-4665 Fax: (11)3775-4570 E-mail: cep_ftsp@ftsp.edu.br



Continuação do Parecer: 2.839.172

Justificativa de Ausência	TCLE_PROFESSORESS.pdf	07/08/2018 09:52:22	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ALUNOSS.pdf	07/08/2018 09:51:26	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_RESPONSAVEISS.pdf	07/08/2018 09:50:59	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_Guilherme_Lopes.pdf	09/06/2018 00:29:38	GUILHERME FRANCISCO LOPES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 23 de Agosto de 2018

Assinado por:
Camila Collpy Gonzalez Fernandez
(Coordenador)

Endereço: Rua Pedro Vicente, 625
Bairro: Carindé CEP: 01.109-010
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3775-4665 Fax: (11)3775-4570 E-mail: cep_fsp@fsp.edu.br